

PUCRS

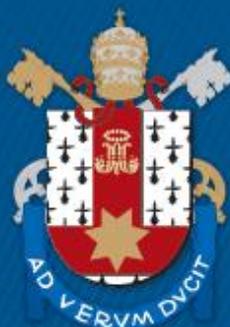
ESCOLA DE HUMANIDADES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS  
DOUTORADO EM LETRAS – TEORIA DA LITERATURA

ANA CAROLINA SCHMIDT FERRÃO

**A PUTREFAÇÃO DAS FLORES:**  
A MATERNIDADE NA LITERATURA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA

Porto Alegre  
2022

PÓS-GRADUAÇÃO - *STRICTO SENSU*



Pontifícia Universidade Católica  
do Rio Grande do Sul

ANA CAROLINA SCHMIDT FERRÃO

**A PUTREFAÇÃO DAS FLORES:**  
A MATERNIDADE NA LITERATURA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA

Defesa de Doutorado apresentada ao  
Programa de Pós-Graduação em Letras,  
da Pontifícia Universidade Católica do  
Rio Grande do Sul (PUCRS).

Área de concentração: Teoria da  
Literatura.

Orientador: Prof. Dr. Ricardo Araújo Barberena

Porto Alegre  
2022

## Ficha Catalográfica

F399p Ferrão, Ana Carolina Schmidt

A Putrefação das Flores : a maternidade na literatura brasileira contemporânea / Ana Carolina Schmidt Ferrão. – 2022.

147.

Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Letras, PUCRS.

Orientador: Prof. Dr. Ricardo Araújo Barberena.

1. Maternidade. 2. Representação. 3. Literatura brasileira. I. Barberena, Ricardo Araújo. II. Título.

ANA CAROLINA SCHMIDT FERRÃO

**A PUTREFAÇÃO DAS FLORES: A MATERNIDADE NA LITERATURA  
BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA**

Tese apresentada como requisito para a obtenção do grau de Doutor pelo Programa de Pós-Graduação da Escola de Humanidades – Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Área de Concentração: Teoria da Literatura

Aprovado em: 29 de junho de 2022.

**BANCA EXAMINADORA:**

---

Prof. Dr. Ricardo Araújo Barberena (Presidente) – PUCRS

---

Prof. Dr. Altair Teixeira Martins – PUCRS

---

Profa. Dra. Janaína de Azevedo Baladão de Aguiar – PUCRS

---

Profa. Dra. Rosângela Fachel de Medeiros – UFPel

---

Prof. Dr. João Anzanello Carrascoza – USP

Porto Alegre

2022

*À Dinda Gil, que sempre adorou ouvir e ler as minhas histórias.  
Eu sei que um dia nos reencontraremos.*

## AGRADECIMENTOS

É preciso uma aldeia inteira para criar uma criança, é o que dizem.

Sim, é preciso também uma aldeia inteira para criar uma criança e uma Tese ao mesmo tempo.

Eu agradeço a todas as pessoas que formaram essa aldeia e aos Orixás por terem as colocado em meu caminho.

Eu os saúdo, de Bará a Oxalá, por todas as luzes que acenderam para mim.

Agradeço aos meus pais, Miguel e Lúcia, por toda ajuda, amor e dedicação, por serem o meu suporte em meio ao caos. Dizer que nada seria possível sem vocês é um grande clichê e a maior das verdades.

Agradeço as minhas queridas dinda Gil (*in memoriam*) e dinda Cris, por acreditarem em mim e por torcerem para que eu alcançasse meus objetivos. Vocês foram e sempre serão fundamentais na minha vida.

Aos meus sogros, Neli e Manoel, por tantas vezes terem ficado com o Arthur e ajudado em tudo que fosse possível.

Ao meu marido, Rafael, que acompanhou cada etapa da criação desses filhos (de papel e de carne), que ouviu textos infinitas vezes e aguentou o meu estresse.

Ao Arthur, meu filho amado, que suscitou redemoinhos e entrou como objeto nessa pesquisa. Que ele saiba que a maternidade é difícil, mas ele é perfeito.

Agradeço ao meu orientador, Prof. Dr. Ricardo Araújo Barberena, por ajudar a construir a minha trajetória acadêmica, por ter me acolhido com tanto afeto e apoio, por ser mestre e amigo.

À Luiza Rabello, a artista que diagramou e fez a capa desse trabalho de forma tão linda e generosa.

Aos meus colegas e amigos, por todas as conversas e leituras, por toda ajuda e amizade.

Bruna, Stéfanie, Ricieri, André, Francisco, Lindsay, Camila, Iohana, Rayza, Annelise, Marina, Michel, Edcleberton, Martina e Aline, vocês são incríveis.

Às minhas afilhadas Marina e Isabela, minhas princesas.

Aos meus familiares: Douglas, Tia Sônia, Dindo César, vó Medora, vó Maria (*in memoriam*), vó Leopoldo (*in memoriam*), obrigada por tudo.

Agradeço ao CNPq<sup>1</sup> pela concessão da bolsa de Doutorado com a qual desenvolvi esta pesquisa.

---

<sup>1</sup> O presente trabalho foi realizado com apoio do CNPq, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - Brasil.

*Uma gota de leite  
me escorre entre os seios.  
Uma mancha de sangue  
me enfeita entre as pernas.  
Meia palavra mordida  
me foge da boca.  
Vagos desejos insinuam esperanças.  
Eu-mulher em rios vermelhos  
inauguro a vida.  
Em baixa voz  
violento os tímpanos do mundo.  
Antevejo.  
Antecipo.  
Antes-vivo  
Antes – agora – o que há de vir.  
Eu fêmea-matriz.  
Eu força-motriz.  
Eu-mulher  
abrigo da semente  
moto-contínuo  
do mundo.*

*Conceição Evaristo*

## RESUMO

Pesquisas como a de Regina Dalcastagné vêm apontando as limitações e os rótulos que compõem as mulheres das narrativas. A representação literária tem o poder de reforçar ou romper com os estereótipos sociais – salvas as ocasiões em que as reproduções de estigmas constituem estratégias narrativas para críticas e denúncias – a construção da personagem implicará no reflexo de um determinado discurso. A representação da personagem mulher, por sua vez, corresponde inúmeras vezes a uma série de estereótipos, que se encarregam de garantir o controle e a opressão de sua voz, seu corpo e sua subjetividade, inserindo-a num padrão imposto socialmente. Nesse sentido, a figura da mãe é historicamente configurada sob um viés idealizado, santificado e — como todo estereótipo — limitante. Inserido nesse debate, o presente trabalho busca analisar as obras “Uma Duas”, de Eliane Brum, “A morte de Paula D.”, de Brisa Paim, “O peso do pássaro morto”, de Aline Bei, “Quarenta dias”, de Maria Valéria Rezende, “A vida invisível”, de Eurídice Gusmão e “A Chave de Casa”, de Tatiana Salem Levy. No intuito de observar como a Literatura Brasileira Contemporânea escrita por mulheres aborda a maternidade e a mãe, pois como afirma Dalcastagné (2010, p. 42), "O termo chave, nesse conjunto de discussões, é "representação", que sempre foi um conceito crucial dos estudos literários, mas que agora é lido com maior consciência de suas ressonâncias políticas e sociais". As obras serão lidas a partir de minha perspectiva feminista em diálogo com aportes teóricos que sustentem o estudo de temas como subjetividade, estereótipo, identidade, performances de gênero, por meio de autores como Elisabeth Badinter, Judith Butler, Stuart Hall, Homi Bhabha e Pierre Bourdieu. Para tal, traremos uma retrospectiva de representações da figura materna em obras clássicas da História da Literatura nacional, observando as características, semelhanças e rupturas na elaboração da personagem mãe, no intuito de constatar a ruptura com a representação sacralizada, fixa e desumanizante da maternidade. Em consonância com essas discussões apresento ainda uma coletânea de narrativas curtas de minha autoria, bem como cartas endereçadas a meu filho, inserindo assim o viés ficcional do trabalho.

**Palavras-chave:** maternidade, representação, literatura brasileira.

## RESUMEN

Investigaciones como la de Regina Dalcastagné vienen señalando las limitaciones y etiquetas que configuran a las mujeres en las narrativas. La representación literaria tiene el poder de reforzar o romper con los estereotipos sociales -salvo las ocasiones en que la reproducción de estigmas constituyen estrategias narrativas de crítica y denuncia-, la construcción del personaje implicará el reflejo de un determinado discurso. La representación del personaje femenino, a su vez, corresponde en innumerables ocasiones a una serie de estereotipos, los cuales se encargan de garantizar el control y opresión de su voz, su cuerpo y su subjetividad, insertándola en un patrón socialmente impuesto. En este sentido, la figura de la madre se configura históricamente bajo un sesgo idealizado, santificado y, como todo estereotipo, limitante. Insertado en ese debate, el presente trabajo busca analizar las obras “Uma Duas”, de Eliane Brum, “A morte de Paula D.”, de Brisa Paim, “O peso do Pássaro Morado”, de Aline Bei, “Quarenta dias”, de Maria Valéria Rezende, “A vida invisível”, de Eurídice Gusmão y “A Chave de Casa”, de Tatiana Salem Levy. Para observar cómo la Literatura Brasileña Contemporánea escrita por mujeres aborda la maternidad y la madre, porque como afirma Dalcastagné (2010, p. 42), "El término clave, en este conjunto de discusiones, es "representación", que siempre ha sido un concepto crucial de los estudios literarios, pero que ahora se lee con mayor conciencia de sus resonancias políticas y sociales". Las obras serán leídas desde mi perspectiva feminista en diálogo con aportes teóricos que sustentan el estudio de temas como la subjetividad, el estereotipo, la identidad, las performances de género, a través de autoras como Elisabeth Badinter, Judith Butler, Stuart Hall, Homi Bhabha y Pierre Bourdieu. Para ello, traeremos una retrospectiva de las representaciones de la figura materna en obras clásicas de la Historia de la Literatura Nacional, observando las características, semejanzas y rupturas en la elaboración del personaje materno, a fin de constatar la ruptura con lo sagrado, representación fija y deshumanizante de la maternidad. En línea con estas discusiones, también presento una colección de relatos breves propios, así como cartas dirigidas a mi hijo, insertando así el sesgo ficcional de la obra.

**Palabras-clave:** maternidad, representación, literatura brasileña.

**LISTA DE CARTAS**

Carta número 1 ou “aquela carta que vou esconder do Arthur”.....	18
Carta número 2 ou “aquela carta que escrevi amamentando”.....	38
Carta número 3 ou “aquela carta em que desabafei”.....	44
Carta número 4 ou “aquela carta em que descobri que sou culpada”.....	54
Carta número 5 ou “aquela carta em que me frustrei”.....	85
Carta número 6 ou “aquela carta que escrevi chorando”.....	142

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>CESÁREA: AQUILO QUE NASCE PELO CORTE</b> .....	Erro! Indicador não definido.
<b>2</b>	<b>PARTO NORMAL: AQUILO QUE É IDEAL</b> .....	<b>22</b>
<b>3</b>	<b>EPISIOTOMIA: AQUILO QUE SANGRA</b> .....	<b>40</b>
<b>4</b>	<b>DILATAÇÃO: AQUILO QUE EXPANDE</b> .....	<b>46</b>
<b>5</b>	<b>AMAMENTAÇÃO: AQUILO QUE SUGA</b> .....	<b>55</b>
5.1	LIVRE DEMANDA.....	58
5.2	MASTITE .....	71
5.3	DESMAME.....	79
<b>6</b>	<b>DILATAÇÃO: AQUILO QUE EXPANDE</b> .....	Erro! Indicador não definido.
<b>8</b>	<b>ÚTERO: AQUILO QUE CRIA</b> .....	<b>88</b>
	REFERÊNCIAS .....	144

## 1 CESÁREA: AQUILO QUE NASCE PELO CORTE

*Para uma mãe, não importa o quanto o filho esteja bem, há sempre algo a ser feito.  
Um gesto que carregue a ilusão de salvar o filho de todas as dores do mundo.*  
Giovana Madalosso

*Ora, tanto quanto me permite minha lucidez, sei que escrevo para contentar um desejo (no sentido forte): o Desejo de Escrever. Não posso dizer que o Desejo é a origem do Escrever, pois não me é dado conhecer inteiramente meu Desejo e esgotar sua determinação: um Desejo sempre pode ser o substituto de outro, e não compete a mim, sujeito cego, mergulhado no imaginário, explicar meu Desejo até seu dado original; só posso dizer que o Desejo de escrever tem um ponto de partida, que posso localizar. Esse ponto de partida é o prazer, o sentimento de alegria, de júbilo, de satisfação, que me dá a leitura de certos textos, escritos por outros.*  
Escrevo porque li.  
Roland Barthes

Que sina essa, a de escrever enquanto o mundo afunda. Em 2016 escrevi a dissertação de mestrado. No ano do golpe, em que direitos começaram a ser perdidos, eu escrevia sobre o direito das trabalhadoras sexuais em existirem, terem voz. Agora, ano de pandemia, de governo Bolsonaro, de ministério de Damares, escrevo mais uma vez sobre os estereótipos imputados às mulheres. Questiono *performances de gênero*<sup>2</sup>. Um destino pautado em ir contra a maré. Mas não é essa uma das forças do campo das Humanidades? Em uma aula, o professor Ricardo Timm disse que as Humanidades são a última barreira contra a tsunami do horror. Nunca esqueci. Tenho tentado ser parte dessa barreira incansavelmente, ainda que a tsunami cresça a cada ano. Retrocessos brutais têm nos perseguido e amedrontado.

Embora não tenha sido esse o principal motor da temática que, por fim, reclamou este trabalho. O projeto de Doutorado com o qual fui aprovada na seleção era, na verdade, uma continuidade da pesquisa realizada no Mestrado. No entanto, quis Exu que os caminhos fossem outros. Não consegui fugir dessa filha Tese que se impôs, exigente como todos os rebentos, que jamais se saciam de arrancar tudo às mães, assim ela determinou-se por tratar da maternidade. Dessa vez, não porque eu quis, mas porque não consegui não fazê-lo. Segundo Barthes, para que o trabalho de investigação possua sentido ele “deve ser colhido no desejo. Se esse desenvolvimento se não realiza, o trabalho é moroso, funcional, alienado, movido unicamente pela necessidade de passar um exame, de obter um diploma, de assegurar uma

---

<sup>2</sup> “Consideremos o gênero, por exemplo, como um estilo corporal, um “ato”, por assim dizer, que tanto é intencional como performativo, onde “performativo” sugere uma construção dramática e contingente do sentido” (Butler, 2017, p.240).

promoção de carreira” (2004, p. 79). Pergunto-me se o trabalho pode ser também colhido na incapacidade. Sim, no completo fracasso em silenciar uma parte de si mesmo, que, se não por prazer, por alívio da dor, é preciso compartilhar.

Porque algumas ideias são como filhos. Elas existem dentro de nós até chegar o momento de sair, são construídas no abismo do ser, enroladas em entranhas, pressionando os órgãos até que não se agüente mais. Parasitas, como os filhos. Nem todas as ideias são fecundadas. Mas esta foi, ainda que eu não imaginasse o quanto me custaria pari-la. Cortes cirúrgicos a trouxeram ao mundo e as cicatrizes estão rasgando essas linhas. A minha carne já não tem mais condições de abrigar as ranhuras.

Eu certamente poderia dizer que segui um movimento da Literatura Brasileira Contemporânea escrita por mulheres que tiveram a coragem de se debruçar sobre a maternidade, ou poderia afirmar que fui acometida pelo encontro com pesquisas que começaram a aflorar na Academia com a mesma motivação e, então, oras, a Literatura colidiu com a minha própria maternidade. Seria mais plausível, porém eu estaria mentindo. O movimento foi ao contrário. A minha maternidade esbarrou na Literatura.

Quando o Arthur nasceu, eu achei que o meu mundo apenas sofreria algumas mudanças. No entanto, ele foi quase que completamente destruído. Não a destruição fria e inóspita, e sim aquela que antecede uma nova criação. Era preciso, portanto, uma cosmogonia. Eu sentia uma solidão voraz, mesmo não estando sozinha. Havia um incômodo, um desconforto, que parecia acometer somente a mim, dentre todas as mães que foram e são puras divindades. Lembro nitidamente de uma amiga contando o nascimento da filha, um mês antes do parto do Arthur, ela disse que nunca havia experimentado tanto amor, que sequer conseguia parar de olhar para a menina. Esse relato se uniu a tantos outros, inscritos na visão romantizada da maternidade, sobre instinto, amamentação, amor materno. E eu, párea, pensava qual seria o meu problema, não me situava nesses roteiros da mesma forma.

Havia, em mim, uma enxurrada de contradições. Foi nesse entre-lugar<sup>3</sup>, nesse espaço-tempo de caos e busca, que algumas das obras de escritoras contemporâneas que compõem o *corpus* foram lidas e debatidas, antes que a pandemia nos assolasse, no grupo de pesquisa coordenado pelo meu orientador, “Limiares Comparatistas e Diásporas Disciplinares: Estudo de Paisagens Identitárias na Contemporaneidade”. Barthes tem razão quando afirma que “a

---

<sup>3</sup> Termo cunhado por Silviano Santiago, no artigo “O entre-lugar do discurso latino-americano”, presente no livro “Uma literatura nos trópicos”, de 1978.

literatura faz girar os saberes, não fixa, não fetichiza nenhum deles”, foi através da literatura que a cosmogonia da maternidade se fez, girando todos os saberes numa espiral de dor e alívio.

A pesquisa acadêmica surgiu, portanto, provocada pela angústia da mãe. Nesse devir, outras obras me acercaram, não com respostas e conforto, mas com inquietações familiares, próximas, posto que “Como toda a arte que valha, ela não nos oferece respostas, mas nos faz perguntas que nós mesmos não soubemos (ou não quisemos) formular” (SAAVEDRA, 2021, p.28). Em outras vivências também existiam ruídos, por mais que se quisesse silenciá-los. Foi nesse impulso que descobri que na Literatura também irrompia a reivindicação de um espaço para a compreensão da maternidade.

Giovana Madalosso, autora de *A teta racional* (2016), livro de contos que aborda conflitos maternos, relata as recusas de editoras que classificavam o tema como chato e desinteressante. É importante observar em quem se baseia essa afirmação que recai sobre a literatura escrita por mulheres, quando estas tratam de tópicos que não concernem ao universo dos homens, “Porque se um escritor escreve sobre personagens masculinos e seus problemas ele está falando dos problemas de toda uma geração, quiçá de toda humanidade, mas se uma escritora escreve sobre temas relacionados à vida das mulheres ela está falando sobre problemas femininos” (SAAVEDRA, 2021, p.59). É tão conveniente ao homem preservar o “domínio” da universalidade da Literatura quanto manter a maternidade como uma questão exclusiva de mulheres.

Quando se trata do mercado editorial brasileiro, haver escritoras abordando a maternidade em obras ficcionais ainda não é um processo tão simples. Segundo pesquisa da Universidade de Brasília, 70% dos livros nacionais lançados entre 1965 e 2014 foram escritos por homens. Dos 30% restantes, muitos versam sobre o universo masculino. O espaço para que mulheres publiquem material relacionado a vivências femininas permanece reduzido. (SOUZA, 2020, p.98)

Tampouco posso esquecer que a maternidade, entre outros recursos, constitui uma ferramenta de controle, por isso é também pouco aprazível, no que diz respeito às amarras sociais, romper com os estereótipos estabelecidos em relação à figura das mães. O assunto ainda é menosprezado apesar das produções abrangendo esse novo olhar sobre ele, como salienta Souza (2020, p.99), ao abordar as restrições impostas às publicações de mulheres, “É possível estender tal desvalorização à voz materna, historicamente atrelada ao ambiente doméstico. Inserida na cultura patriarcal, é estimulada quando a mãe exalta os benefícios da maternidade, sendo censurada quando busca externar suas desvantagens”.

O sistema dita, incansavelmente, a regularização da estética e do conteúdo da escrita das mulheres, no intuito de perpetuar os discursos que atuam a favor do silenciamento das nossas subjetividades. Além do cárcere da Literatura Universal, há também o argumento de que não há mais nada a ser narrado, para levar a crer que nossas perspectivas não importam:

Trata-se de uma afirmação muito comum no discurso pós-moderno: tudo já foi feito, e, principalmente, todas as histórias já foram contadas. Será? Será que já contamos todas as histórias sobre o parto, a experiência de um parto normal? A experiência de uma cesárea? A dor de dar à luz um bebê morto? Sobre a violência obstétrica, sobre a depressão pós-parto, sobre a amamentação? Sobre não querer amamentar e sobre não poder amamentar? Será que já contamos todas as histórias sobre a experiência da menstruação? E da menopausa? Quantos romances falam sobre a menopausa? Será que já contamos todas as histórias sobre esterilização forçada, sobre não querer ser mãe, sobre querer ser mãe e não poder, sobre ter um filho negro ou indígena ou homossexual ou trans, sobre o medo da violência das pessoas e instituições sobre esse filho? Será que já contamos todas as histórias sobre o que significa ser uma mulher negra? E uma mulher indígena? E sobre as mulheres e ou homens trans? Será que já contamos todas as histórias sobre o sexo entre duas mulheres? E sobre o amor entre duas mulheres? Será que já contamos todas as histórias sobre aborto? Sobre aborto espontâneo de um filho desejado e sobre aborto malfeito, sobre a menina que engravida e é obrigada a ser mãe, sobre a menina que engravida? Será mesmo que todas as histórias já foram contadas? (SAAVEDRA, 2021, p.62)

Não sei bem se defendo algo com esta tese, ou de fato apenas acolho as acusações. Acredito que estou mais alinhada com a proposta de narrar, analisar e ler essas histórias não contadas de que fala Carola Saavedra. Afinal, questiono, porque não interessaria saber quais e como foram as personagens mães? Todas as personagens já foram analisadas? E o cânone já foi esmiuçado? Será mesmo, sob qual perspectiva? Concordo com Saavedra (2021, p.59) quando defende que é “urgente repensar essa categoria “universal”, que estruturas de poder ela representa, e, assim, começar a contar o que permanece em silêncio”.

No mais, sou avessa a conclusões, realmente as considero inúteis e repetitivas. “Não acredito em conclusões, elas nos dão sempre a ilusão (reconfortante) de que chegamos a algum lugar. Quando o melhor seria não contar com isso”, é o que explica Saavedra (2021, p.194) e me identifico. Num trabalho como esse não há nenhuma possibilidade de fechamento, de respostas estáticas, somente a construção de um caminho que gosto de cimentar na escrita ficcional. É lá que espelham todas as reflexões de forma muito mais concisa e potente do que jamais qualquer consideração final conseguiria alcançar.

Pretendi engrossar o caldo das histórias não contadas, dessas mães que são erradas e errantes, ou só cansadas, essas histórias das mães culpadas e julgadas, das mães que ficam e que fogem, sonhei escrever essas histórias tão universais para mim, na mesma essência das

quais eu precisei ler, como as de Aline, Maria, Brisa, Tatiana, Eliane e Carola, para me sentir menos inapta, menos vil. Não sei se fui fundo demais, se abri feridas com as quais ainda nem sei lidar, mas não havia escolha, “se não sangra, a minha escrita não existe. Se não rasga o corpo, tampouco existe. Insisto na dor, pois é ela que me faz escrever” (LEVY, 2016, p.61).

E se me incriminarem, “que texto tão triste, que olhar tão pesado”, já sei o que responder: é que acho que todas as histórias alegres já foram escritas.

*Carta número 1.*

*Ou “aquela carta que vou esconder do Arthur”.*

*Arthur, os dias parecem todos iguais nessa pandemia. Pelo menos pra mim.*

*Eu sei que deveria ser grata por ter um lar, internet, comida. Por poder estar em casa preservando a nossa família. Ainda que os meus colegas estejam aproveitando a pandemia para produzir, estudar, pesquisar, se aperfeiçoar... e eu, bem, estou cuidando de você.*

*Mesmo assim, muitas mães são obrigadas a trabalhar e não têm com quem deixar seus filhos.*

*Sim, eu sei. Mas é que nós já vivemos um isolamento como esse, eu e você. O puerpério, é, parece que estou repetindo aqueles meses. Exterogestações, você ainda não sabe que nasceu. Você ainda pensa que somos um só e somos. De fato.*

*Ficamos os dois trancados em casa, eu vivia para você, tinha contato com poucas pessoas e tempo para nada.*

*Quando eu ia tomar banho: você chorava.*

*Quando eu ia cagar: você chorava.*

*Dizem que as mães são biologicamente programadas para serem perturbadas pelo choro dos filhos, para garantir que suas necessidades sejam atendidas, se não as mulheres teriam deixado os bebês morrerem no tempo das cavernas.*

*Acho que teriam mesmo.*

*É uma missão difícil essa de manter um humanozinho vivo. Tudo que um bebê faz é tentar se matar e, bem, como eu explicaria isso nos jornais?*

*Meu filho caiu da cama. Eu diria ao jornalista.*

*Como, senhora?*

*Acho que foi rolando, eu acho, não vi. Não compramos a babá eletrônica, estava muito cara. Deveríamos ter comprado.*

*Então você deixou seu filho **sozinho** na cama? Ele ressaltaria a palavra sozinho, já horrorizado.*

*Sim, eu responderia, já envergonhada.*

*O que a senhora estava fazendo?*

Bem, eu...

O que poderia ser assim **tão urgente** a ponto de deixar um bebê **inofensivo** de cinco meses sozinho?

Eu precisava cagar, foi uma dor de barriga repentina, moço. Eu tive que sair correndo, acho que foi a salsicha que eu comi quase crua. O meu filho começou a chorar enquanto eu colocava a salsicha no microondas apenas com uma mão, ele se debateu, ela caiu no chão, coloquei outra, então ele chorou mais, começou a inclinar a cabeça procurando meu seio, era difícil equilibrá-lo assim com uma mão só, então retirei a salsicha do micro, antes que ele apitasse e fui para cama amamentar o menino. Deve ter sido isso.

Ele seguiria me olhando com desdém e eu prosseguiria.

Eu fui correndo, deixei ele na cama, coloquei travesseiros dos dois lados, mas acho que ele rolou por cima deles.

A senhora é um monstro. Porque não levou o menino?

Eu não conseguia abaixar as calças e me limpar com uma só mão.

A chamada seria “mãe desnaturada prefere cagar em paz que cuidar do filho”. Imagina, é um luxo cagar, que dirá em paz.

Já pensou nisso, Arthur? Que as mães são privadas de tudo que é mais básico em prol dos filhos? Como isso não seria perturbador?

Mas o pior de tudo, com certeza é a privação do sono. Chega um ponto que nada mais faz sentido. Isso é usado como método de tortura, por dias, meses. As mães aguentam anos. É isso que esperam de nós, que vivamos essas experiências cruéis sem tirar o sorriso do rosto, felizes, plenas? Gratas? Alguém pensa no que estamos vivendo? Não sei, Arthur, não sei.

O puerpério foi horrível, solitário, nem o seu pai me entendia. Ele acabou e cá estamos nós em um novo puerpério causado pela pandemia, minha vida novamente resumida à você. Eu me sinto vazia. E me sinto culpada por me sentir assim, eu queria estar radiante por passar novamente vinte e quatro horas do dia todos os dias da semana de todas as semanas com você. **Eu deveria.** Como dói não estar assim. Ao mesmo tempo eu queria estar sendo uma mãe melhor, estar inventando mais brincadeiras, te dando mais atenções. Sinto raiva da minha cabeça que procura uma fuga mental, que quer descansar de você. Sou uma mãe horrível, uma pessoa horrível, não mereço o filho que eu tenho.

Parece que estou só sobrevivendo à maternidade, empurrando os dias. Acordo, sou sua mãe, durmo.

*Que horror, que horror, me bato, dou tapas na minha cara, mordo meus braços. Que ódio de mim, nunca de você, nunca, meu amor. É a mim mesma que eu abomino. Chega, vou ser melhor, mais mãe, mais tudo, vou dar o que você merece, Arthur. Vou esquecer de mim completamente.*

*Porque eu não estou curtindo a maternidade invés de ficar me vitimizando? Sou desprezível, desprezível. Mas vou mudar.*

*Quando percebo já estou olhando fixamente para o celular enquanto você me chama de novo. Continuo péssima, um lixo de mãe.*

*Não leia, Arthur, não leia essa página. Já comecei a chorar, não quero sentir isso. Você vai ler e pensar que não te amo.*

*Eu te amo mais que tudo no mundo. Sim, esse clichê é real, eu daria minha vida por você. Mas se ela ainda for minha eu também quero vive-la.*

*É confuso.*

*Eu quero ter tempo pra mim e quero que você esteja bem. Eu quero tanto te ver feliz, te dar tudo que você deseja, mas não estou conseguindo me sacrificar o suficiente para isso.*

*Como sou ingrata. Quero me machucar, eu tenho que sofrer, sentir dor.*

*Porque tanta angústia? Se tenho vontade de te colocar tão perto do meu peito que você volte para dentro de mim. Se você me faz tão feliz... porque a maternidade ininterrupta me faz tão mal?*

*No primeiro isolamento, você ficava me olhando da cadeirinha, dentro do banheiro, apenas cinco minutos e você estava chorando, resmungando. Agora você ainda vai comigo, mas leva uns brinquedos, abre os pacotes dos sabonetes e os joga no chão, desenrola o papel higiênico... Eu me faço de louca se quiser terminar de cagar e só levanto sem me limpar se sua vida ou integridade física estiver em risco, como naquele dia que você entrou descalço no box todo molhado e escorregou.*

*Fui te juntar e dar colo, estava toda caçada, gritei com você, me senti mal por gritar, pedi desculpas, coloquei a calça e a calcinha assim mesmo e fiquei sentada no vaso até você se acalmar.*

*Tentei entrar para o banho quando você ficou mais tranquilo. Tinha que te levar junto, mas você não queria, chorou, me empurrou. Então saiu correndo, não deixava eu tirar a sua roupa, gritou tanto, achei que os vizinhos iriam chamar o conselho tutelar. Você ficou se debatendo e eu contando mil histórias, da fada do banho, das formigas que nos pegam se ficamos sujos, da bruxa que leva as crianças que não gostam do chuveiro. É errado, Arthur, não faça isso com seu filho, não o assuste, eu odiava usar esse recurso, mas eu estava*

*cheia de cocô na calcinha, fedendo e você colocava uma manga de volta assim que eu conseguia tirar a outra, quase entrei pro chuveiro de roupa mesmo. Mas conseguimos algum tempo depois. Seu pai chegou e perguntou como foi meu dia. Normal. O que fizeram? Nada.*

*Mas ontem, ai, Arthur... ontem quando eu voltei para o quarto você disse “Mamãe, é você! Como você tá linda, princesa mamãe” e me deu um abraço tão inteiro. As vezes quando você me vê chorando pergunta se estou triste e me dá um beijo dizendo que é pra eu ficar melhor, “mamãe, não chora, eu te amo você”. Então eu sinto calor e paz e tudo faz sentido novamente.*

*Ser mãe me destrói. E me regenera.*

## 2 PARTO NORMAL: AQUILO QUE É IDEAL

*Ser mãe é desdobrar fibra por fibra  
o coração! Ser mãe é ter no alheio  
lábio que suga, o pedestal do seio,  
onde a vida, onde o amor, cantando, vibra.*

*Ser mãe é ser um anjo que se libra  
sobre um berço dormindo! É ser anseio,  
é ser temeridade, é ser receio,  
é ser força que os males equilibra!*

*Todo o bem que a mãe goza é bem do  
filho, espelho em que se mira afortunada,  
Luz que lhe põe nos olhos novo brilho!*

*Ser mãe é andar chorando num sorriso!  
Ser mãe é ter um mundo e não ter nada!  
Ser mãe é padecer num paraíso!*

*(Coelho Neto)*

É presumível que o corpo de toda mulher saiba o que fazer para expelir uma criança que ali ficou alojada por meses. O parto normal envolve um processo complexo e doloroso composto por contrações e expansões. O útero, as pernas, a vagina, o ânus compõem uma dança perigosa de ejeção, contudo, por mais elaborado que seja trazer alguém ao mundo, o parto normal é visto como parte da natureza das mulheres, está incluso no “ser-mãe”. Assim como alguns tipos de representação da maternidade nas obras literárias, o parto normal está aí desde que o mundo é mundo e ele só é porque existem mães que assumiram essa tarefa de conceber a humanidade.

Portanto, se o intuito dessa pesquisa é demonstrar um determinado movimento em direção à subjetividade das personagens mães na Literatura Contemporânea Brasileira, bem como a relação com a maternidade que se exprime nessas obras, eu não poderia negligenciar as outras mães que existiram antes dessas que compõem o meu *corpus*. Para refletir sobre a produção dessas escritoras contemporâneas que decidi abordar, para, de alguma forma, expressar que uma configuração diferente da maternidade está sendo realizada, eu precisava averiguar o que foi feito antes, pelo menos no que foi consagrado na nossa história da Literatura. Não se aborda muito o fato de Capitu ser mãe. A famosa Capitu: dela os leitores lembram o que disse Bentinho ao longo de *Dom Casmurro*, romance de Machado de Assis. Na memória das obras literárias, Capitu é recorrentemente mencionada por seus olhos, de

cigana oblíqua e dissimulada ou de ressaca, também surge envolvida na grande indagação: traiu ou não traiu. Mas Capitu era mãe, e de um filho rejeitado. Foi exilada com seu rebento por causa da obsessão do marido.

Que seja, isso não importa, pois a história não era dela, era de Bentinho e ele certamente não perderia tempo calculando o quanto Capitu sofria por seu filho. Ela não era a protagonista nem a narradora. Apesar de ser uma das grandes personagens da história da literatura, adaptada em peças, filmes, séries, não vemos em Capitu esse aspecto tão importante na vida de uma mulher, como é a maternidade. Quanta coisa entenderíamos sobre Capitu se a fitássemos em toda sua subjetividade. Não há solução, ela foi silenciada para sempre pela primeira pessoa de Bentinho, narrador, protagonista e título do romance. Quais, então, são as mães mais marcantes da História da Literatura? Alguma mãe possui, de fato, um espaço nesse quadro? Como foram representadas essas personagens no que hoje consideramos como cânone? Para nortear essa investigação, que tem por objetivo apenas delinear um painel superficial de mães presentes na literatura brasileira, reuni obras que contemplam a História da Literatura e selecionei os autores e textos mais mencionados entre elas, consagrados pela crítica e assegurados de seu papel no cânone.

Nos autores citados frequentemente, separei os que recebiam maior distinção, assim como as obras que possuíam alguma presença minimamente significativa da maternidade. *Lucíola*, de José de Alencar, por exemplo, embora seja um romance que recebe alta notoriedade, não contempla uma figura substancial de mãe. Quando planejei esse capítulo, a primeira mãe que surgiu em minha mente foi Iracema, também de Alencar. E, sem dúvida alguma, ela encontrava-se em todas as Histórias da Literatura que li. A cena da amamentação de Iracema, para ser mais precisa, foi o que veio a mim, porque o Arthur está no meu colo mamando, eu tento digitar, mas ele se mexe, paro para fixar o rosto dele e lembro que meus seios também já sangraram, o próprio filho fez o papel dos filhotes da irara.

Ao contrário de Capitu, que através dos leitores e da crítica alcançou Bentinho em termos de protagonismo, Iracema é considerada de imediato “a principal protagonista” de Alencar, “a tabajara Iracema impõe-se como um mito do permanente feminino” (NEJAR, 2011, p.104). Embora elas tenham algo em comum: a maternidade desprezada. A indígena, por sua vez, ainda contribui, nos poucos trechos de sua maternagem, com uma representação idealizada. Não poderia ser diferente, Alencar idealizou o indígena, o brasileiro, o homem, a mulher, o amor, por óbvio que a mãe, um dos mais importantes pilares da constituição

familiar tradicional, não fugiria disso, pois como elucida Sússekind (1984, p.30, grifo meu), “de uma literatura se exige que exhiba semelhanças com a *tradição* nacional a que pertence”. Mas não apenas do projeto idealizador de representação origina-se essa concepção de mãe presente nas obras de Alencar. Em carta que ele dedica à sua progenitora, no início de sua peça Mãe (1860), o autor elucida sua crença nos mitos da maternidade:

Mãe, em todos os meus livros há uma página que me foi inspirada por ti. É aquela em que fala esse amor sublime que se reparte sem dividir-se e remoça quando todas as afeições caducam. Desta vez não foi uma página, mas o livro todo. Escrevi-o com o pensamento em ti, cheio de tua imagem, bebendo em tua alma perfumes que nos vêm do céu pelos lábios maternos. Se, pois, encontrares ai uma dessas palavras que dizendo nada exprimem tanto, deves sorrir-te; porque foste tu, sem o querer e sem o saber quem me ensinou a compreender essa linguagem. Acharás neste livro uma história simples; simples quanto pode ser. É um coração de mãe como o teu. A diferença está em que a Providência o colocou o mais baixo que era possível na escala social, para que o amor estreme e a abnegação sublime o elevassem tão alto, que ante ele se curvassem a virtude e a inteligência; isto é, quanto se apura de melhor na lia humana. A outra que não a ti causaria reparo que eu fosse procurar a maternidade entre a ignorância e a rudeza do cativo, podendo encontrá-la nas salas trajando sedas. Mas sentes que se há diamante inalterável é o coração materno, que mais brilha quanto mais espessa é a treva. Rainha ou escrava, a mãe é sempre mãe. Tu me deste a vida e a imaginação ardente que faz que eu me veja tantas vezes viver em ti, como vives em mim; embora mil circunstâncias tenham modificado a obra primitiva. Me deste o coração que o mundo não gastou, não; mas cerrou-o tanto e tão forte, que só, como agora, no silêncio da vigília, na solidão da noite, posso abri-lo e vazá-lo nestas páginas que te envio. Recebe, pois, Mãe, do filho a quem deste tanto, esta pequena parcela da alma que bafejaste.

Esta carta traduz uma cadeia sucessiva de exigências maternas. Nela vi tudo que a personificação mais santa da mãe reproduz: o amor sublime, o sacrifício infinito, a canonização da mulher. Nessas frases contemplei alguns dos estereótipos imputados às mães, a sacralização e endeusamento que tiram qualquer traço de humanidade. A mãe que têm uma ligação direta com os céus, que possui o coração inalterável, pronto para ser colocado em uma bandeja, se assim o filho precisar. No drama em si encontrei o reforço dessa ideologia, a protagonista, se assim posso chamar, é Joana, uma escrava que serve ao próprio filho sem que esse conheça o parentesco que existe entre os dois. É o desejo máximo de Joana que o filho seja poupado dessa vergonha, ter como mãe uma escravizada, ainda que ela própria tenha custeado seus estudos e o cuidado durante toda sua vida:

JOANA - Ah! Quando senti o primeiro movimento que ele fez no meu seio, tive uma alegria grande, como nunca pensei que uma escrava pudesse ter. Depois uma dor que só tornarei a ter se ele souber. Pois meu filho havia de ser escravo como eu? Eu havia de lhe dar a vida para que um dia quisesse mal à sua mãe? Deu-me vontade de morrer para que ele não nascesse... Mas isso era possível?... Não, Joana devia viver!

DR. LIMA - Foi então que Soares te comprou...

JOANA - Ele me queria tanto bem! Deu por mim tudo quanto tinha... Dois contos de réis! Eu fui para sua casa. Aí meu nhonhô nasceu, e foi logo batizado como filho dele, sem que ninguém soubesse quem era sua mãe. (ALENCAR, 1860, p.20)

Os diálogos de Joana com o Dr. Lima, único personagem que está ciente da situação da mulher, expõem a admiração que a mãe tem pelo filho, a abnegação plena em prol de seu bem estar, assim como a aversão total pela revelação do segredo. Joana aceita ser vendida por Jorge, seu filho e senhor, a fim de quitar uma dívida de terceiros. No fim do drama, quando Jorge descobre o mistério, Joana bebe o veneno que tem consigo, o derradeiro sacrifício de uma mãe que prefere abrir mão da própria vida à submeter o filho à qualquer desconforto, “o altruísmo de Joana é manifestamente heroísmo de mãe” (BOSI, 2017, p.161). Iracema igualmente não se furta ao sacrifício materno quando percebe que não possui leite o suficiente para alimentar o rebento:

Quando o sol dourou a crista dos montes, partiu para a mata, levando ao colo a criança adormecida. Na espessura do bosque está o leito da irara ausente; os tenros cachorrinhos grunhem, enrolando-se uns sobre os outros. A formosa tabajara aproxima-se de manso. Prepara para o filho um berço da macia rama do maracujá e senta-se perto. Põe no regaço um por um os filhos da irara; e lhes abandona os seios mimosos, cuja teta rubra como a pitanga ungiu do mel da abelha. Os cachorrinhos famintos precipitam gulosos e sugam os peitos avaros de leite. Iracema curte dor, como nunca sentiu; parece que lhe exaurem a vida, mas os seios vão-se intumescendo; apojaram afinal, e o leite, ainda rubro do sangue, de que se formou, esguicha. A feliz mãe arroja de si os cachorrinhos e, cheia de júbilo, mata a fome ao filho. Ele é agora duas vezes filho de sua dor, nascido dela e também nutrido. (ALENCAR, s.d., p.102)

Nas páginas de *Senhora* está outra mãe exemplar, a de Aurélia, definida por Alencar como “uma boa mãe”. Assim como as demais, Emília vive para os filhos, abnegada, extremosa, sua única preocupação é a família. Mesmo sendo submetida a uma série de provações, a mãe da protagonista é resiliente e submissa, acata com humildade as intempéries da vida, mas não quer deixar a filha desamparada nem se tornar um peso para ela.

Esta circunstância influenciou muito no espírito de Emília; não por si, que não tinha ambição: mas era esposa e mãe. A esse tempo já havia nascido também uma filha que chamou-se Aurélia, por ter sido este o nome da mãe de Pedro Camargo, infeliz rapariga, que morrera da vergonha de seu erro. Convencida do perigo de revelar o segredo de seu casamento, Emília condenou-se a uma existência não somente obscura, mas suspeita. Bem custava à sua virtude o desprezo injusto que a envolvia, e o escárnio a pungi-la; mas era por seu marido e por seus filhos que sofria. Refugiava-se no isolamento; confortava-se com a esperança da reparação. (ALENCAR, s.d., p.107)

Certamente não esqueço que o autor é a maior referência do Romantismo e que as características do período se refletem na construção das personagens. Mas cabe ressaltar que

Alencar implantou um projeto de formulação da identidade nacional, como bem salienta Bernd (1992) e que ele ocupa um importante papel na literatura nacional, segundo Castello (1999, p. 238), “José de Alencar se apresenta síntese da sua época”. Não posso igualmente fechar os olhos para o que diz a crítica sobre o romancista, se um teórico tão importante quanto Alfredo Bosi, seja lá qual for o contexto em que essa afirmação se paute, enuncia que o referido autor é um “pintor de perfis de mulher”, urge observar quais são esses perfis.

Esses traços ideológicos, insistentes nos painéis coloniais e nativos, como *As Minas de Prata*, *O Guarani* e *Ubirajara*, afinam-se na prosa lírica de *Iracema*, obra-prima onde se decantam os dons de um Alencar paisagista e pintor de “perfis de mulher” firmes e claros na sua admirável delicadeza. (BOSI, 2017, p.146)

Textos e autores que possuem tal distinção e relevância no contexto geral da Literatura Nacional não podem escapar de análises mais profundas. Eles não são responsáveis por instaurar um perfil idealizado de maternidade, mas auxiliam na manutenção e reprodução deste perfil. Não é que se deva execrar Alencar — ou qualquer outro autor aqui mencionado — não se trata de uma caça às bruxas. Não me eximo de atestar que a obra é também um produto de seu tempo, da visão de mundo vigente e da própria estética literária na qual se enquadra. Não obstante aqui proponho uma crítica específica voltada a tal figura, para refletir e considerar como essas personagens foram negligenciadas e estereotipadas. Sim, a sacralização é uma face do estereótipo e sem medo da repetição na qual certamente cairei, sinto-me obrigada a evocar Bhabha (2013) quando explica que o estereótipo é ambivalente e se ampara numa cadeia contínua de outros estereótipos.

Alencar está para a prosa romântica assim como Gonçalves Dias para a poesia: *é o nosso mais importante ficcionista do Romantismo*, pelo volume da obra produzida, pela variedade dos temas versados e o estilo grandiloquentemente brasileiro e espontâneo. Marco em nossa tradição literária, tornou-se o primeiro escritor a devotar-se integralmente à sua obra: romancista por vocação, não apenas por reflexo do meio ambiente. (MOISÉS, 1985, p.89, grifo meu)

*Memórias de um Sargento de Milícias* (1853), de Manuel Antônio de Almeida, surge distanciando-se da ideologia empregada no projeto literário de Alencar, “no outro polo”, como salienta Bosi (2017, p.139), a obra está isenta de “qualquer traço idealizante”. Considerada uma “obra prima não apenas de nossa literatura, mas da arte literária em vernáculo” (MOISÉS, 1985, p.219), é dito da narrativa que nos dá “um corte sincrônico da vida familiar brasileira nos meios urbanos” (BOSI, 2017, p.141) de uma fase em específico e, em se tratando de retrato familiar cabe à análise. Verdaderamente, Leonardo, o anti-herói do romance, não foi agraciado com uma mãe angelical envolta da pelagem romantizada da

maternidade. Não são descritas cenas de zelo e carinho, pelo contrário, Maria repreende o filho por suas atitudes travessas:

Logo que pôde andar e falar tornou-se um flagelo; quebrava e rasgava tudo que lhe vinha à mão. Tinha uma paixão decidida pelo chapéu armado do Leonardo; se este o deixava por esquecimento em algum lugar ao seu alcance, tomava-o imediatamente, espanava com ele todos os móveis, punha-lhe dentro tudo que encontrava, esfregava-o em uma parede, e acabava por varrer com ele a casa; até que a Maria, exasperada pelo que aquilo lhe havia custar aos ouvidos, e talvez às costas, arrancava-lhe das mãos a vítima infeliz. Era, além de traquinas, guloso; quando não traquinava, comia. A Maria não lhe perdoava; trazia-lhe bem maltratada uma região do corpo; porém ele não se emendava, que era também teimoso, e as travessuras começavam mal acabava a dor das palmadas. (ALMEIDA, s.d., p.5)

Não bastasse o trato livre de grandes demonstrações de afeto, quando não, de todas, Maria ainda foge com um de seus amantes depois de ter a traição descoberta e de ser agredida pelo marido. Ou seja, abandona o filho, que na verdade é também abandonado pelo pai na ocasião. Não obstante, mesmo em vias de ir embora, a mulher pede para o padrinho que cuide do menino, ato pelo qual vejo transparecer algum traço de humanidade na personagem, “Maria mostrou-se satisfeita. Tinha ela suas resoluções tomadas, ou anteriormente ou naquela ocasião, e por isso na conferência que referimos tratara de engodar o compadre e arrancar-lhe a promessa de que no caso de algum desarranjo tomaria a si e cuidaria do filho” (ALMEIDA, s.d., p.7).

Ao passo que não encontro na obra de Almeida uma representação idealizada da mãe também não localizo qualquer reflexão sobre a maternidade. Há uma mudança na figura, mas não na narrativa, a mãe segue invisibilizada. Por outro lado, há na obra de Machado uma mãe muito famosa. Posso dizer, e não estaria sozinha nessa afirmação, que Machado de Assis está para o realismo tal qual José de Alencar para o romantismo, “o ponto mais alto e mais equilibrado da prosa realista brasileira acha-se na ficção de Machado de Assis” (BOSI, 2017, p.184), sua relevância para o cenário geral da literatura brasileira é inquestionável.

Machado de Assis foi igualmente figura síntese do nosso século XIX. Crítico, cronista, poeta, comediógrafo, contista e romancista, ele conviveu com o Romantismo, o Realismo/Naturalismo, o Parnasianismo e o Simbolismo. A sua forma literária preferida foi a narrativa ficcional, na qual, salvo a iniciação romântica em que pesa a influência de José de Alencar, ele se afirmará independentemente dos estilos literários dominantes. (CASTELLO, 1999, p.369)

Dentre suas obras, detenho-me em *Dom Casmurro*, citado no início desse capítulo. Dona Glória, progenitora de Bentinho, é a primeira personagem mãe desta seleção (cujo recorte temporal vai do romantismo ao pós-modernismo), a ter destaque por sua maternidade.

Além disso, o romance de Machado é reconhecido por delinear, de certa forma, um quadro da vida brasileira em seu período, bem como das dinâmicas familiares:

A história de Bentinho e Capitu dispõe de narração mais encorpada; e o gosto de marcar as personagens secundárias, como o tipo superlativo do agregado José Dias, dá-lhe um ar de romance de costumes que não destoia das referências precisas que nele se fazem à atmosfera e aos padrões familiares do Rio nos meados do século. (BOSI, 2017, p.192)

Dona Glória, como não cansa de exaltar José Dias, é uma mulher santa, ideia essa ratificada por Bentinho na sepultura da referida senhora, “procura no cemitério de São João Batista uma sepultura sem nome, com esta única indicação: Uma santa. É aí.” (DE ASSIS, p.326). Em diversos momentos da narrativa as atitudes de Dona Glória são classificadas como próprias “de mãe”, o zelo desmedido, a prioridade dos assuntos do filho, a abnegação. Todas as características da personagem contribuem para a formação desse perfil, religiosa e dedicada, possuía uma ligação com os céus bem evidenciada, como ressalta o agregado, “Boa como a mãe de Deus” (DE ASSIS, p.109).

Não faltam passagens a delatar as qualidades de Dona Glória, mulher pura e generosa, “era cândida como a primeira aurora, anterior ao primeiro pecado” (DE ASSIS, p.145), também diligente e carinhosa, “toda assustada, quis saber o que é que me doía, se a cabeça, se o peito, se o estômago, e apalpava-me a testa para ver se tinha febre” (DE ASSIS, p.144), o perfil idealizado de mãe. Derramava sob o filho uma superproteção, cercava-o de cuidados excessivos, questionados até pelo tio Cosme — como o tardio aprendizado da equitação, era Bentinho o foco da sua existência e suas preocupações eram todas em relação à vida do filho, sendo a maior delas a promessa que fizera de seguir o menino a carreira eclesiástica. A promessa, como não poderia deixar de ser, era justamente em razão do nascimento do menino, a quem a mulher era absolutamente apegada.

Os projetos vinham do tempo em que fui concebido. Tendo-lhe nascido morto o primeiro filho, minha mãe pegou-se com Deus para que o segundo vingasse, prometendo, se fosse varão, metê-lo na igreja. Talvez esperasse uma menina. Não disse nada a meu pai, nem antes, nem depois de me dar à luz; contava fazê-lo quando eu entrasse para a escola, mas enviuvou antes disso. Viúva, *senti o terror de separar-se de mim*; mas era tão devota, tão temente a Deus, que buscou testemunhas da obrigação, confiando a promessa a parentes e familiares. Unicamente, para que nos separássemos o mais tarde possível, fez-me aprender em casa primeiras letras, latim e doutrina, por aquele padre Cabral, velho amigo do Tio Cosme, que ia lá jogar às noites. (DE ASSIS, s.d., p.80)

Já a maternidade de Capitu está presente em poucas cenas ao longo do romance. Sobre Capitu-mãe o narrador fala pouco, obviamente porque as características da mulher nesse sentido não corroboram com a história que se quer contar. Lembrando que no rol de

narradores suspeitos, Bentinho certamente encabeça a lista. Logo, esse aspecto da identidade de Capitu não é necessário na construção da imagem de mulher duvidosa que é o intento do narrador. Ainda que haja lampejos que demonstram a interação que existia entre Capitu e Ezequiel, “era depois de jantar; estávamos ainda à mesa, Capitu brincava com o filho, ou ele com ela, ou um com outro, porque, em verdade, queriam-se muito, mas é também certo que ele me queria ainda mais a mim” (DE ASSIS, s.d., p.308), através dos quais se nota que era mãe presente, cuidadosa e inteirada na educação do filho. Há passagens em que a esposa de Bentinho vai observar o menino dormindo ou brincando, para verificar se está bem, ela também corrige comportamentos inadequados, como o caso das imitações que Ezequiel faz das pessoas com quem convive.

Não há nenhum indício na narrativa de que Capitu seja mãe menos comprometida e amorosa que Dona Glória, a verdade é que o leitor tem pouco acesso a essa relação. Não que a crítica ou a história da literatura apague o fato de que Capitu deu à luz, já que, para Bentinho, justamente é o filho a maior prova da traição da esposa. Não se trata disso, apenas a maternidade dessa personagem não ganha relevância na narrativa e nas análises que se fazem dela, quase como se Machado a tornasse mãe apenas para justificar a dúvida mor de seu protagonista.

Capitu não era menos terna para ele e para mim. Dávamos as mãos um ao outro, e, quando não olhávamos para o nosso filho, conversávamos de nós, do nosso passado e do nosso futuro. As horas de maior encanto e mistério eram as de amamentação. Quando eu via o meu filho chupando o leite da mãe, e toda aquela união da natureza para a nutrição e vida de um ser que não fora nada, mas que o nosso destino afirmou que seria, e a nossa constância e o nosso amor fizeram que chegasse a ser, ficava que não sei dizer nem digo; positivamente não me lembra, e receio que o que dissesse me saísse escuro. (DE ASSIS, s.d., p.269)

Este é um dos raros momentos em que o narrador se detém mais demoradamente em alguma vivência materna de Capitu, ainda que o fato orbite ao redor de si mesmo. Sim, tudo diz respeito a Bentinho que é o narrador em primeira pessoa, e dizendo “eu” não posso deixar de falar de mim, defende o linguista Benveniste em algum texto que lembrarei depois. Porém me justifico, sim, pois às mães já é de costume se justificar infinitamente, se Capitu é mencionada como “uma metáfora da mulher de sempre” (NEJAR, 1938, p.138) e “mito do eterno feminino” (NEJAR, 1938, p.138) deve-se observar que elementos são expostos e quais são excluídos na construção dessa personagem tão importante.

De Aluísio Azevedo, outro escritor referência do realismo/naturalismo, de acordo com Bosi (2017, p.200) “seja como for, nos seus altos e baixos, Aluísio foi expoente de nossa

ficção urbana nos moldes do tempo”, peguei o romance *O Mulato*, o primeiro de sucesso deste autor, do qual se diz que “passa pelo primeiro romance naturalista brasileiro” (BOSI, 2017, p.200). Nele o protagonista Raimundo se depara com as adversidades decorrentes de sua filiação, a mãe era uma mulher escravizada, o que o tornava, aos olhos da sociedade e como diz o título da obra, um mulato.

No entanto, não é a mãe de Raimundo que incorpora minha análise, posto que esta, ironicamente, não possui grande relevância no texto. Dela pouco se sabe, já está com a saúde mental prejudicada quando aparece para o filho adulto. Desse encontro posso ressaltar apenas o fato de que tenta abraçar Raimundo e imagino ou iludo-me, como mãe, que ela tenha reconhecido seu rebento mesmo nunca tendo o visto antes. Nesse caso não temos palavras no texto que possam comprovar minhas conjecturas. Na ocasião, Raimundo a repele, pois ainda desconhece o parentesco. Depois que descobre e tenta busca-la para viver com ele, é a mãe que foge.

Na verdade, não tratarei de uma figura materna em si, mas de um conceito de maternidade exposto por uma das personagens. A prima e amada de Raimundo, Ana Rosa, tão logo vê-se grávida passa a pensar sobre assuntos maternos, transbordando crenças quanto ao papel de mãe.

Apesar da estreiteza da situação, achava-se cada vez mais feliz; sonhara a ventura de ser mãe e sentia-a realizar-se no seu corpo, no seu ventre, de instante a instante, com um impulso misterioso, fatal incompreensível. “Era mãe!... Ainda lhe parecia um sonho!...” Impacientava-se por preparar o enxoval do seu filhinho. Um enxoval bom, completo, a que nada, nada, faltasse. Ah! Ela sabia perfeitamente como tudo isso era feito; qual a melhor flanela para os cueiros, quais as melhores toucas e os melhores sapatinhos de lã. Via em sonhos um berço junto a sua rede, com um entezinho dentro, todo rendas e fitas cor-de-rosa, a vagir uns princípios de voz humana. E fazia-se muito pressurosa, a queimar alfazema, para defumar os panos da criança; a preparar água com açúcar, para curar-lhe as cólicas; a evitar em si mesma o abuso do café e de todo o alimento que pudesse alterar-lhe o leite, porque ela queria ser a própria a criar o seu filho, e por coisa nenhuma desta vida, o confiaria à melhor ama. E, a pensar nestas coisas, que, aliás, nunca ninguém procurara ensinar-lhe, esquecia-se inteiramente dos vexames e das dificuldades que a sua falsa posição teria de levantar; nem sequer, lhe passava pela idéia a hipótese de não casar com Raimundo. (AZEVEDO, s.d., p.293)

Ana Rosa, envolta em um frenesi de abnegação e amor, antevê os sacrifícios e os cuidados com os quais já se delicia, apresenta a maternidade como um sonho e as suas tarefas como doces afazeres. Destaco também o mito do conhecimento inerente, de que não é preciso ensinar a cuidar do filho, posto que a mulher sabe ser mãe. Nem tinha ainda a criança nos

braços, Ana Rosa já entregava sua existência a esse papel, reforçando a ideia de que as mães vivem para os filhos. E não somente o rebento deve se tornar a prioridade tão logo a mulher tome ciência da gestação, como isso deve ser motivo de alegria. A mãe é indivíduo que está abrindo mão de si mesmo e deve fazer isso com felicidade.

Aguardava ansiosa os prazeres da maternidade, como se os conquistasse por meios lícitos, e tremia toda em sobressalto só com a lembrança de que poderia vir a faltar à criancinha o menor cuidado ou o mais dispensável conforto; vivia exclusivamente para ela; vivia para esse enteozinho desconhecido que lhe habitava o corpo; o filho era o seu querido pensamento de todo o instante; passava os dias a conjecturar como seria ele, menino ou menina, grande ou pequeno, forte ou franzino; se puxaria ao pai. (AZEVEDO, s.d., p.266)

Também responsável por intensa atuação literária, Lima Barreto tem valor reconhecido no painel nacional, “foi um escritor de inegável garra. No entanto, grande, sim, portentoso é o romancista, dos maiores de sua época, para não dizer o maior (se não houvesse Machado de Assis)” (NEJAR, p.161). Sobre sua escrita, afirma-se que “Capta a atmosfera social de sua época” (NEJAR, p.158), se encarrega de retratar realidades sociais e as mais variadas figuras que as compõem, “Lima Barreto apresenta, com a narrativa ficcional, um aspecto da vida cotidiana e outro, crítico” (NEJAR, p.158). No romance intitulado *Clara dos Anjos*, duas mães obtêm destaque, as dos protagonistas. A personalidade de ambas as figuras, bem como a criação e tratamento que dispensam aos filhos, implicam diretamente no decorrer dos acontecimentos. Na narrativa o abusivo conquistador Cassi — que é detentor de uma longa lista de vítimas — seduz a ingênua Clara dos Anjos, jovem mulata<sup>4</sup> do subúrbio, a quem acaba por engravidar.

A mãe de Cassi, Dona Salustiana, embebe o depravado de toda sua condescendência. Ela releva suas falhas e pactua com suas canalhices, sempre buscando livrar o rapaz das consequências de seus atos. Responsabiliza a todos, menos a ele. Tampouco demonstra qualquer interesse pelo rastro de tragédias que o filho deixa por onde quer que passe.

Quando a polícia ou os responsáveis pelas vítimas, pais, irmãos, tutores, punham-se em campo para processá-lo convenientemente, ele corria à mãe, dona Salustiana, chorando e jurando a sua inocência, asseverando que a tal fulana — qualquer das vítimas — já estava perdida, por esse ou por aquele; que fora uma cilada que lhe armaram, para encobrir um mal feito por outrem, e por o saberem de boa família etc. etc. Em geral, as moças que ele desonrava eram de humilde condição e de todas as cores. Não escolhia. A questão é que não houvesse ninguém, na parentela delas, capaz de vencer a influência do pai, mediante solicitações maternas. A mãe recebia-lhe a confissão, mas não acreditava; entretanto, como tinha as suas presunções

---

<sup>4</sup> Utilizo o termo “mulata/mulato” apenas para manter a designação dada nas obras em questão, posto que possui origem racista e pejorativa.

fidalgas, repugnava-lhe ver o filho casado com uma criada preta, ou com uma pobre mulata costureira, ou com uma moça branca lavadeira e analfabeta. Graças a esses seus preconceitos de fidalguia e alta estirpe, não trepidava em ir empenhar-se com o marido, a fim de livrar o filho da cadeia ou do casamento pela polícia. (BARRETO, s.d., p.55)

Ainda que o pai e as irmãs quisessem corrigir o comportamento degradante de Cassi, Salustiana seguia mimando o filho, colocando-o em um pedestal: não queria que fizesse trabalhos humildes ou braçais e considerava-o superior às mulheres as quais desgraçava. Ao surgir uma oportunidade de emprego a qual não considerava digna da estirpe do filho, a mãe prontamente rechaçou o assunto e diante da insistência de uma das filhas usou sua autoridade de mãe:

— Minhas filhas, vocês não sabem que desgraça para a família, Cassi...  
 — O que houve? — assustou-se Catarina.  
 — Cassi está doido e quer nos envergonhar a todos nós, o meu avô que foi cônsul da Inglaterra... Ah! Se ele ressuscitasse — que vexame não passaria!  
 — Que é que Cassi vai fazer? — fez Irene com calma.  
 — Vai ser trabalhador de enxada, numa estrada de ferro de Mato Grosso.  
 Irene, que era severa e nunca perdoaria ao irmão as maliciosas perguntas que as colegas da escola lhe faziam, vexando-a bastante, quando acontecia aparecer o nome dele, nos jornais, nas suas habituais cavalarias — observou:  
 — Que tem isso, mamãe! Ele tem saúde, ao invés de andar por aí a fazer das suas, a nos envergonhar por toda a parte, é melhor que ele trabalhe para ver se toma caminho. Dona Salustiana olhou espantada para a filha e disse cheia de mágoa:  
 — É que você não é mãe; mas, em breve, você será, então...  
 Catarina obtemperou:  
 — Mamãe, eu não acho motivo para lástima. O que é de todo reprovável, é que ele leve toda a vida a que está levando... O melhor é aventurar... (BARRETO, s.d., p.164)

Fica evidente a associação entre o caráter duvidoso de Cassi e a complacência danosa com que é tratado pela mãe. A arrogância de Salustiana também contamina o espírito do filho, sendo costumeiros os episódios em que a mãe humilha as pessoas simples que a ela vêm solicitar ajuda. Ou seja, percebe-se nas atitudes de Cassi o mesmo descaso pelos demais, a diferença é que o rapaz não se exime de saciar os desejos carnis com indivíduos de camadas sociais inferiores enquanto a mãe os despreza de todo. Quando uma das vítimas de Cassi o encontra em público, sua fala denuncia a sordidez da dupla:

— “Oie” — disse ela, para os circunstantes; — ele diz que não é o tal. Agora “memo se acusou-se”, quando chamei a ratazana da mãe dele de galinha-d’angola... É uma “marvada”, essa mãe dele — uma “véia” cheia de “imposição” de inglês. Inglês, que inglês...  
 Soltou uma inconveniência, acompanhada de um gesto despudorado, provocando uma gargalhada geral. Cassi continuava mudo, transido de medo; e a pobre desclassificada emendava:

— “Tu” é “mao”, mas tua mãe é pior. Quando ela descobriu “qui” eu “tava” com “fio” na barriga, “mi pois” pela porta afora, sem pena, sem dó “di” eu não “tê pronde i”. E o “fio” era neto dela e ela “mi” tinha criado... Vim da roça... (BARRETO, s.d., p.168)

Já a mãe de Clara, Engrácia, é descrita como uma mulher pacata e sedentária, a qual não lhe agradava sair de casa, pelo contrário, sempre tentava desviar da tarefa. Até mesmo quando a filha precisou de atendimento dentário, a mãe fez tudo para se esquivar de leva-la a algum lugar, dando-se por satisfeita quando o marido decidiu chamar por uma consulta domiciliar. Esse era outro problema para Engrácia, paralisava diante de qualquer adversidade, custava a tomar decisões sozinha e precisava ser amparada por Dona Margarida ou pelo marido. Além disso, não travava interações significativas com Clara, mantendo-a apenas presa sob seus cuidados:

O seu amor à Clara era um sentimento doentio, absorvente e mudo. Queria a filha sempre junto a si, mas quase não conversava com ela, não a elucidava sobre as coisas da vida, sobre os seus deveres de mulher e de moça. A não ser no caso de Cassi, que o seu instinto de mãe falara mais alto do que a sua inércia natural, nunca punha em prática uma medida eficaz que traduzisse amparo e direção de mãe na conduta da filha. Pensava, mas não chegava ao ato. O dia inteiro, quase, passavam as duas mulheres metidas cada uma consigo mesma. A mãe lavava a roupa no tanque, ao lado da casa; e a filha se encarregava dos arranjos domésticos. A cozinha era feita por ambas ou só por Clara, quando não tinha músicas do pai a copiar ou sua mãe tinha muita roupa na lavagem. (BARRETO, s.d., p.142)

Apesar de ser descrita pelo narrador como uma boa mãe, “cujos cuidados maternos eram louváveis e meritórios” (BARRETO, s.d., p.95), Engrácia “peca” por outros caminhos, pois “era incapaz do que é verdadeiramente educação. Ela não sabia apontar, comentar exemplos e fatos, que iluminassem a consciência da filha e reforçassem-lhe o caráter, de forma que ela mesma pudesse resistir aos perigos que corria” (BARRETO, s.d., p.95). Ao superproteger a filha e infringir uma forte reclusão à moça, acabava por alimentar sua ignorância referente aos perigos e engrenagens sociais.

O narrador deixa claro que essa conduta de Engrácia é prejudicial para Clara e contribuiu para que ela caísse na armadilha de Cassi: “Essa reclusão e, mais do que isso, a constante vigilância com que sua mãe seguia os seus passos, longe de fazê-la fugir aos perigos a que estava exposta a sua honestidade de donzela, já pela sua condição, já pela sua cor, fustigava-lhe a curiosidade em descobrir a razão do procedimento de sua mãe” (BARRETO, s.d., p.94). As duas mães, Engrácia e Salustiana, são personagens sem enredo próprio, elas servem apenas para compor a narrativa de outras personagens centrais. A personalidade das

mães é desenhada, não por obra de formar uma identidade sua, mas sim para justificar as ações e o desenvolvimento narrativo dos filhos.

Ao entrar no Modernismo, deparo-me com *Macunaíma: o herói sem nenhum caráter*, de Mário de Andrade, que se tornou um símbolo do “modo de ser brasileiro” (BOSI, 2017, p.378). O escritor necessariamente teria que aparecer neste capítulo destinado ao cânone, posto que “foi a grande personalidade do Modernismo brasileiro, a maior delas, representando sozinho suas grandezas e suas falhas” (NEJAR, 2011, p.321). E, afinal de contas, há mãe em *Macunaíma*. A que pariu o herói é a primeira a aparecer, a índia tapanhumas. Aborrecida com o filho por prejudicar os irmãos, ela o abandona na mata:

Então a velha teve uma raiva malvada. Carregou o herói na cintura e partiu. Atravessou o mato e chegou no capoeirão chamado Cafundó do Judas. Andou légua e meia nele, nem se enxergava mato mais, era um coberto plano apenas movimentado com o pulinho dos cajueiros. Nem guaxe animava a solidão. A velha botou o curumim no campo onde ele podia crescer mais não e falou:  
— Agora vossa mãe vai embora. Tu ficas perdido no coberto e podes crescer mais não. E desapareceu. Macunaíma assuntou o deserto e sentiu que ia chorar. Mas não tinha ninguém por ali, não chorou não. Criou coragem e botou pé na estrada, tremelicando com as perninhas de arco. (DE ANDRADE, s.d., p.34)

Quem poderia condenar o procedimento da mãe de Macunaíma diante de tantas peripécias do filho? Castigo ou correção, o fato é que o herói segue seu caminho sem a mãe. Depois dela, outra personagem que possui ênfase na narrativa é Ci, Mãe do Mato, com quem Macunaíma tem um filho, muito adorado por todos. O menino morre envenenado e assim que enterra o filho, Ci, Mãe do Mato parte também, para o céu:

O curumim sem ama chupou o peito da mãe no outro dia, chupou mais, deu um suspiro envenenado e morreu. Botaram o anjinho numa igaçaba esculpida com forma de jabuti e pros boitatás não comerem os olhos do morto o enterraram mesmo no centro da taba com muitos cantos muita dança e muito pajuari. Terminada a função a companheira de Macunaíma, toda enfeitada ainda, tirou do colar uma muiraquitã famosa, deu-a pro companheiro e subiu pro céu por um cipó. É lá que Ci vive agora nos trinqes passeando, liberta das formigas, toda enfeitada ainda, toda enfeitada de luz, virada numa estrela. É a Beta do Centauro. No outro dia quando Macunaíma foi visitar o túmulo do filho viu que nascera do corpo uma plantinha. Trataram dela com muito cuidado e foi o guaraná. (DE ANDRADE, s.d., p.41)

Assim aborda-se a maternidade em *Macunaíma*, de forma muito sutil, com pouca relevância. Não obstante, a ação de Ci, Mãe do Mato é muito representativa no contexto materno: a mãe que desgosta da vida depois de perder o filho.

Rachel de Queiroz estreia na literatura brasileira com o romance *O Quinze* (1930), que “deu nascimento ao famoso romance de 1930, voltado para o tema social” (NEJAR, p.495), e é a primeira mulher escritora a ser vislumbrada nas Histórias da Literatura de Bosi (2017), Nejar (2011), Castello e Moisés. A narrativa acompanha a saga da família de Chico Bento, retirante da seca de 1915. Cordulina é esposa de Chico Bento, com quem tem cinco filhos e, principalmente nela, se desenvolvem as questões da maternidade. Nota-se que é uma mãe cuidadosa e preocupada com a felicidade dos filhos. As cenas de maternagem estão presentes em toda obra, situações rotineiras — amamentar, alimentar, acudir doenças — pincelam a interação familiar e a relação de Cordulina com sua prole.

Algumas das dores que acompanham a maternidade não são suplantadas, a mãe chora pelo filho que morre e também sofre pelo que foge, “desde que o Josias morrera e o Pedrinho fugira, vivia cheia desses terrores de morte e abandono” (QUEIROZ, s.d., p.70). Acima de tudo torce para que os filhos tenham um destino menos cruel. Por essa razão aceita dar o caçula, Duca, para que a madrinha Conceição o crie:

Mais tarde, já deitados, Cordulina lhe falou, meio hesitante: — Chico, a comadre Conceição, hoje, cansou de me pedir o Duquinha. Anda com um destino de criar uma criança. E se é de ficar com qualquer um, arranjado por aí, mais vale ficar com este, que é afilhado... — E o que é que você disse? — Que por mim não tinha dúvida. Dependia do pai... — E tu não tem pena de dar teus filhos, que nem gato ou cachorro? A mulher se justificou amargamente: — Que é que se é de fazer? O menino cada dia é mais doente... A madrinha quer carregar pra tratar, botar ele bom, fazer dele gente... Se nós pegamos nesta besteira de não dar o mais que se arranja é ver morrer, como o outro... Chico Bento calou-se e ficou olhando uma estrelinha, quase no rebordo do horizonte, que esmaecia aos poucos, ao passo que a lua vermelha, enorme e lustrosa, ia se levantando devagar. Mas, detrás dele, a mulher insistiu: — Que foi que você resolveu, Chico? Sem se voltar, fixando ainda a estrelinha moribunda, ele concordou: — É... dê... Se é da gente deixar morrer, pra entregar aos urubus, antes botar nas mãos da madrinha, que ao menos faz o enterro... (QUEIROZ, s.d., p.71)

Mesmo justificando sua escolha para o marido, dizendo que não deseja ver mais um filho padecer, outras cenas demonstram que ela não esquece seu menino, ainda que seja grata pelos cuidados de Conceição. Esta mistura de saudade e sacrifício fica clara na despedida final, quando partem para São Paulo, “depois foi Cordulina. Numa efusão repentina abraçou a moça, beijando-lhe as mãos, articulando por entre o choro que à última hora irrompera: — Deus lhe pague! Nossa Senhora lhe proteja! E tenha sempre caridade com o pobre do meu filhinho!” (QUEIROZ, s.d., p.78).

Obviamente que o tema da maternidade é também um recurso da crítica social construída por Queiroz, uma vez que tratar da vida dessa família é expor a miséria, a fome.

No entanto, o texto não deixa de abranger os aspectos mais subjetivos e concede um pouco mais de espaço à voz da mãe. Conceição, mesmo não tendo filhos biológicos, é também porta-voz de reflexões dentro do âmbito maternal, tendo em vista a época da publicação do romance, pode-se dizer que Conceição questiona o “ser-mãe”:

Mas Lourdinha parecia tão feliz com a filhinha... Afinal, o verdadeiro destino de toda mulher é acalantar uma criança no peito... E sentia no seu coração o vácuo da maternidade impreenchida... “Vae solis!” Bolas! Seria sempre estéril, inútil, só... seu coração não alimentaria outra vida, sua alma não se prolongaria noutra pequenina alma... Mulher sem filhos, elo partido na cadeia da imortalidade. [...] À vista do menino, adoçou-se a amargura no coração da moça. Passou-lhe suavemente a mão pela cabeça; e pensou nas suas longas noites de vigília, quando Duquinha, moribundo, arquejava, e ela lhe servia de mãe. Recordou seus cuidados infinitos, sua dedicação, seu carinho... E, consolada, murmurou: — Afinal, também posso dizer que criei um filho... (QUEIROZ, s.d., p.101)

José Lins do Rego, autor de extensa fortuna crítica, que segundo Nejar (2011, p.523) tinha o dom de “descobrir e fixar os conflitos íntimos do homem, do homem consigo mesmo e com o destino — esse raro dom — foi por Zé Lins do Rego transformado em instrumento de trabalho”. *Menino de engenho* (1932) foi seu romance de estreia e agora alvo de minha análise devido sua notoriedade em meio à produção do autor. Deveras não é sua obra-prima, este lugar pertence a *Fogo morto* (1943), mas dentre as obras de maior relevância foi a que contemplou a verificação a qual me proponho e possuí irrevogável força: “não são memórias e observações de um menino qualquer, mas de um menino de engenho, feito à imagem e semelhança de um mundo que, prestes a desagregar-se, conjura todas as forças de resistência emotiva e fecha-se na autofruição de um tempo sem amanhã” (BOSI, 2017, p. 426).

Como no caso da obra de Azevedo, *O Mulato*, no texto de José Lins do Rego não focalizo em uma personagem mãe, mas sim numa visão sobre a maternidade traduzida por intermédio das observações do narrador. A tia Maria é descrita como uma mulher pacata, carinhosa, submissa e bondosa. O nome já indica uma relação com o sagrado, Maria dentro do cristianismo é a mãe suprema. É a tia que assume os cuidados da casa e do sobrinho, lembrando a figura da mãe, que foi assassinada pelo pai, “Desapeamos, e uma moça muito parecida com a minha mãe foi logo me abraçando e me beijando. [...] E me abraçou, e me beijou, com uma ternura que me fez lembrar os beijos e os abraços de minha mãe” (REGO, s.d., p. 39).

Não menos santa que a tia, Dona Clarisse, a mãe do narrador, influencia o comportamento do filho mesmo após a sua morte. É nela que o menino pensa quando se cobra

questões morais. Porquanto, fica evidente a idealização da figura materna neste romance: as mães são seres puros e celestiais.

Em mim havia muita coisa precisando de freios e de chibata. As negras diziam que eu tinha o mal dentro. A tia Sinhazinha falava dos meus atrasos. Os homens riam-se das intemperanças dos meus 12 anos. [...] “Quando voltar do colégio, vem outro, nem parece o mesmo”. Todo mundo acreditava nisto. Este outro, de que tanto falavam, seria o sonho da minha mãe. O Carlinhos que ela desejava ter como filho. Esta lembrança me animava para a vida nova. (REGO, s.d., p. 146)

Analisando os primeiros resultados publicados referentes à pesquisa “Personagens do romance brasileiro contemporâneo”, desenvolvida na Universidade de Brasília sob a coordenação de Regina Dalcastagnè, que apontam que 25% de personagens femininas cumprem a função de dona de casa e que essa é a principal ocupação de tais personagens, é no mínimo curioso que a maternidade tenha sido tão escanteada na grande maioria das obras. A mesma pesquisa nos aponta a hipótese para tal fato, a ausência de escritoras no âmbito geral, mas no que diz respeito ao cânone mais ainda, predominantemente masculino e patriarcal.

Observando a representação da maternidade e das mães nestas obras, todas consideradas grandes marcos do cânone, percebi tal negligência com a temática. Sim, há muitas figuras de mães, mas a maternidade não ocupa nenhum protagonismo. As personagens são silenciadas, julgadas, invisibilizadas, romantizadas e usadas. Nas narrativas em que a personalidade das mães aparece de alguma forma é apenas no intuito de justificar ou formular a narrativa de outras personagens, ou seja, a mãe não existe em si, mas serve a um contexto. Justamente o movimento oposto se faz na literatura contemporânea escrita por mulheres para tratar sobre maternidade, coloca as mães em posição de protagonismo e não apenas isso, também pondera e questiona aspectos da maternidade.

As reflexões que trago aqui se aplicam a este reduzido e humilde *corpus*, mais como amparo para provocações do que para concluir qualquer coisa que seja. Não tenho a presunção de determinar os moldes da representação materna na História da Literatura brasileira inteira. Esta seria outra tese, ou este capítulo se transfiguraria em uma tarefa mais árdua e pesada que criar o meu filho.

*Carta número 2.*

*Ou “aquela carta que escrevi amamentando”.*

*Eu quis muito te amamentar, Arthur.*

*Desde que descobri que estava grávida sequer passou pela minha cabeça outra possibilidade. Era um sonho, que eu não sei bem se sonhei ou se sonharam pra mim. Algumas pessoas disseram que meu seio era pequeno e que eu não conseguiria. Pedi à Oxum que me desse leite e que você quisesse mamar. Ela atendeu: mal saiu da barriga, você já estava no peito e fez tudo direitinho, automático, natural, mágico. Eu me sentia completa, uma mãe de verdade.*

*Isso nas primeiras horas porque depois você começou a chorar mais, pedindo o peito de minuto em minuto. A enfermeira disse que meu leite era fraco e você sentia fome. Ela também te deu um bico e tudo piorou. Sua boca parecia ter diminuído, não encaixava na minha aréola. Mas eu persisti, mesmo com a sensação de agulhas sendo enfiadas no bico do seio, mesmo vendo o sangue sair da pele em carne viva. Os meus pés se contorciam e as minhas lágrimas acompanhavam as suas quando você chorava para mamar.*

*Com o tempo, a dor passou, nós acertamos a pega, a posição, o encaixe. No primeiro ano a maior parte da amamentação foi cheia de amor. Não pensava em parar, ainda que eu não fizesse mais nada muito bem, já que você era um bezerro grudado em minhas tetas a cada instante. Eu não tenho certeza se gostava de amamentar ou se gostava de ver o quanto você amava mamar. A “tetê” era tudo na sua vida, Arthur, era o que você procurava quando estava com medo, com sono, com fome, com saudade...*

*Mas a sua sucção começou a me perturbar, arranhar o mamilo com a aspereza da sua língua, a umidade, a fricção, eu tinha vontade de sair correndo. Os meus braços e as minhas costas estavam suplicando por repouso. A noite chegava, depois de um dia exaustivo, e eu sabia que mesmo assim não iria descansar. Nós deitávamos juntos e mais uma jornada angustiante se estendia à minha frente: posições desconfortáveis, você pendurado, seu pai roncando.*

*Sim, eu me ressentia. Não apenas dele, mas de todos que podiam dormir. Sim, dele especialmente, pois estava ao meu lado. E o ronco parecia um desaforo, uma afronta, uma exibição cruel de como ele dormia profundamente. Eu sentia raiva daquele peito que ressonava mas não produzia leite, daqueles mamilos inúteis que não serviam pra você sugar. O pai não tinha culpa, né, mãe, talvez você vá pensar isso. Eu também não tinha, mas era a única naquela cama que não dormia.*

*Depois eu só não parava porque não sabia como fazer isso. Não sem te machucar. Toda noite eu pensava em aguentar um pouco mais, só um pouco mais. E você adorava tanto. Assim que começou a falar, pronunciou a palavra “tetê”, poucos dias e você já dizia “tetê linda”. Que tipo de mãe eu seria se tirasse algo tão importante de você? Nós completamos dois anos e dois meses de amamentação. E se eu achava que te amamentar estava me causando sofrimento é porque eu não imaginava o que me esperava ao desmamar...*

### 3 EPISIOTOMIA: AQUILO QUE SANGRA

*uma mulher incomoda  
é interdita  
levada para o depósito  
das mulheres que incomodam  
loucas louquinhas  
tantãs da cabeça  
ataduras banhos frios  
descargas elétricas  
são porcas permanentes  
mas como descobrem os maridos  
enriquecidos subitamente  
as porcas loucas trancafiadas  
são muito convenientes  
interna, enterra*

(Angélica Freitas)

Provavelmente uma foto seria mais esclarecedora, mas na ausência de imagens irei apenas explicar que a episiotomia se trata de uma incisão feita no períneo no momento do parto. Alguns obstetras decidem arbitrariamente realizar esta prática, e sequer consultam ou informam as mães antes de abrir um talho entre o ânus e a vagina. A episiotomia pode acarretar dores e problemas crônicos no corpo da mulher. Laceração grau 4: tudo vira um buraco só. Esta é apenas uma das inúmeras violências às quais somos submetidas. Aquilo que sangra regularmente pode se tornar irreparável.

Por isso, antes de aprofundar os conceitos que amparam a ruptura com as ideologias estagnadas e arcaicas sobre a maternidade, é preciso salientar que a idealização da figura da mãe é uma das faces do estereótipo da mulher, acima de tudo. A questão não está no fato de ter filhos, mas em quem os têm, posto que apenas um dos genitores sofre essa sequência de imposições. Além do mais, se fosse o homem a gerar e a parir a criança, certamente a sociedade ofereceria a ele suporte e compreensão, e não uma cadeia utópica de exigências.

É uma estratégia eficaz isolar a maternidade como um assunto que diz respeito apenas às mães. A sociedade se exime de qualquer responsabilidade maior, assim como o próprio pai. Causa, também, uma divisória entre as mulheres, tal qual o modelo dual que estabelece um exemplo a ser evitado: “ainda que as mulheres possam ocupar, na sociedade contemporânea, outros espaços que não o de esposa ou prostituta, podendo exercer uma série de outras atividades, vamos perceber que essa linha tênue que nos separa entre “boas” e “más” segue existindo” (PRADA, 2018, p.77). No entanto, a maternidade será usada como meio de controle contra ambas, as mães personificam a essência materna quando dão à luz, como se

não fossem mais mulheres, ao passo que as mulheres que não têm filhos jamais serão completas e verdadeiras se não o fizerem. Segundo Dos Santos (2016, p.151) “em lugar de serem sujeitos, as mulheres são, em várias formas, o outro, uma falta misteriosa e incompreensível, assim como um signo proibido, tal como o corpo materno irrecuperável, ou mesmo uma mistura deteriorada desses vários aspectos”, ou seja, independente das escolhas no que tange à maternidade, as mulheres serão usurpadas de sua subjetividade.

O corpo, em um sentido geral, seja ele masculino ou feminino, é uma tela na qual são demarcadas questões sociais, assim como estruturas hierárquicas de poder e identificações categóricas de gênero e sexualidade, não por acaso Grosz (2000, p. 84) define que "o corpo deve ser visto como um lugar de inscrições, produções ou constituições sociais, políticas, culturais e geográficas". As inscrições que se destinam especificamente ao corpo da mulher corroboram a manutenção de um bem elaborado projeto de controle, que nega o domínio da própria sexualidade, rotulando uma erotização que cumpre a satisfação do desejo masculino. No caso da mãe, a subjugação do corpo da mulher se dá por outro meio, o da anulação e rejeição, “de acordo com esse esquema moral, a mulher é, portanto, aquela que não possui controle sobre os próprios desejos, a que não possui o “domínio de si””, (BRANCO E BRANDÃO, 2004, p.156).

A sexualidade feminina só é autorizada e válida quando para realizar as aspirações masculinas, do contrário ela é condenável e deve ser reprimida, como reforça Chauí (1991, p. 99), "a repressão da sexualidade se realiza através do controle minucioso do ato sexual e particularmente do corpo feminino". O emblema do corpo materno, destituído do direito ao prazer e encarregado de cumprir exclusivamente a função reprodutora, perpassa por essas questões. É imprescindível reconhecer as conexões, ter a consciência de que a romantização da figura da mãe atravessa e se apoia nas imposições sociais sobre a mulher. Segundo Bhabha (2013, p. 119), "O corpo está sempre simultaneamente (mesmo que de modo conflituoso) inscrito tanto na economia do prazer e do desejo como na economia do discurso, da dominação e do poder", considerando que ambas as economias, do prazer/desejo e do discurso/dominação/poder são regidas e reguladas principalmente pelo comando masculino, resta à mulher receber as marcas corporais da subjugação.

O pensamento misógino frequentemente encontrou uma auto-justificativa conveniente para a posição social secundária das mulheres ao contê-las no interior de corpos que são representados, até construídos, como frágeis, imperfeitos, desregrados, não confiáveis, sujeitos a várias intrusões que estão fora do controle consciente. A sexualidade feminina e os poderes de reprodução das mulheres são as características (culturais) definidoras das mulheres e, ao mesmo tempo, essas

mesmas funções tornam a mulher vulnerável, necessitando de proteção ou de tratamento especial, conforme foi variadamente prescrito pelo patriarcado. (GROSZ, 2000, p.67)

Desde a infância a performatividade de gênero direciona as práticas dos sujeitos através de um controle sistemático, de acordo com Butler (2017, p.241, grifo da autora), “A ação do gênero requer uma *performance repetida*. Essa repetição é a um só tempo reencenação e nova experiência de um conjunto de significados já estabelecidos socialmente; e também é a forma mundana e ritualizada de sua legitimação”. A performance estipulada para determinado gênero contempla vestimenta, comportamento, interesses, profissões, deveres e direitos. Nenhum âmbito de existência de um indivíduo escapa, pois além de completa e restritiva, a performatividade de gênero é também punitiva, como explica Butler (2017, p.242). Toda construção social atua nessa engrenagem, determinando cores, roupas e brincadeiras adequadas para homens e mulheres, distintamente, garantindo ao homem os seus privilégios historicamente perpetuados:

Isso se dá porque historicamente criou-se a concepção essencialista de uma identidade feminina ou das mulheres: uma natureza comum a todas as mulheres (servil, frágil, incapaz). A essa diferença, com base na biologização, está vinculado um projeto de exclusão, que vai além de colocar o homem como o centro e a mulher como margem; encontra-se, também, a formação androcêntrica de uma identidade que constrói um sujeito unificado, autônomo, absoluto. Essa construção, fundamentada no determinismo e na naturalização, fornece ao homem o discurso e à mulher, o silêncio. E ainda cabe ressaltar que essas manifestações revelam, na esteira do pensamento de Heleieth Saffioti e de Suely de Almeida, que “o inimigo da mulher não é propriamente homem, mas a organização social de gênero cotidianamente alimentada não apenas por homens, mas também por mulheres” (TORRES, 2010, p.91).

Um conjunto de normas irá reger as performances das mulheres: sentar direito, falar de determinada maneira, brincar com bonecas, manter-se limpa, gostar de rosa, usar determinado corte de cabelo, manter partes do corpo depiladas. “Essas ações têm dimensões temporais e coletivas, e seu caráter público não deixa de ter consequências; na verdade, a performance é realizada com o objetivo estratégico de manter o gênero em sua estrutura binária”, como salienta Butler (2017, p.242). Tal conjunto de diretrizes não se aplica aos homens, considerando que mesmo igualmente inseridos no sistema, os homens têm mais liberdade de construir sua identidade. Contanto que não fuja dos padrões de masculinidade.

A dominação masculina, que constitui as mulheres como objetos simbólicos, cujo ser (esse) é um ser-percebido, tem por efeito colocá-las em permanente estado de insegurança corporal, ou melhor, de dependência simbólica: elas existem primeiro pelo, e para, o olhar dos outros, ou seja, enquanto objetos receptivos, atraentes, disponíveis. (BOURDIEU, 2017, p.96)

Nesta doutrina personalizada e milimetricamente ensinada de acordo com o gênero, fundam-se muitos dos mitos da maternidade, a exclusividade no cuidado com os filhos, nos afazeres domésticos, como se de fato houvesse uma predisposição geneticamente embutida nas mulheres e não o fruto de uma construção social exaustivamente reproduzida. Tal aparato engloba expectativas existenciais (matrimônio, maternidade), uma série de realizações, bem como características da personalidade (submissa, resiliente, delicada, feminina, cuidadosa) e da aparência física (cabelo comprido, corpo magro e definido, pele macia, entre outros padrões de beleza).

O matrimônio, e mesmo o conceito de amor, têm sido usados historicamente a séculos como estratégia para tomar o trabalho das mulheres sem pagar nada por ele. O cuidar, o agradar, “por amor”, não só para o marido, mas para a família toda, dispensando remuneração ou agradecimento. Esse trabalho, embora seja muitas vezes considerado sem valor ou não trabalho, é essencial para a manutenção da sociedade. (PRADA, 2018, p.77)

Isto serve também como recurso para imbuir a maternidade compulsória às mulheres, pautando-se na crença de que ser mãe faz parte de um pacote fechado e inalterável nos ditames do feminino. Um padrão hierárquico que parte da superioridade do homem garante a repercussão desses lugares pré-estabelecidos socialmente, no qual a mulher é desqualificada enquanto sujeito:

O princípio da inferioridade e da exclusão da mulher, que o sistema mítico ritual ratifica e amplia, a ponto de fazer dele o princípio da divisão de todo o universo, não é mais que a dissimetria fundamental, a do sujeito e do objeto, do agente e do instrumento, instaurada entre o homem e a mulher no terreno das trocas simbólicas, das relações de produção e reprodução do capital simbólico, cujo dispositivo central é o mercado matrimonial, e que estão na base de toda ordem social: as mulheres só podem aí ser vistas como objetos, ou melhor, como símbolos cujo sentido se constitui fora delas e cuja função é contribuir para a perpetuação ou o aumento do capital simbólico em poder dos homens. (BOURDIEU, 2017, p.66)

Dessa forma, a desmistificação da maternidade, a libertação das pressões idealizadas e silenciadoras, só pode ocorrer plenamente a partir da desestruturação das amarras patriarcais e misóginas que ainda encarceram as mulheres.

*Carta número 3.*

*Ou aquela carta em que desabafei.*

*Segundo uma reportagem da Veja, as mulheres são mais afetadas pela síndrome do impostor. Acredito que para as mães seja ainda pior, Arthur. Nós sentimos incompetentes na maternidade, na vida profissional e na pessoal. Quando eu descobri que estava grávida, lá no início do Doutorado, prometi a mim mesma que nada mudaria, nada, eu cumpriria todos os prazos, eu produziria tanto quanto antes, eu só sairia de dentro da PUCRS parindo.*

*Na minha cabeça eu me despediria dos professores para ir direto pra sala de parto. Nada abalaria minha trajetória, nada. "Eu sou totalmente capaz, totalmente capaz, sem dúvidas, e se pensam que isso vai me afetar estão enganados! Se os colegas acham que vou pedir arrego nas disciplinas, tentar me aproveitar ou pedir tratamento especial, de jeito nenhum... vão ver só". Eu já sentia que tinha que provar que não seria inferior a ninguém. Que o programa de Pós-graduação, o CNPq, e o meu orientador não seriam decepcionados. Ah, eu tão preocupada com as minhas obrigações de estudante e o meu orientador, talvez já sabendo o que me esperava, só dizia que eu não precisava pensar nessas coisas, nem fazer mil promessas, "eu confio em ti, vai dar tudo certo". Talvez tu conheça o meu orientador, Arthur, o Barberena. Foi a primeira pessoa da Pós-graduação que soube de ti e também a que mais me acolheu por lá. Eu estava me sentindo desqualificada para a vaga que tinha acabado de ganhar... Mas ele não, ele estava tranquilo, e feliz pela notícia. Ao mesmo tempo que ele continuava acreditando na minha competência, ia tentando tornar minhas responsabilidades mais leves. Arthur, sei que talvez soe cafona demais, mas eu não poderia falar da história dessa Tese, da nossa história com o Doutorado, sem falar desse professor que ajudou a fazer eu me sentir menos impostora. É o que os mentores fazem, apoiam e ensinam.*

*Tudo já foi tão difícil, mesmo com ajuda, imagina sem. Eu precisava me convencer constantemente que merecia estar ali. Quando as dores começaram, quando o sono veio com tudo, quando a obstetra disse que eu precisava de repouso... Eu sentia que estava falhando. Talvez numa paranoia, eu notava os colegas me olhando, julgando meus atrasos, meus erros. E depois de ser questionada se "a dedicação exclusiva não é uma exigência da bolsa?" eu tive que concordar, internamente, "você está certa, sim, eu não deveria estar aqui, eu não pertencço a esse lugar, aqui só devem estar as pessoas que vivem para a academia, que vivem as suas pesquisas". Pessoas que não estão cansadas por fazer xixi de 10 em 10 minutos, pessoas que não*

faltam aula para verificar um sangramento, pessoas que não dormem lendo um texto teórico porque estão sendo dominadas pelos hormônios, pessoas que não atrasam a entrega de um artigo porque não conseguem se concentrar por causa das dores.

No auge da minha ilusão pensei em não tirar licença maternidade, “me deem só um mês e eu volto com tudo, a Ana de sempre, prometo”. Mas Arthur, você nasceu e me mostrou que precisávamos da licença, que eu estava errada sobre tantas coisas, que nada seria como antes. Que eu ficaria esquecida e sem foco (isso também é hormonal), que a rotina de mãe consumiria o meu cérebro. Sim, nós precisaríamos de tempo.

Seis meses depois, porque a licença emendou com as férias da Universidade, voltei. Mas ainda tinha um bebê em casa. No teu primeiro ano de vida não publiquei um artigo sequer, apesar de dar o meu melhor, estava bem no olho do furacão da maternidade, amamentando em livre demanda. Quando tinha que te deixar para estudar e você chorava, eu me sentia um lixo de mãe. Quando não conseguia produzir por estar com você, me sentia um lixo de pesquisadora. Uma grande fraude em tudo o que me propunha. Eu, que sempre virei as noites escrevendo os trabalhos e lendo as obras, agora virava amamentando e trocando fraldas. Sonhei que poderia entrar em sala de aula e fingir que tinha a mesma disposição que os meus colegas, falhei novamente.

Arthur, é um processo, uma luta diária provar pra mim mesma que eu tenho direito e competência para estar onde estou. Para entender que alguns colegas sem filhos produzem muito mais que eu e outros, muito menos. Que talvez eu tenha apenas outras dificuldades, outros obstáculos, assim como outras motivações, outras perspectivas. Que talvez ser mãe me tire muitas coisas mas me dê tantas outras. Que eu seja munida de habilidades e talentos diferentes. E que o mundo, a academia e o Lattes vão ter que aceitar essa parte de mim, que é a maternidade.

É isso que eu repito, Arthur, toda vez que a insegurança me rouba a determinação, toda vez que eu escuto aquela voz dizendo que todos estão fazendo trabalhos melhores e mais relevantes, que eu não tenho tempo para me dedicar. Que enquanto os outros estão voando eu estou presa no maternar. Quando recebo um elogio dizendo “nossa, tu faz tudo isso e tem um filho”, a voz sorradeira me envenena: “imagina o que faria se não tivesse?”. Mas não é pessoal, Arthur, não é nada contra ti. Quando vejo outras mães se dedicando exclusivamente aos filhos, pacientes e cuidadosas, sem precisar deixar a criança chorando para estudar ou faltar ao passeio de domingo para preencher as fichas de pesquisa, a voz também se aproxima sussurrando: “que sorte se o Arthur tivesse uma mãe como essa, imagina como ele seria feliz”.

#### 4 DILATAÇÃO: AQUILO QUE EXPANDE

É uma tarefa sofrível encarar as mães desviantes, sejam elas quais forem. E com “encarar” refiro-me ao sentido amplo: olhar para elas, contar sobre elas e até mesmo assumir que existem. O senso comum é inflexível quanto ao assunto: mãe é sagrada. Não por acaso, as piores ofensas envolvem as relações maternas. Participando de um evento em Mendoza, passei por dois homens brigando, enquanto um gritou ferozmente para o outro: “la concha de tu madre”. Por óbvio que a maioria dos xingamentos é direcionada aos comportamentos das mulheres, fruto de nossa bagagem misógina. No entanto, “filho da mãe” (e suas variantes que não pretendo citar) ainda é uma das piores injúrias.

É unanimidade que as mães são figuras intocáveis. Nos contos de fada, por exemplo, a incapacidade e a recusa em tratar de mães com comportamentos negativos trouxe uma proliferação de madrastas. Elas são o duplo das boas mães, um recurso para trazer à tona a obscuridade, sem manchar uma reputação tão bem construída, como explica Bethelheim (1980, p. 86):

Assim, a divisão típica do conto de fadas entre a mãe boa (normalmente morta) e uma madrasta malvada é útil para a criança. Não é apenas uma forma de preservar a mãe interna totalmente boa, quando na verdade a mãe real não é inteiramente boa, mas permite à criança ter raiva da "madrasta" malvada sem comprometer a boa vontade da mãe verdadeira, que é encarada como uma pessoa diferente. [...] A fantasia da madrasta malvada não só conserva intacta a mãe boa, como também impede a pessoa de se sentir culpada a respeito dos pensamentos e desejos raivosos quanto a ela - uma culpa que interferiria seriamente na boa relação com a mãe.

Apesar disso, sempre existiram mães nas narrativas literárias, incluindo as personagens que fugiam do padrão materno idealizado. Violentas ou egoístas, que abandonam os filhos ou que não têm sentimentos por eles, até essas mães já passeavam pelas páginas da Literatura mundial. Dentre os vários exemplos, destaco *Madame Bovary*, de Flaubert (citada em diversas matérias como uma das piores mães da Literatura), *Medeia*, de Eurípedes (considerada o grande mito da mãe monstruosa), e *Anna Kariênina*, de Tolstói (descrita em inúmeras análises como uma mulher egoísta). Trazendo para o catálogo nacional, temos a mãe de Leonardo, em *Memórias de um Sargento de Milícias*, da qual já falei anteriormente.

O que diferencia tanto as obras que incorporam o *corpus* — assim como outras também presentes na literatura brasileira contemporânea — é o formato de representação das

mães e a centralização das reflexões sobre a maternidade. Além de trazer aspectos polêmicos, sentimentos negativos, desmistificar conceitos e romper com estereótipos, as narrativas abordam a subjetividade das personagens, compilando memória e identidade.

Estereótipo e subjetividade são explorados nos romances, cada qual de formas diferentes. Em *A morte de Paula D.* a narradora utiliza a ironia para contestar as imposições que sofre, ela expõe os estereótipos no qual é enquadrada como mãe e esposa, bem como reproduz discursos emblemáticos através das falas de vizinhos e do marido. Em *A vida invisível de Eurídice Gusmão* os estereótipos são perpetuados, intercalando questionamentos ao longo da narrativa, ou seja, Eurídice é uma mãe exemplar que tenta agir exatamente como é exigido, ainda que isso nem sempre a faça feliz, ela corresponde ao padrão em diversos aspectos. Porém, quando se depara com suas próprias angústias, ela busca sutis liberdades que infelizmente são barradas pela força do estereótipo.

Assim como Alice, em *Quarenta dias*, que utiliza o diálogo com a “Barbie” (boneca que está na capa do caderno no qual ela narra sua trajetória) para indagar se a boneca também não gostaria de ter autonomia sobre si mesma. O estereótipo vem através de terceiros, como a prima, que afirma ser sua obrigação de mãe apoiar a filha. Em diferentes níveis, o estereótipo ocupa nos romances um lugar de questionamento. Evidentemente os estigmas precisam vir à tona para denunciar e expor a construção idealizada da figura materna, permitindo assim a contraposição da subjetividade. Se as mães das narrativas acabam reproduzindo alguns estigmas, isso se trata do resultado da força que a violência simbólica exerce sobre elas, ou seja, além de porta-vozes do estereótipo que sofrem e assistem, elas são incumbidas de delatar também esse fator. Como Paula D. que já não conseguia diferenciar os próprios desejos das imposições sociais, executando, dessa forma, o planejamento padrão inserido através da violência simbólica:

eu tão nova estava já completa perfeita e acabada havia conseguido o sonho geral final de roliúde e gostava até da invejinha – ah da invejinha eu gostava – porque todos achavam que eu era mesmo muito rica por ter olhinhos assim tão apertados e tão devotos nos meus e eu achava que por ser tão bonita e tão cuidadosinha e aplicadinha e por ter sempre feito tudo tão certinho eu merecia um pouco tanta tanta felicidade um mundo tão só meu eu tinha mesmo um sonho um sonho bem realizado para mim faltava muito pouco faltava o que alguma coisa alguma coisa bem cristã e bem bonita. (PAIM, 2009, p.49)

Porém, prevalece nas obras o esforço de utilizar todas essas camadas estereotipadas para subvertê-las. Através de recursos variados, os romances possuem uma estrutura tal que possibilita que vozes geralmente tão ocultas recebam espaço:

Toda nuestra vida social está mediada por la voz. Aunque en un sentido distinto nuestro ser social dependa en gran medida de la letra, habitamos en forma constante en un universo de voces. En medio del universo de las voces que gritan, susurran, acarician, amenazan, imploran, seducen, ordenan, ruegan, rezan, hipnotizan, aterrorizan, declaran e incluso silencian, hay voces que particularmente nos interesan en sus modos de irrupción porque con ellas se instaura, efectivamente, la presencia de los cuerpos y de las necesidades ¿Hay acaso voces que no tengan cuerpo? Podríamos decir que hay voces a las que se les sustraen los cuerpos y se las invisibilizan sus necesidades, operaciones que sin dejar de pertenecer al orden teórico inevitablemente nos llevan al terreno de lo ideológico. (CONTARDI, 2013, p. 225)

Conduzir a narrativa inserindo reflexões e críticas aos estereótipos atribuídos às mães, assim como introduzir a subjetividade constituem uma clara reivindicação de protagonismo. Há também uma proposta de alteridade, pois ela só é possível na representação que aborda a personagem como sujeito. Nenhuma leitura é capaz de estabelecer identificação através do estereótipo, quanto mais fixa a imagem configurada do indivíduo mais distante nos sentimos dele, portanto, "é possível pensarmos uma definição para a literatura como o espaço que cria as condições de possibilidade para que o sujeito manifeste a invenção de uma subjetividade, ou aquilo que é insuportável, ou ainda, que ele expresse artisticamente sua impossibilidade de não 'ser o que é'" (BORBA, 2006, p. 219). A construção dessas personagens dentro das obras citadas permite a elas o ato de "ser", devolvendo a humanidade insistentemente negligenciada. É o ensaio da retomada de autonomia, "La finalidad de la liberación es que los cuerpos no tengan dolor, miedo, que puedan dignificarse en el trabajo, que puedan aprender, imaginar, que puedan amar y crear, que puedan dormir en paz" (CONTARDI, 2013, p. 232).

As personagens ganham características e efetuam ações que contribuem para imersões identitárias, como explica Nogueira (2011, p. 203), "Estas práticas de si não são ações neutras, mas exercícios que o sujeito exercita a partir de 'ações refletidas e voluntárias' por meio das quais 'procuram se transformar, modificar-se em seu ser singular e fazer de sua vida uma obra que seja portadora de certos valores estéticos' (FOUCAULT, 1994)", assim encaixam-se as mudanças graduais e cotidianas exercidas por essas mães que habitam as obras em análise. Como os trechos que destacam a inteligência de Eurídice e o desenvolvimento de uma atividade que a realize como pessoa, bem como as passagens em que Paula D. refuta os discursos da mídia e dos vizinhos, assumindo seus próprios "pensamentozinhos", como chama sarcasticamente.

A inversão do estereótipo é um processo complexo, que se dá por variados caminhos, é preciso dispor de diferentes recursos para cobrir o leque de acessos que culminam em uma representação estigmatizada, ou seja, se o estereótipo cerca por meio de múltiplas instâncias,

garantindo sua permanência pautado na ambiguidade, para que a subjetividade se sobreponha estratégias semelhantes são necessárias. Os dispositivos da memória são fundamentais para quebrar os discursos silenciadores e limitantes.

Por sua vez, o uso da primeira pessoa é providencial, já que propicia um alcance intimista na própria estética do pensamento da personagem, como define Butler (2015, p.23), “O ato de relatar a si mesmo, portanto, adquire uma forma narrativa, que não apenas depende da capacidade de transmitir uma série de eventos em sequência com transições plausíveis, mas também recorre à voz e à autoridade narrativa, direcionadas a um público com o objetivo de persuadir”. É o caso de *A Chave de Casa*, *Quarenta dias*, *O peso do pássaro morto*, *Uma duas* e *A morte de Paula D.* Para o linguista Benveniste (1988), *eu* é a única pessoa subjetiva, portanto, seu emprego no texto obviamente concede um acesso privilegiado aos sentimentos e pensamentos das personagens, “*Eu* designa aquele que fala e implica ao mesmo tempo um enunciado sobre “eu”; dizendo *eu*, não posso deixar de falar de mim” (BENVENISTE, 1988, p.250, grifo do autor).

Não obstante, as narrativas escritas em terceira pessoa, *A vida invisível de Eurídice Gusmão*, assim como alguns capítulos de *Uma duas*, valem-se de outras ferramentas, como fluxos de consciência e discurso indireto livre, para trazer ao conhecimento do leitor a personalidade das personagens mães, “o uso do discurso indireto livre é um procedimento que permite narrar diretamente os processos mentais da personagem, descrever sua intimidade e colocar o leitor no centro da sua *subjetividade*” (MELLO, 2013, p. 9, grifo meu).

No que se refere à memória, partimos das palavras de Candau (2014, p. 9), quando reconhece “que a memória é, acima de tudo, uma reconstrução continuamente atualizada do passado, mais do que uma reconstituição fiel do mesmo”, também considerando o prisma abordado por Assmann (2011, p. 34) que ratifica esse caráter dinâmico da memória, afirmando que ela “não deve ser compreendida como um recipiente protetor, mas como uma força imanente, como uma energia com leis próprias”. A memória surge nos livros para auxiliar essa aproximação com o passado das personagens, expondo assim seus sonhos, angústias, medos e paixões. Configura-se um recurso poderoso para criar um mergulho ao interior, considerando que a memória é, de fato, uma “força de identidade” (CANDAU, 2014, p. 17).

Através das lembranças das personagens há a contextualização de determinadas situações. Por meio da rememoração da fuga da irmã e do impacto familiar causado é possível

compreender a necessidade de adequação que rege alguns comportamentos de Eurídice, assim como as recordações da infância permitem conhecer os primeiros indícios de sua genialidade. O passado de Maria Lúcia, mãe de Laura em *Uma Duas*, pode não justificar, mas certamente elucida determinadas atitudes. As circunstâncias nas quais aconteceu a aproximação entre ela e o marido tornam compreensíveis a sua resistência e hesitação em aceitar uma relação mais íntima entre pai e filha:

Quando cheguei ao edifício onde eu morava, ele me esperava na porta. Primeiro preocupado, depois furioso. Senti que tinha feito algo muito errado. Em seguida tive ódio dele. Você não é o meu pai, eu disse. Desta vez eu disse. Não sou mesmo. Sou o seu homem. Meu o quê?, eu não entendia. Então ele disse. Fica quieta. E começou a tirar o meu vestido. Eu era maior do que ele, mas tinha um medo maior do que eu. Fiz o que tinha aprendido a fazer. Deixei fazer. Ele tocava o meu corpo com cuidado, quase com temor. E foi tocando e tocando em todos os lugares onde meu pai nunca tocou. Eu não sabia o que ele fazia, mas sabia que ele não devia fazer. Não conseguia me mexer. Talvez nem quisesse. Eu nem mesmo estava ali. Mas estava de algum modo porque comecei a gostar e a odiar aquele toque. Era a primeira vez que alguém me tocava. E era bom e era ruim. Ele começou a tirar as suas roupas e ele tinha um corpo branco e mole, muito diferente do corpo do meu pai. Eu tive nojo dele ao ver aquele corpo branco e mole tão diferente do corpo do meu pai. Mas continuei parada ali até mesmo quando ele abriu as minhas pernas, e eu senti uma dor tão grande que pensei que tinha acordado todos os vizinhos com o meu grito. Mas, como tudo em mim, foi um grito de silêncio, porque ninguém apareceu. Depois de fazer um ruído abafado, ele rolou para o chão. Alguns minutos depois começou a me limpar. E foi assim que viramos marido e mulher. Mas eu só soube que aquilo era um casamento muito tempo depois, quando comecei a sair sozinha e observar as coisas. Aí já era tarde para me importar e, de qualquer modo, eu não sabia como mudar. (BRUM, 2018, p.71)

Tendo em vista que passagens como esta asseguram o acesso a acontecimentos que interferem diretamente na visão de mundo e de si mesmas, é inegável que a presença da memória potencializa a composição das personagens:

A memória, ao mesmo tempo em que nos modela, é também por nós modelada. Isso resume perfeitamente a dialética da memória e da identidade que se conjugam, se nutrem mutuamente, se apoiam uma na outra para produzir uma trajetória de vida, uma história, um mito, uma narrativa. Ao final, resta apenas o esquecimento. (CANDAU, 2014, p.16)

A Chave de casa também relata o passado da mãe da protagonista durante a ditadura, seus dias presa e a tortura que sofreu, isso intermedia a identificação da personagem, ela não é apenas uma mãe, ela tem uma história só sua. Paula D, por outro lado, utiliza os dispositivos de memória para expor a cadeia de repressões e regras impostas desde que era uma criança e

que a levaram ao casamento e à maternidade, relembrando o início do namoro e os sentimentos conflitantes na realização da cerimônia:

como robô fui caminhando e na porta da igreja me foi dando um enjôo minha cara ficou branca amarela fiz que ia vomitar mas vomitar o quê e quando me dei conta que não tinha o que então parei. parei também porque achei um absurdo ora essa cadê essa tal minha felicidade momentos mágicos espera da vida inteira da mulher cadê cadê cadê cadê aquele segredinho aquela coisa toda que me espera as soluções cadê POR FAVOR as soluções o grande final deve estar por aqui em algum lugar escondido ou então o perdi falta reencontrar cadê o milagre prometido cadê cadê cadê e ao que eu perguntava me respondia apenas o enjôo de novo enjôo recorrente aquele bolo todo me escalando a garganta (PAIM, 2009, p.70)

Já a narradora de *O peso do pássaro morto* apresenta a série de eventos que culminaram tanto no sufocamento da sua subjetividade como em uma gravidez indesejada: a morte da amiga, a mudança de escola, o *bullying*, a falta de apoio, o estupro. Por isso é essencial ressaltar a relação orgânica estabelecida entre memória e identidade:

De fato, memória e identidade se entrecruzam indissociáveis, se reforçam mutuamente desde o momento de sua emergência até sua inevitável dissolução. Não há busca identitária sem memória e, inversamente, a busca memorial é sempre acompanhada de um sentimento de identidade, pelo menos individualmente. (CANDAUI, 2014, p. 19)

Segundo Butler (2015, p. 18), "O "eu" não tem história própria que não seja também a história de uma relação, ou um conjunto de relações", no processo de subjetivação das mães entrará também a interação com outras personagens, principalmente os filhos e filhas, mas ainda com os pais, a irmã, os companheiros. As identidades também são moldadas pela forma com que as personagens desenvolvem suas conexões com os demais. Especialmente em *Uma duas* e *A Chave de Casa*, em que o diálogo mãe-filha é o fio condutor das narrativas. Registramos, no entanto, a ressalva de que "a identidade é constituída num sistema de relações, mas que ela não pode jamais ser reduzida a essas relações" (BALOCCO, 2006, p. 28).

No que se refere aos grupos mais silenciados, a subjetividade é essencialmente uma forma de resistência, é a perseverança frente aos rótulos impostos a todos aqueles que formam o "Outro", como afirma Butler (2017, p.256), "A desconstrução da identidade não é a desconstrução da política; ao invés disso, ela estabelece os próprios termos pelos quais a identidade é articulada". Ou seja, para um sujeito cuja elaboração de sua identidade está

vinculada ao estereótipo, lutar por seu reconhecimento como indivíduo é um processo de "subjetivação política" como explica Ramaglia (2011, p. 241):

De este modo, "una subjetivación política es el producto de esas líneas de fractura múltiples por las cuales individuos y redes de individuos subjetivan la distancia entre su condición de animales dotados de voz y el encuentro violento de la igualdad en el logos". La "igualdad de las inteligencias" que es, antes que nada, igualdad de seres hablantes, es el lugar desde donde emerge un nuevo concepto de subjetividad, entendida como esse principio inmanente a partir del cual es posible (re)definir la noción de sujeto.

Nesse sentido, é imprescindível subverter a ordem, ainda que o estereótipo se aproprie do corpo – uma das bases do emblema da mãe – para empreender sua sequência de estigmas, não devemos renegá-lo em detrimento da mente e do intelecto, e sim assimilar o conceito de "sujetos-cuerpo" abordado por Roig (2002) e explicado por Contardi (2013, p. 231), "Los sujetos emergentes no buscan liberar su alma o su conciencia, sino liberarse como lo que son: sujetos concretos, empíricos, sujetos-cuerpo". O corpo então é ressignificado, reapossado como parte integrante da composição do ser e não como peça de objetificação usada para o desmoronamento da subjetividade:

No se trata de una filosofía que piensa e intenta definir qué es el cuerpo, sino que piensa la irrupción del cuerpo, los mundos en que irrumpe, a través de las voces, de las marchas y de las luchas. Se trata de una filosofía que tiene al cuerpo no como objeto sino como acontecimiento, como irrupción. Tomar en serio el cuerpo que somos exige replantearnos el sentido de la ética y de la política, recién comenzamos. (CONTARDI, 2013, p. 233)

A liberdade não está em depreciar o corpo, ele que de acordo com Butler (2017) é o primeiro contorno do sujeito, pois através da negação da subjetividade o corpo se torna também abjeto, ele é, portanto, a primeira porta para a concretização do estigma, "ao contrário do objeto (aquilo que se opõe ao sujeito), o abjeto é excluído da arena de significação por não poder ser nomeado" (MONTEIRO, 2006, p. 249), a liberdade do indivíduo consiste porquanto no:

Desatamiento de los sujetos-cuerpo de situaciones de alienación, opresión, miseria y servidumbre. Las voces que emergen son formas de resistencia cultural, filosófica e ideológica que postulan um cambio, cuestionan el *establishment* e impulsan rupturas contra el autoritarismo. (CONTARDI, 2013, p. 230, grifo do autor)

É sabido que, a partir da cultura ocidental, há uma forte cisão entre a "subjetividade", associada ao prisma individual e o "político" visto apenas pela perspectiva pública. No

entanto, essa bifurcação enganosa e movediça serve o propósito de discriminar os corpos já objetificados (como reprodutores, estéreis ou frígidos) e usá-los para permear uma identificação estereotipada, é preciso romper com esses conceitos que servem apenas para beneficiar o sistema de controle.

*Carta número 4.*

*Ou “aquela carta em que descobri que sou culpada”.*

*Arthur, hoje escrevi bastante.*

*As palavras fluíram. Isso tem sido tão raro, elas têm vindo preguiçosas e hesitantes. Mas hoje pulsaram livres. Terminei três contos que estavam emperrados.*

*Já tinha até decidido que não iria inserir nenhum deles na Tese, não ia dar. Só que hoje as lacunas foram preenchidas sem dificuldade.*

*Nem as tuas interrupções costumeiras para pedir água ou mostrar um carrinho interromperam o fluxo, assim que eu olhava para o notebook conseguia retornar ao raciocínio. Parecia mágica, filho. Rezei pra que continuasse.*

*Quando fui tomar água, olhei o relógio: 20h.*

*Já era 20h00min!*

*Pulei vários remédios e algumas refeições tuas. Até atrasei o antibiótico... E se a tua inflamação ficasse mais forte?*

*Esqueci de fazer o ovo cozido que a pediatra orientou que fosse inserido na tua dieta diária, já que tu está abaixo do peso adequado.*

*E tudo isso é culpa minha: a imunidade baixa, o gráfico do peso em vermelho, os problemas de saúde recorrentes, a dificuldade em se adaptar na escola. Sim, isso também. A psicóloga da escola disse que eu tenho angústia da separação e transfiro pra ti a minha insegurança.*

*Aparentemente qualquer caminho que eu escolha acaba em um muro enorme. O fracasso é iminente.*

## 5 AMAMENTAÇÃO: AQUILO QUE SUGA

*O filho que cresce no útero pode ser literatura.*

Carola Saavedra

Amamentação, aquilo que suga. Sim, os filhos sugam e não apenas o leite, antes fosse. Eles sugam tempo, energia, disposição, atenção. Por certo, os filhos sugam muito de suas mães, mas a maternidade idealizada suga muito mais, pois nos tira direitos, objetivos, subjetividade e voz. O espectro da mãe perfeita nos alcança e subjuga para que sigamos sacrificando, sem conseguir conciliar a realização pessoal e a maternidade:

De resto, o equilíbrio entre as duas identidades é frágil e instável. A negociação nunca é definitivamente alcançada. Ela evolui em razão da idade e das necessidades da criança, e também da situação e das oportunidades profissionais, as quais podem entrar em completa contradição. Assim que a criança apresenta um problema imprevisto, o ideal materno, até então contornado, ressurgue. Culpada, forçosamente culpada... O espectro da mãe má se impõe a ela tanto mais cruelmente quanto inconscientemente ela interiorizou o ideal da boa mãe. Nessas provocações conflituosas, a mulher e a mãe sentem-se igualmente perdedoras. Exatamente a hipótese com a qual as mulheres, cada vez em maior número, não querem ser confrontadas. (BADINTER, 1985, p.103)

A maternidade plastificada se encarrega também de tirar a responsabilidade da sociedade e dos pais de cumprirem seu papel na criação dos filhos. É preciso estabelecer um contrato social e trabalhar na conscientização de que a mãe não está apenas cuidando da sua prole, de seus interesses pessoais. Seus atos são serviços prestados também à sociedade, portanto urge potencializar a figura do pai, como portador das mesmas responsabilidades. Não obstante, é essencial abolir a divisão que dita que as mulheres são obrigadas a escolher entre serem boas mães ou boas profissionais, como explica Badinter (1985, p.112, grifo meu):

Quando lemos as declarações das mulheres sem filhos, e as numerosas pesquisas de que dispomos hoje em dia sobre elas, 26 surpreendemo-nos ao constatar até que ponto elas parecem aderir ao modelo da mãe perfeita, tal como o descrevemos acima: mãe convencional que cuida sem descanso do filho sete dias por semana e 365 dias por ano. Para elas, não se pode desejar ser uma boa mãe e, ao mesmo tempo, manter os compromissos pessoais. Elas não imaginam poder assumir a responsabilidade de um ou vários filhos sendo a professora, a artista, a médica ou a executiva que elas desejam ser. *Como cuidar de um bebê, escrevendo uma tese?* Elas interiorizaram completamente os preceitos dos defensores da Leche League ou os dos psicopediatras mais tradicionais que impossibilitam a conciliação entre maternidade e carreira.

Acredito que não posso ser considerada um exemplo pleno de sucesso, porém uma Tese foi escrita, ainda que não seja o trabalho idealizado, ele existe, e não apenas a maternidade tornou alguns processos mais lentos, mas também a pandemia e a perda familiar.

Quanto aos fatores que tornaram possível, bem, empatia, compreensão e apoio. Essa foi a receita que oportunizou que eu chegasse ao fim desse Doutorado: uma Universidade que demonstrou sua compreensão através da licença maternidade, de prorrogações e atestados aceitos, um orientador que me apoiou incondicionalmente, que abriu e facilitou os caminhos acadêmicos, e uma família que deu o apoio de inúmeras formas, fosse cuidando do meu filho, fosse provendo condições financeiras e psicológicas para que eu pudesse me dedicar.

A rede de apoio é fundamental para o exercício materno, no entanto, atualmente ela depende da boa vontade de amigos, professores e familiares ou de recursos pagos. As instituições, o Estado, hesitam e demoram em criar políticas públicas de apoio às mães. Universidades e empresas que possuem creche para os filhos e filhas das alunas e trabalhadoras, por exemplo, realizam uma ação eficaz e que, sendo disseminada, certamente refletiria no melhor desempenho das mulheres.

Não-mães e homens podem pensar que isso não é um direito e sim um privilégio. Mas sendo o privilégio uma condição de vantagem sob outros grupos, essa afirmação não se sustenta. Vantagem sob quem? A partir do momento que a ação apenas viabiliza que um determinado grupo tenha as mesmas possibilidades e condições que os demais, ele é tão somente um direito. As iniciativas que colocariam as mães em menor desvantagem e esforço perante os outros indivíduos não podem ser consideradas regalias.

Assim como propiciar que a mãe tenha liberações para cumprir as incumbências da maternidade, ou seja, carga horária e produtividade adaptadas, por sua vez, somente iriam garantir que a mãe pudesse exercer o seu outro trabalho, que implica consequências sociais tão importantes quanto a do seu trabalho remunerado, o de criar um ser humano. Paloma do Nascimento Oliveira e Tássia Tavares de Oliveira (2021, p.88) em seu artigo “Reflexões feministas e maternas em narrativas contemporâneas escritas por mulheres”, elucidam perfeitamente as questões a serem problematizadas:

A parentalidade deixaria de ser vista como responsabilidade privada e passaria a ser comunitária, o que envolve a necessidade de políticas públicas: creches nos locais de trabalho; licença maternidade/paternidade ampliadas; redução da jornada de trabalho, aposentadoria, reestruturação da sociedade no resgate da prática de aldeia (rede de apoio, seja paga ou solidária). A parentalidade isolada (centrada na mãe e crianças) evidencia a injusta divisão entre trabalho e família. Sobre tudo no atual cenário da pandemia da Covid-19, as mães trabalhadoras precisam trabalhar sem contar com nenhuma rede de apoio para cuidado dos filhos. Ao digitarmos as palavras-chave “mulheres” e “pandemia”, todos os principais resultados mostrados pelo Google apontam para a sobrecarga e adoecimento mental dessas mulheres. Essa parentalidade isolada é o oposto da felicidade parental, bell hooks (2020) alerta que envolvimento comunitário não é o mesmo que “terceirização”. Patricia Hill Collins

aponta que isso é impor a lógica da propriedade privada às relações familiares. “As afro-americanas que dão continuidade ao cuidado comunitário das crianças colocam em xeque um pressuposto fundamental do sistema capitalista: o de que crianças são “propriedade privada” e podem ser tratadas como tal”.

A maternidade, como toda representação envolvida pelo estereótipo, tem uma posição ambígua e contraditória na sociedade. Ao mesmo tempo em que a maternidade, enquanto conceito, é encorajada e santificada, a figura da mãe é controlada e recriminada. De um lado temos a maternidade compulsória, sendo comercializada como a linha de chegada da felicidade e realização, assim como as cobranças sociais que colocam a maternidade como um dever e uma necessidade, do outro lado temos o completo descaso com as mães e o exercício da maternidade, a ausência de suporte e a criminalização da maternagem que não corresponde aos moldes impostos.

Simone de Beauvoir, o grande pensamento norteador do movimento feminista contemporâneo, mesmo quando dele se discorde, viu na maternidade uma fonte de opressão, sendo a relação entre mãe e filho uma complexidade angustiante: ele, o filho, diz, é um duplo: um bebê tesouro, mas também um fardo, um tirano. A mistificação da maternidade exige um devotamento materno que é, na realidade, raro. De maneira assertiva, como lhe é de costume, afirma: “(...) maternidade é um estranho compromisso de narcisismo, de altruísmo, de sonho, de sinceridade, de má-fé, dedicação e cinismo” (1980, p.280). Ama-se um pequeno ser balbuciante de quem não se pode esperar nada. Diante dele, diz a autora, a mulher permanece só. É, pois, este amor sem recompensa, sem espera, que é só generosidade, que faz com que as mulheres mereçam os louvores dos homens. E é quando se tem início a mistificação de se acreditar e proclamar que toda mãe é exemplar e que o devotamento materno é intrínseco à natureza feminina. (SILVA et al, 2018, p.5)

Se por um lado a mãe é o pilar da família e a peça chave que mantém as engrenagens sociais funcionando, por outro, ela é uma figura marginalizada e individualizada. O prestígio da maternidade é uma ilusão, produzida e arquitetada com a finalidade de dominar a vivência e os corpos das mulheres.

A imagem materna é, provavelmente, o mais poderoso e universal dos arquétipos; é o primeiro ser feminino com o qual o homem tem contato. A relação com a mãe funda e modela nosso barro emocional, a terra da qual tiramos o molde de nossos relacionamentos. Por outro lado, o papel de mãe, que é sinônimo de valorização no mundo patriarcal, é também uma imposição que aprisiona psicologicamente a mulher, podendo conduzi-la à frustração. Dos papéis femininos, é provavelmente a maternidade que sofreu sempre maior pressão no sentido de manter uma imagem idealizadora de mulher, relacionando-a ora à própria natureza, num determinismo redutor; ora ao sagrado, impondo-lhe o sobrenatural. A força da mitificação da figura materna é muito poderosa no nosso imaginário, dificultando qualquer proposta de maior discussão da sua real complexidade. (VASCONSCÉLOS, s.d., p.3)

No capítulo “Parto normal” investiguei a representação da maternidade em alguns textos canônicos e constatee a reprodução de alguns estereótipo, assim como a anulação da

subjetividades das personagens, bem sabemos que “A mãe ideal está sempre presente na arte, na poesia, na ficção e nos filmes” (FORNA, 1999, p.18). Por isso é importante ressaltar que a análise dos romances da literatura brasileira contemporânea escrita por mulheres se encaminha para outras construções, seja narrando mães desviantes, seja abordando e questionando visões limitadas sobre a maternidade:

A literatura aparece como um meio sensível de revelar tais questões, pois, diferentemente do que ocorre nos manuais que ditam as regras do bom matinar, ela suscita um convite a mergulhar nessas águas profundas, desestabilizando concepções já sedimentadas em nós. Os textos teóricos e literários abordados aqui nos revelam esse outro olhar sobre o matinar: A maternidade é política e na sociedade patriarcal é um ato de resistência. Essas autoras nos revelam como a revolução é feminista, antirracista, anticapitalista e materna. (OLIVEIRA, 2021, p.18)

Em sua pesquisa Badinter (1985) analisa os discursos e registros produzidos nos séculos XVII e XVIII que se encarregaram de perpetuar a reprodução do mito do amor materno e a imagem da boa mãe. Se Rousseau e Balzac, citados no texto da filósofa, contribuíram para tal projeto com a publicação de seus textos porque não subverter e desmistificar as idealizações usando as mesmas ferramentas? Logo, a produção literária e a pesquisa acadêmica voltadas para essa temática incorporam a nova tarefa de abrir espaço para a figura materna em sua real subjetividade e contradição.

## 5.1 LIVRE DEMANDA

O regime de aleitamento materno em livre demanda é recomendado pela Organização Mundial de Saúde (OMS) e pela Sociedade Brasileira de Pediatria, ele é caracterizado pela ausência de restrições de horários e de tempo de permanência. Ou seja, o seu filho deve mamar por quanto tempo quiser, quando quiser. O nome é autoexplicativo, a livre demanda implica uma doação ininterrupta, os seios devem estar sempre à disposição do lactente. Por todas as pesquisas que realizei sobre os benefícios da amamentação, e não sem custos pessoais, foi o sistema que adotei para alimentar o Arthur, por isso o conheço bem e o utilizo com propriedade.

É um dos símbolos da maternidade abnegada, integral e exclusiva. Escolhi o termo para representar as personagens que buscam, de alguma forma, ainda que sacrificando a si mesmas, cumprir os deveres maternos estipulados pela sociedade. Mesmo que as obras

tragam questionamentos quanto a esse papel, elas acabam reproduzindo com maior notoriedade alguns dos estereótipos da boa mãe.

Embora o romance de Martha Batalha retrate a sociedade carioca de outra época, encontrei nele conceitos e visões sobre a maternidade que perpetuam até os dias de hoje. Já nas primeiras páginas a posição de inferioridade de Eurídice, uma das protagonistas de *A vida invisível de Eurídice Gusmão*, é ressaltada:

Nas semanas seguintes a coisa acalmou, e Antenor achou que não precisava devolver a mulher. Ela sabia desaparecer com os pedaços de cebola, lavava e passava muito bem, falava pouco e tinha um traseiro bonito. Além do mais, o incidente da noite de núpcias serviu para deixá-lo mais alto, fazendo com que precisasse baixar a cabeça ao se dirigir à esposa. Lá de baixo Eurídice aceitava. Ela sempre achou que não valia muito. Ninguém vale muito quando diz ao moço do censo que no campo profissão ele deve escrever as palavras “Do lar”. (BATALHA, 2016, p.11)

Ela é dona de casa e mãe de dois filhos que teve tão logo havia se casado, como era esperado naquele tempo e talvez ainda seja. Além disso, no trecho citado, fica muito clara a relação de submissão no qual a personagem se encontra e nos prejuízos que acarreta na visão que tem de si mesma. Eurídice silencia seus sonhos e projetos em prol do desempenho ideal de seu papel como mãe e esposa:

Porque Eurídice, vejam vocês, era uma mulher brilhante. Se lhe dessem cálculos elaborados ela projetaria pontes. Se lhe dessem um laboratório ela inventaria vacinas. Se lhe dessem páginas brancas ela escreveria clássicos. Mas o que lhe deram foram cuecas sujas, que Eurídice lavou muito bem e muito rápido, sentando-se em seguida no sofá, olhando as unhas e pensando no que deveria pensar. (BATALHA, 2016, p.12)

Eurídice está encarcerada em sua posição social de mulher, atua sobre ela um conjunto de regras e expectativas para que seja considerada digna e completa. Como já mencionei anteriormente, a maternidade é uma das bases da performatividade de gênero, ela é utilizada para controlar e limitar a liberdade das mulheres.

Nesta estruturação binária, coube à mulher a imanência do biológico, da reprodução, enquanto que o homem destinou para si a transcendência, o domínio da cultura e da civilização. Por esta razão, talvez, até recentemente a literatura feminista ignorava a mãe; às vezes até a “culpava” pela condição subordinada da mulher. (STEVENS, 2007, p. 19).

Eurídice deseja cumprir a função para a qual é designada tanto quanto deseja viver sua própria identidade. Ela busca conciliar ambas as práticas, ser uma boa mãe, uma boa esposa e, porque não, concretizar suas aspirações enquanto indivíduo, sentir-se realizada com seu trabalho, reconhecer-se enquanto ser pensante, nada mais que existir e ser vista. De fato,

Eurídice jamais falha em suas atribuições domésticas, mas nem isso garante que ela possa perpetuar sua subjetividade.

O peso de Eurídice se estabilizou, bem como a rotina da família Gusmão Campelo. Antenor saía para o trabalho, os filhos saíam para a escola e Eurídice ficava em casa, moendo carne e remoendo os pensamentos estéreis que faziam da sua uma vida infeliz. Ela não tinha emprego, ela já tinha ido para a escola, e como preencher as horas do dia depois de arrumar as camas, regar as plantas, varrer a sala, lavar a roupa, temperar o feijão, refogar o arroz, preparar o suflê e fritar os bifês? (BATALHA, 2016, p.12)

O livro de receitas foi sua primeira tentativa pós-casamento. Pois antes da união, ainda na infância, a menina já havia demonstrado aptidão em outras áreas de conhecimento. Infelizmente também não foi permitido que se dedicasse verdadeiramente, o que é possível descobrir através dos dispositivos de memória, em que o passado da personagem é apresentado ao leitor. Depois de casada, ela começa a se dedicar mais a uma das poucas atividades permitidas e incentivadas para a mulher daquele contexto. Cozinheira “de mão cheia”, além de seguir receitas complexas com grande perícia, Eurídice começou a desenvolver novos pratos, tão bons e elaborados quanto os que lia nos livros que possuía. Na vizinhança seus quitutes eram apreciados, mas em casa, com sua família, ela era ignorada ou menosprezada. Antenor e os filhos não tinham interesse algum pela culinária de Eurídice e até reclamavam do que era preparado, exigindo uma alimentação mais simples.

Eurídice não é reconhecida como sujeito nem pelo marido nem pelos filhos, seus atos não são realizações próprias e sim tarefas que devem ser executadas por e para eles. O problema não é “apenas” o ato de servir e trabalhar para a família, sendo explorada, pois posteriormente Antenor contrata uma trabalhadora doméstica para o lar dos Gusmão Campelo, a questão é mais profunda. Consiste em cercear todas as ações e pensamentos, configurando uma existência dedicada exclusivamente a exercer esses roteiros que foram determinados para ela, “A ideologia que acompanha o mito da mãe perfeita só pode conceber uma maneira de ser mãe, *um estilo de maternidade exclusiva, aprisionada, mãe em tempo integral*”. (FORNA, 1999, p.11, grifo meu)

Por que escrever um livro de receitas se isso não tem utilidade para os filhos e para Antenor? Por que pensar, agir, sonhar sonhos que, em tese, não acrescentam em nada em sua figura como mãe? Em resumo, são esses entraves que acabam por barrar a trajetória pessoal de Eurídice. Pode cozinhar? Sim, para alimentar a família. Pode costurar? Claro, para vestir os filhos. Pode ler? Obviamente, para contar histórias ou ajudar nas lições das crianças. Uma prisão que transpassa o agir e age diretamente no ser.

Apesar da falta de entusiasmo dos seus, Eurídice compõe um livro de receitas com o qual cria muitas expectativas e planos. Entusiasmada, a mulher produz um grande banquete no intuito de apresentar o trabalho para a família, porém o evento termina em decepção. Antenor destrói o seu sonho, mas não apenas isso, ele pisa em qualquer chance de Eurídice ver valor em si:

E Eurídice, que nunca tinha visto a vida além daquela casa e daquele bairro, ou da casa e do bairro dos pais, achou que o marido tinha razão. Antenor sabia das coisas. Ele estudou contabilidade, era funcionário do Banco do Brasil e discutia política com outros homens. Enquanto trabalhava nas receitas ela tinha certeza de que estava fazendo algo de valor, mas na frente do marido tudo perdia o sentido. Publicar um livro, falar na rádio, ensinar culinária foram devaneios que teve. Visão quem tinha era Antenor. (BATALHA, 2016, p.32)

Pode-se dizer que Eurídice assimila o que é imposto pelo poder da violência simbólica a qual explica Bourdieu, ela incorpora o discurso do dominante sobre si mesma e, apesar de constantemente tentar se desvencilhar dessas amarras, ela acaba por sucumbir. Dentro da classificação feita por Elodiá Xavier, em seu livro *Que corpo é esse? O corpo no imaginário feminino* (2007), percebi em Eurídice comportamentos alinhados com o conceito de *corpo disciplinado*, pois “A não permissão de uma biografia própria faz parte do processo disciplinar, que impede a mulher de viver sua própria vida para viver a do marido, este sim, provedor e construtor da realidade, enquanto a mulher apenas lhe alimenta os sonhos” (XAVIER, 2007, p.64, grifo meu) e acrescento a existência dos filhos, estes como outros indivíduos para os quais a mulher deve se dedicar em detrimento de si própria. A contradição é atroz, ninguém é mais necessário nem menos importante que a mãe. A subjetividade dela não tem valor sequer utilidade, imprescindível é o papel, não a pessoa.

Mas o corpo disciplinado não é um corpo inerte que não possui vontades, Xavier (2007, p.68) explica que “o aprendizado das regras que fazem dela um corpo disciplinado é resultado da “violência simbólica” de que nos fala Bourdieu” e não da ausência de consciência própria. O corpo disciplinado pode apresentar momentos de “indisciplina”. Não obstante, diversas passagens do texto trazem questionamentos de Eurídice, bem como sua insatisfação com aquela vida e com aquele modelo de maternidade, ainda que o peso da repressão seja constante sob ela, há uma mente pulsando contra ele:

Foram difíceis os meses que se seguiram ao enterro do caderno por trás dos tomos da enciclopédia. Tentou se dedicar mais aos filhos, mas essa era uma dedicação, digamos, estrábica. Com um olho ela vestia Afonso e Cecília para a escola, e com o outro se perguntava: Será que a vida é só isso? Com um olho ela ajudava as crianças com o dever, e com o outro se perguntava: E quando eles não precisarem mais de mim? Com um olho contava histórias, e com o outro se perguntava: Existe vida

além dos uniformes escolares, da memorização da tabuada e de todas as histórias da carochinha? (BATALHA, 2016, p.36)

Não apenas as lembranças da vida de Eurídice, ou de Guida, da qual tratarei posteriormente, propiciam uma imersão à subjetividade das personagens mães. Esse movimento de dar voz às angústias e aos descontentamentos que — ora vejam, que surpresa — até as “excelentes mães” possuem é uma ruptura com a representação romantizada da maternidade. Segundo Forna (1999, p.17) até mesmo a exposição de queixas é restrito para as mães, já que devem cumprir suas obrigações com alegria e amor infinitos:

É raro ouvir mães se queixarem, ainda mais em público. A complacência delas é comprada ou garantida de três maneiras: enaltecendo aspectos da maternidade, levando as mulheres que não sentem ou não fazem o que é exigido a se sentirem culpadas e, por fim, como último recurso, punindo as mães consideradas desviantes (por exemplo, mulheres que largam os filhos inspiram um ódio moral, que nunca é endereçado aos milhares de pais que fazem o mesmo; existem sanções legais impostas a mulheres grávidas que recusam assistência médica ou que abusam do próprio corpo).

Tampouco Eurídice desistiu após o caso do livro de receitas, passados alguns meses de vazio existencial e tristeza, ela encontrou outra ocupação que lhe desse prazer e realização pessoal. A segunda tentativa de Eurídice deu-se no universo da costura. Não antes de algumas tratativas, ela consegue convencer Antenor a permitir que ela compre uma máquina:

No dia seguinte ela colocou seu vestido de sair e foi até o Centro adquirir sua máquina de costura Singer. Estava apertado, o vestido, mas ela nem ligou. Era uma segunda-feira, era o dia de fazer dieta, e a verdade é que nas semanas seguintes Eurídice estaria tão empenhada em aprender o costurês que se esquecería de comer, e se esquecería de atazanar Maria das Dores, mas olha só que curioso, ela não se esqueceu dos filhos, e preparava-os atenta para a escola, recebia-os com sorrisos no fim da tarde, ajudava-os no dever com boas ganas, e perguntava se Cecília queria um novo avental, se Afonso queria outra calça azul, e enquanto Antenor se acostumava com as imagens da TV adquirida há pouco (aqui fala seu repórter Esso, testemunha ocular da história), Eurídice recortava o papel pardo que servia de molde, fazia vincos, pespontava bainhas, aplicava zíperes e se entregava ao ziguezague da máquina de costura, que era para ela uma música. Se houvesse letra nessa canção seus versos fariam de mãos ocupadas, de mente tranquila, de realizações, e de paz. (BATALHA, 2016, p.40)

A narrativa rompe o paradigma de que a mulher deve se sentir realizada e completa somente através da maternidade, posto que Eurídice encontra prazer e plenitude exercendo outras atividades, de forma que isso não interfere negativamente no seu papel de mãe. Pelo contrário, estando em conexão com sua identidade, ela se torna uma mãe “melhor”, o que na verdade é um reflexo da saúde mental. Ou seja, opõe-se ao estereótipo que dita que a exclusividade nas funções maternas é determinante para que elas sejam bem executadas,

assim como ao estereótipo de que as mães podem vir a esquecer dos filhos quando se dedicam a outros interesses.

Considerando uma das campanhas que no passado ajudou na manutenção da figura romantizada da maternidade, é possível compreender facilmente essa idealização como um dos recursos para manter as mulheres em casa e impedir que elas fossem trabalhar como explica Françoise Thébaud (2003, p.207), historiadora e professora, em seu artigo “A política natalista da França no século XX: uma coação física?”:

A política familiar, que chega ao apogeu nos anos imediatamente anteriores à eclosão da Segunda Guerra Mundial, num país de elevado índice de atividade feminina, desestimula o emprego feminino, fundamentando-se na ideia de que a mulher que trabalha é necessariamente malthusiana e em geral uma péssima mãe. Portanto, a norma familiar é: pai provedor, mãe dentro de casa e três filhos.

Isso fica evidente também na obra de Badinter (1985). A filósofa explica como a questão da mortalidade infantil interferiu diretamente na criação do mito do amor materno, posto que em outros períodos históricos o amor familiar não era referenciado, os filhos não tinham tamanha importância no núcleo familiar e inúmeras vezes eram entregues muito cedo para serem criados por amas. Analisando os discursos da medicina, da literatura e da filosofia, bem como outros registros, do século XVII e XVIII, Badinter (1985) verifica as mudanças de mentalidade empregadas, já que anteriormente predominava uma precarização nas relações:

Ao buscar nos documentos históricos e literários a substância e a qualidade das relações entre a mãe e o filho, constatamos seja indiferença, sejam recomendações de frieza, e um aparente desinteresse pelo bebê que acaba de nascer. Esse último ponto é, com frequência, assim interpretado: como seria possível interessar-se por um pequeno ser que tinha tantas possibilidades de morrer antes de um ano? A frieza dos pais, e da mãe em particular, serviria inconscientemente de couraça sentimental contra os grandes riscos de ver desaparecer o objeto de sua ternura. Em outras palavras: valia mais a pena não se apegar para não sofrer depois. Essa atitude teria sido a expressão perfeitamente normal do instinto de vida dos pais. Dada a taxa elevada de mortalidade infantil até fins do século XVIII, se a mãe se apegasse intensamente a cada um de seus bebês, sem dúvida morreria de dor. (1985, p.57)

Portanto, a necessidade de maiores cuidados direcionados aos bebês crianças, eximindo tanto a figura do homem quanto o próprio Estado de qualquer responsabilidade, foi um dos pilares da criação do mito do amor materno e da idealização da figura da mãe como um todo.

Mas, se por um lado a protagonista destoa do mito da maternidade como o único propósito de vida das mulheres, por outro lado acaba reforçando um estereótipo tão cruel quanto o primeiro, e um tanto mais atual. Hoje a cobrança pode ser exatamente esta, que a mãe exerça a maternidade e a carreira profissional com igual dedicação e maestria. A

sociedade coloca parâmetros, então, inalcançáveis: no mercado de trabalho a mulher sofre preconceito por ser mãe ou ter a chance de se tornar, é cobrada para manter o mesmo nível de produtividade, já no cuidado com os filhos as incumbências e responsabilidades aumentaram e fica a cargo da mãe todo desenvolvimento cognitivo, físico e psicológico da prole:

Esta multiplicação de capacidades, atributos e funções maternas produz e justifica a necessidade de inserir mulheres no âmbito de redes de saber e poder que devem educá-las, desde muito cedo, a viver sua vida como mulher e como mãe. Como mulher, estimulando-a a não beber, não fumar, exercitar-se, comer as coisas adequadas, escolarizar-se, ter equilíbrio emocional, ter um trabalho remunerado, gerir adequadamente o orçamento familiar, escolher bem o parceiro, fazer exames regularmente etc. E como mãe, para que seja capaz de acompanhar de perto e intensivamente o crescimento e o desenvolvimento infantil e, especialmente, o desempenho escolar de seus filhos, sempre colocando as necessidades bio-psico-sociais destes à frente das suas, em quaisquer circunstâncias ou condições. Neste contexto, gerar e criar filhos “equilibrados e saudáveis” passa a ser social e culturalmente definido, também, como um “projeto” de vida, responsabilidade individual de cada mulher que se torna mãe, independentemente das condições sociais em que essa mulher vive e dos problemas que ela enfrenta. E educar/capacitar mulheres para exercer essa forma de maternidade coloca-se, pois, como uma prioridade nas políticas e programas, em especial daqueles que têm entre seus objetivos a promoção da inclusão social. (MEYER, 2005, s.p.)

Ainda que Batalha mostre o brilhantismo e a inteligência da personagem, assim como a tristeza, a insuficiência da maternidade como sentido de vida, o título oportuno que revela a vida invisível levada por ela, Eurídice irá aceitar a maternidade (e suas incumbências como mulher, no geral) em “livre demanda”, com o nível de entrega na qual é cobrada:

Mas desde que a rotina de casa fosse mantida, desde que Afonso tivesse os cabelos cortados e o uniforme limpo, desde que Cecília mantivesse a saia na altura correta e não risse alto por aí, desde que os chinelos de Antenor e as almofadas do sofá estivessem no lugar correto, Eurídice podia ter o olhar que bem entendesse. (BATALHA, 2016, p.166)

Nesse sentido, Eurídice, deslocada de todo seu eu, sucessivamente tem sua subjetividade sufocada. A mudança da mãe é sentida por todos, o que não gera grandes transformações no funcionamento da família. Eurídice se recolhe na escrita, essa última e definitiva transgressão, para salvar o que for possível da “mulher que poderia ter sido”:

Com uma filha que se mostrava cada dia mais diferente, um filho que só era dela porque saiu dentre suas pernas e um marido que só se achegava para beijos na testa, Eurídice voltou-se ainda mais para dentro de si, e para dentro do escritório com estantes de livros até o teto, onde passava a maior parte do dia. Nunca tirou a medalhinha de Nossa Senhora do peito, mesmo quando deixou de acreditar em Deus. (BATALHA, 2016, p.185)

O romance é permeado por outras personagens mães. Nas figuras de Maria Rita e Dalva (a tia de Antenor) há o duplo da maternidade, os dois opostos do estereótipo. Dalva é a tia que assume a criação dos sobrinhos após a morte da mãe biológica, ao contrário de Maria

Rita, ela é extremosa, dedicada e amorosa. É a figura de Dalva que Antenor futuramente irá buscar em uma esposa. Já a mãe de Antenor, a personagem mãe mais desviante da narrativa, possui uma descrição crítica e corresponde aos estereótipos de uma mãe má. Desorganizada, alucinante e irresponsável, Maria Rita é a personificação do modelo negativo da maternidade. O fim dela é trágico e traumático, a mulher recorre ao suicídio para fugir de tudo, inclusive dos filhos:

Todos sabiam que Maria Rita não era talhada para aquela vida, e no dia mais frio de agosto ela decidiu que não era talhada para vida alguma. A poeta incompreendida se matou com formicida. Talvez a maior contribuição que tenha dado ao núcleo familiar tenha sido trancar a porta do quarto, para que seus filhos não vissem o corpo contorcido e o rosto coberto pela espuma branca. (BATALHA, 2016, p.78)

Embora Guida cometa uma transgressão, ela se dá no plano das exigências sociais. Ela é a irmã mais velha de Eurídice que foge escondida com o namorado. Eles se casam e a moça engravida, no entanto, o marido a abandona antes de saber do filho. Solteira e sozinha, Guida não corresponde ao padrão da boa mãe no que se refere a moralidade e bons costumes.

O que fez a história dessa mulher passar por tantas bocas foi o fato de ser ela tão bonita quanto atrevida. Era mãe solteira, que negava seus favores a homens necessitados, e morava com uma ex-prostituta — sabe-se lá o que faziam juntas na mesma casa. Dizem que a ex-prostituta morreu de forma hedionda, talvez para ter que pagar os próprios pecados, e que a mãe solteira era um pouco relaxada nos cuidados com o filho, pois o menino ficou muito doente. Parece que essa mãe solteira prestava favores para o dono da farmácia local. (BATALHA, 2016, p.177)

Na gestação Guida fica preocupada com essas questões, por isso ela pensa em entregar o bebê para adoção em prol de seu próprio bem estar. Mas ainda que o rejeite inicialmente, Guida acaba por se enquadrar nos preceitos do mito do amor materno e reclama sua prole tão logo a tem nos braços:

Não lembra direito o que aconteceu em seguida, mas teve a impressão de ter passado duas horas (ou quatro, ou seis) sentada sozinha no fundo de um corredor (ou seria um salão?). Arqueava o corpo nos momentos insuportáveis, até sentir uma dor que extrapolou o insuportável. Olhou para baixo, viu a cabeça do filho. Apareceram enfermeiras, foi levada para a sala de parto. Lembra de ter dado mais gritos e de seguir ordens de pessoas que não sabiam seu nome. Um choro de bebê, o chão imundo, sangue que parecia brotar de roupas brancas, gente indo e vindo como se aquela fosse a rua da Quitanda. Alguém a colocou numa maca (ou numa cadeira de rodas?), ela reapareceu num quarto. E depois, quando finalmente pensou que descansaria sobre a roupa de cama que continha cabelos e manchas recentes de outra mulher, entregaram-lhe um pacotinho branco. “Não quero este bebê aqui.” “Estamos com falta de berços no hospital” [...] Ajeitou-se de lado e tentou pegar no sono, mas foi só fechar os olhos para abri-los em desespero. O pacotinho vai cair! Virou-se para abraçar o bebê. Se antes ela queria perder o filho, agora podia perder tudo, menos o filho. Guida aninhou o bebê entre os seios e sentiu-se em paz. Que bom que você está aqui, Francisco. Ela nunca mais estaria sozinha. (BATALHA, 2016, 108)

Mesmo sem condizer com as qualidades de mãe-mulher exemplar e recatada, principalmente depois de ir morar com uma ex-trabalhadora sexual, Guida, bem como Filomena, constituem figuras amorosas. Por certo que abordar manifestações de maternagens diferentes e discriminadas pela sociedade, como a da trabalhadora sexual, uma maternidade altamente marginalizada, e da mãe solo, é uma das rupturas do romance. No entanto, no exercício de seus papéis maternos, Guida e Filomena, são excepcionais. A mãe adotada é detentora dos saberes maternos, ela ajuda Guida e toma todos os cuidados tanto com ela quanto com Chico:

Ensinou Guida a colocar um pedaço de algodão molhado na testa do filho, “para o soluço passar”. Disse que estava proibida de comer feijão, “para não dar cólicas no neném”. Mandou a moça passar três meses enfiada dentro de uma cinta apertada, “porque estava de resguardo mas não estava morta, e hÔmi acha que abraça poste quando envolve mulê sem cintura”. O bebê tinha que comer pirão de peixe duas vezes por semana, “pra crescer inteligente”. Era a própria Filomena que escolhia a cabeça de peixe para fazer o pirão do Chico. Chegava na feira na hora da xepa, os feirantes lhe reservavam as melhores partes entre as piores partes dos peixes que iriam para o lixo. (BATALHA, 2016, p.112)

Esse embate surge no texto, por meio dos questionamentos de Chico que, apesar de crescer cercado de amor e atenção, é atravessado por episódios de preconceito com suas mães. Nessas passagens fica evidente esse contraste entre os rótulos e as verdadeiras condutas.

Apesar dos pirulitos e carinhos e mingaus, Chico foi crescendo meio revoltado por ter uma vida que era boa mas não era a certa. Por ter duas mães tão doces quanto renegadas. Por que aquela mulher tinha trocado de calçada e soltado um cuspe junto com um marafona ao ver Filomena na rua? Por que naquele dia na feira chamaram sua mamãe Guida de mulher da vida, e por que sua mamãe ficou muito brava quando ele perguntou qual era o problema em ser uma mulher da vida, já que todas as mulheres eram da vida, e não da morte? Por que Filomena só podia chegar na igreja depois que a missa começava e sair pouco antes de terminar? Tudo errado, ele pensava, e quanto mais sabia sobre o mundo mais raiva ele sentia. Preconceito, pobreza, a falta de um pai, a vida dura das mães, todas essas coisas formavam as duas pontas de um mesmo barbante, que na época ele só sabia que estavam ligadas por intuição. (BATALHA, 2016, p.117)

Em todos os outros aspectos Guida seque o modelo da boa mãe, especialmente da mãe “solteira”, não pensa em relacionamentos amorosos e vive apenas para o filho, “Ela não queria saber de namoros. O único homem da sua vida era Chico” (BATALHA, 2016, p.116). Ademais, um dos grandes atributos da mãe é o dom da abnegação e do sacrifício, é esperado que uma mãe faça absolutamente tudo pela felicidade e sobrevivência de seu rebento. Essa é a face divina da maternidade:

Ora, a maternidade, tal como concebida no século XIX a partir de Rousseau, é entendida como um sacerdócio, uma experiência feliz que implica também necessariamente dores e sofrimentos. Um real sacrifício de si mesma. Se tanto se insiste nesse aspecto da maternidade, com uma certa benevolência, é sempre para

mostrar a adequação perfeita entre a natureza da mulher e a função de mãe. (BADINTER, 1985, p.177)

Quando Chico fica doente, Guida não hesita em trabalhar o quanto for preciso para adquirir o tratamento correto, ela arruma um emprego no qual é explorada, “Sabia que o trabalho estava ligado ao bem-estar que daria ao filho, e por isso aceitava” (BATALHA, 2016, p.123), e abre um negócio próprio aos finais de semana para complementar a renda. Mas não apenas esse sacrifício está disposto o altruísmo da mãe, pois um incidente leva Guida a extraviar os remédios do filho. Para não interromper o tratamento, a mulher aceitar manter relações sexuais com o dono da farmácia, ao qual ela despreza:

Voltou para os fundos da farmácia, e para debaixo do corpo de seu João. Os meses de celibato causaram naquele homem uma crise de abstinência, que se manifestava através dos cuspes que dava em Guida. Era como se nunca tivesse comido melado, porque se lambuzava, lambuzava Guida, e segurava seus braços, a pressão nas mãos dizendo, “O remédio é meu, e pro remédio ser seu você tem que ser minha, e tudo o que é meu está embaixo do meu corpo, e seguro por minhas mãos”. Guida olhava para o lado com olhos de vidro. Esperou o homem terminar e saiu da farmácia com os medicamentos. A dose da quinzena estava garantida. (BATALHA, 2016, p.126)

Batalha habilmente cria esse jogo entre subjetividade e estereótipo, posto que até mesmo quando suas personagens seguem os padrões idealizados da maternidade elas atuam em favor de outras subversões. Tal qual Eurídice, a protagonista de *Quarenta dias* (2014), de Maria Valéria Rezende, é outra mãe a ceder suas próprias pretensões em benefício dos planos de sua filha, Norinha.

Alice, no que lhe concerne, deixa sua casa e seu Estado, para vir morar em Porto Alegre, cidade em que a filha reside com o marido. Norinha monta uma operação consistente envolvendo familiares e amigos para convencer sua mãe, que a princípio não havia concordado, em deixar tudo para trás e ser sua rede de apoio em uma futura gravidez,

Deixa eu me lembrar direitinho como foi. Tudo começou nas férias de inverno do ano passado, quando Umberto voltou logo pra Porto Alegre, a pretexto de muito trabalho na Universidade, e Norinha disse que ia ficar ainda três semanas comigo pra curtir sua Mãinha, que sentia tanto a minha falta, que Umberto é um amor, Eu sinto que a família dele gosta tanto de mim!, minha sogra me trata como uma filha, mas não é a mesma coisa, *mãe de verdade a gente só tem uma!* Depois de uns três dias dessas declarações de amor filial, fora do costume, a ponto de me deixar meio cismada, deu o bote, com certeza já armado havia tempo: Mãinha, tenho uma coisa importantíssima pra lhe dizer. Chegou a hora da senhora virar avó! (REZENDE, 2014, p.25, grifo meu)

Ao longo do texto, algumas ideias e conceitos fortemente difundidos sobre a maternidade e que certamente fazem parte da imagem da boa mãe, da mãe sacralizada, são pincelados, por exemplo, “mãe de verdade a gente só tem uma” diz Norinha. Afirmações como essa servem geralmente para restringir as responsabilidades e deveres à mãe, pois

apenas ela pode suprir as necessidades da prole. Como explica Forna (1999, p.14) “As crenças sobre a maternidade são impingidas como "tradicionais" e "naturais", como se essas duas palavras tivessem o mesmo significado; sendo tradicionais e naturais, essas crenças se tornam inatacáveis”. Sendo assim, sua repetição é mais segura e eficaz.

Percebi um tom de impaciência, Como é que eu hei de ter filho a esta altura da vida, mãe, com quase trinta e quatro anos, tempo integral na universidade, sem minha mãe junto pra me ajudar com a criança? Não entendi logo onde ela queria chegar, Mas, Norinha, é claro que quando for chegando a hora eu tiro uma licença aqui e vou pra lá, acompanhar você no final da gravidez, o parto e os primeiros meses com o bichinho. Eu vivo substituindo outros professores, até de outras línguas, não vão poder negar uns bons seis meses de licença pra professora Póli! E logo você aprende a lidar com criança, não tem mistério, é natural, *a gente está feita pra isso*. (REZENDE, 2014, p.26, grifo meu)

Alice também reproduz alguns pontos focais na análise da representação da maternidade como sistema de controle e enquadramento das mães, como o trecho acima que alude ao essencialismo de que as mulheres possuem habilidades intrínsecas sobre criar as crianças, uma predisposição biológica, “a gente está feita pra isso”. Segundo Forna (1999, p.14), “Na linguagem do mito, é importante acreditar que todas as mulheres são feitas com o mesmo molde, com as mesmas respostas biologicamente programadas”.

Igualmente potente é o ideal de abnegação, o qual comentei anteriormente. Ele é associado ao feminino como uma característica natural e necessária para as práticas da maternidade. É através da ideia do sacrifício obrigatório e inerente ao ser-mãe que as concessões e desapegos a outras esferas da vida são pautadas. Já se convencionou a premissa de que a maternidade implica em imolar-se:

O mito da maternidade é o mito da "Mãe Perfeita". Ela deve ser completamente devotada não só aos filhos, mas a seu papel de mãe. Deve ser a mãe que compreende os filhos, que dá amor total e, o que é mais importante, que se entrega totalmente. Deve ser capaz de enormes sacrifícios. Deve ser fértil e ter instinto maternal, a não ser que seja solteira e/ou pobre, e nesse caso será aviltada precisamente por essas condições. Acreditamos que ela a melhor, e a única capaz de cuidar corretamente dos filhos, e que eles exigem sua presença contínua e exclusiva. Ela deve incorporar todas as qualidades tradicionalmente associadas à feminilidade, tais como acolhimento, ternura e intimidade. Queremos que ela seja assim e é assim que tentamos fazê-la. (FORNA, 1999, p.11)

Elizete, prima de Alice e aliada-mor de Norinha na empreitada de levar a mãe para o Sul, acredita que o ato de abrir mão de toda uma vida construída pela professora não deve pesar em nada diante da sua obrigação materna “Você vai pra Porto Alegre, sim, e não se discute mais isso, todo mundo vê que é o melhor, é sua obrigação acompanhar sua filha única, só você é que não aceita” (REZENDE, 2014, p.34). Nada mais normal que deixar tudo para trás exclusivamente para se assumir a função que a filha precisa que ela exerça.

A razão é simples: tomara-se o cuidado de definir a "natureza feminina" de tal modo que ela implicasse todas as características da boa mãe. Assim fazem Rousseau e Freud, que elaboraram ambos uma imagem da mulher singularmente semelhante, com 150 anos a separá-los: sublinham o senso da dedicação e do sacrifício que caracteriza, segundo eles, a mulher "normal". Fechadas nesse esquema por vezes tão autorizadas, como podiam as mulheres escapar ao que se convencionara chamar de sua "natureza"? Ou tentavam imitar o melhor possível o modelo imposto, reforçando com isso sua autoridade, ou tentavam distanciar-se dele, e tinham de pagar caro por isso. Acusada de egoísmo, de maldade, e até de desequilíbrio, àquela que desafiava a ideologia dominante só restava assumir, mais ou menos bem, sua "anormalidade". Ora, a anormalidade, como toda diferença, é difícil de se viver. As mulheres submeteram-se portanto silenciosamente, algumas tranquilas, outras frustradas e infelizes. (BADINTER, 1985, p.171)

Procurando compreender o egoísmo de Norinha, Alice rememora momentos de convivência com a filha. Através deles surgem outros atos de renúncia, salpicados na rotina, ideias tão enraizadas no senso comum que já possuem vida própria, espalham-se quase involuntariamente, como a máxima de que a mãe tira da sua boca para dar aos filhos,

O cheiro da sopa no fogo já tinha impregnado a casa quando Nora chegou. Vai fazer sopa hoje, Mãinha? Que horas? Já está pronta, se quiser é só bater no liquidificador... Como nunca me esperava pra cear, pois ia correndo pra faculdade, apenas ouvi vagamente que estava mexendo na cozinha enquanto eu assistia à novelinha das seis. Tão distraída com a novela, nem percebi que ela já tinha saído. Tudo bem, até que fui tratar de pôr a mesa pra mim. Só tinha sobrado menos de uma concha rasa de sopa! Pasmé, Barbie, ela tinha se servido na tigela do feijão. Fiquei danada, na hora, nada mais a fazer do que usar a imaginação... já eram quase sete e meia da noite. Então botei mais um copo d'água com uma colher de massinha pra sopa... que bom que tinha em casa! Tomei então o resultado, como se estivesse tudo normal, com apenas um leve gostinho de batata-baroa... mas quando ela voltou não dei um pio, pra não ser chamada de mão-de-vaca. Incrível eu me lembrar de tudo isso nos mínimos detalhes, até o cheiro da sopa! Acordei de vez com minha própria voz dizendo: amanhã compro mais (REZENDE, 2014, p.21)

A professora se surpreende ao reconhecer no passado o egocentrismo de Norinha e ao perceber que muitas outras vezes já tinha sido levada a abrir mão de si mesma, a renegar oportunidades, limitar sonhos, esquivar-se de relações, não apenas a pedido de alguém mas por impulso próprio, visando o bem estar da filha. Mesmo quando não reflete sobre seu comportamento, a narração de Alice transparece a sequência de desistências e concessões, das singelas às decisivas, que passam por atitudes familiares e automatizadas de mães consideradas "boas": ceder o melhor lugar, preparar as comidas favoritas, recepcionar visitar indesejadas, evitar discussões, enfim, priorizar em tudo que lhe couber escolha as necessidades dos rebentos:

Disse a mim mesma que era só questão de amainar o meu coração e procurar se não havia mesmo um problema comigo. Talvez tudo se resumisse no resultado de todas as minhas frustradas tentativas de fazer outras coisas que gostaria, tendo sempre de ceder a vez pras prioridades dos outros, da minha filha mais que todos. Norinha teria intuído alguma amargura escondida em mim e interpretado confusamente, à maneira

dela, agora extravasava daquele jeito. Cheguei a pensar que era a mim que se devia debitar... ninguém me obrigou a ceder... eu devia ter feito tudo ou pelo menos muito do que desejava nesta vida, aceitado o amor do Adalberto, que me esperou por anos, devia ter aceitado ficar um ano inteiro em Paris, mesmo tendo de deixar Norinha com a família em Boi Velho, teria até sido uma boa experiência pra ela, mas não, sempre achei que não podia nada... Quem sabe ainda é tempo de resgatar alguns desejos por cumprir? Vamos lá, amanhã será um novo dia. Vou começar a tricotar a minha nova felicidade, eu me dizia, e é bem provável que eu recupere a boa vontade pra com Norinha e enxergue nos atos e nas palavras dela mais cortesia e amor, as únicas coisas indispensáveis pra viver (REZENDE, 2014, p.31)

Além das dolorosas constatações de Alice e dos questionamentos quanto às decisões pregressas, a ruptura da representação idealizada da maternidade se perpetua neste romance por intermédio de denúncia da negação da subjetividade a qual a personagem é submetida e ao episódio da fuga, no qual a mãe mergulha em uma trajetória de autoconhecimento vivendo como moradora de rua, liberta de todas as imposições.

Norinha, pelo visto agora detentora não só das “rédeas do meu destino”, mas também da chave da minha moradia e do meu cardápio, que vinha na forma de uma quentinha com um almoço, Bem paraibano, viu, Mãinha, pra você ir se acostumando aos poucos... a quentinha equilibrada entre montes de sacolas de compras, Pra abastecer a despensa de minha Mãinha adorada, que vai ser tratada como uma duquesa pela sua filhinha preferida!, (REZENDE, 2014, p.48)

Alice por fim desiste de tentar esconder o desagrado crescente que nutre por Norinha e de sentir-se envergonhada pelo fato da própria filha ter se tornado insuportável para ela, apesar de ser uma tarefa difícil para uma mãe, sopesando que o mito da mãe perfeita prega o amor ininterrupto pelos filhos.

Foi bom botar pra fora essa coisa toda, dizer claramente pra mim mesma o que tinha vergonha de dizer a qualquer pessoa, vergonha de dizer o que minha filha fez comigo?, ou da minha raiva, do meu próprio egoísmo?, é egoísmo querer ter minha própria vida? Diga-me, Barbie, você que nasceu pra ser vestida e despida, manipulada, sentada, levantada, embalada, deitada e abandonada à vontade pelos outros, você é feliz assim?, você não tem vergonha?, eu tenho vergonha de ter cedido, estou lhe dizendo, vergonha. (REZENDE, 2014, p.42)

Neste capítulo, tanto na figura de Eurídice, quanto de Alice, é palpável o fato de que a maternidade, dentro das representações estagnadas e plastificadas, pode causar na existência das mães a ruína da identidade e o silêncio da subjetividade. Eurídice é quitada de todas as suas aspirações e ignorada enquanto sujeito, ao passo que Alice é arrancada de sua própria vida contra sua vontade e jogada aos desmandos da filha. O resultado para essas mães é um desmoronamento gradual, como conta Alice, “minha longa ausência que, de algum modo,

ainda continua, eu, ausente de mim, aparentemente dentro, mas ausente deste apartamento que mais parece cenário de novela” (REZENDE, 2014, p.18).

Ambas as personagens permaneceram no sistema de livre demanda de si mesmas, ainda que suas narrativas tenham rompido em vários aspectos com a escrita romantizada da maternidade, trazendo á luz assuntos sempre tão proibidos e negligenciados.

## 5.2 MASTITE

Mastites são inflamações no tecido mamário, muito comuns para as mães que amamentam. A mastite causa dor extrema, febre, inchaço e calafrios. Geralmente vem acompanhada de infecções. O leite empedra, esquenta a pele, a sensação é de carregar entulhos dentro do seio. A recomendação é continuar amamentando, mesmo que o leite-brita se revolva em sua carne, continue oferecendo ao bebê. Confesso que na minha vez, senti a febre primeiro, ainda não tinha reparado na pele vermelha abaixo do pescoço. Foi apenas quando o Arthur se inclinou para mamar que a dor reverberou, e quanto mais sucção, mais sofrimento. Como drenar um cascalho.

Pelo fato de padecer, pelas coisas doloridas e inflamadas que às vezes ficam dentro das mães, pelo pus que se aloja até onde só deveria existir vida, pelas coisas e relações que petrificam, por tudo que pode abrigar amor e dor que a metáfora da mastite encabeça este capítulo em que tratarei principalmente da ligação entre mães e filhas nas obras de Eliane Brum e Tatiana Salem Levy. *A chave de casa* é narrada em primeira pessoa pela filha, que se dirige em diversas passagens à figura da mãe como sua interlocutora. Esta, por sua vez, interfere na narrativa, reafirmando a força dessa relação e propiciando um alcance intimista e psicológico,

Quando eu era pequena, quando mal sabia dar nome ao que sentia, você partia toda manhã. Como partem todos, de manhã cedo, depois do café. Sabia que voltaria à noite, mas e se não voltasse? Cada manhã, a mesma dor, o mesmo choro: por favor, não parta, não me deixe só, fique comigo, passe o dia comigo, venha à escola comigo, ao parque comigo, assista à televisão comigo, leia quadrinhos comigo, almoce comigo. Tenho que ir, você me dizia, mas à noite a gente se vê, acalme-se, está tudo bem. Você voltava, sempre voltou, cumpria a sua palavra. Mas na manhã seguinte a mesma dor: eu, na frente da porta, impedindo a sua passagem. Que não fosse, sentia que algo de ruim iria acontecer. Não acontecia, nunca acontecia. A dor era minha, só minha: o meu medo era a minha dor. [Eu só estava indo ao trabalho, não iria abandoná-la. De onde esse medo da separação? De onde essa dor

precipitada? Não sabia como reagir diante do seu choro desesperado, desproporcional. Seu choro sem justificativa. Eu me perguntava se havia feito algo de errado, se a culpa era minha.] Com o tempo, compreendi que você tinha mesmo de partir, mas nunca deixei de sentir medo. Apenas me controlei, minha idade não permitia mais determinados comportamentos. Por dentro, tudo igual. Quando você saía, eu ia para o quarto e chorava baixinho, sozinha, escondendo as lágrimas até de mim mesma. Só não podia fechar os olhos, senão começava a imaginar tragédia atrás de tragédia. Por isso, ligava a música no volume máximo e começava a dançar. Dançava, dançava e dançava até ter a certeza de que o medo não estava mais lá. (LEVY, 2009, p.19).

Aqui a escrita da mãe é demarcada pelos colchetes. Através da interlocução mantida entre ela e a filha, vários aspectos subjetivos são introduzidos no romance. Fiorin (2008, p. 41, grifo meu), "*O eu existe por oposição ao tu e é a condição do diálogo que é constitutiva da pessoa* porque ela se constrói na reversibilidade dos papéis eu/tu.", fica evidente que para assumir o lugar de "eu" basta que "tu" reivindique a palavra. Ao instaurar a mãe como seu tu e possibilitar a mecânica da inversabilidade, a narradora-filha acessa sua própria identidade. É a mãe que irá questioná-la, relatá-la, contradizê-la e ampará-la. É a memória personificada da mãe que irá ajudar a elaborar o luto e a falta:

Você não pode partir. [Por quê?] Porque não quero, não deixo, porque não é justo. Poderia argumentar que sou muito nova para perdê-la, que você é muito nova para partir. Que não sei como caminhar sem um pouco do seu cheiro a me acompanhar, sem suas palavras doces e ternas a me acalantar. Que ainda não estou preparada para caminhar sozinha, que preciso de um pouco mais de tempo. Que preciso de muito tempo. De todo o tempo. Poderia argumentar que há ainda muitas coisas que não fizemos juntas. Que quando estiver triste não terei colo quente para me receber. Que quando tiver medo não poderei me esconder atrás da sua saia. Que não terei a quem dizer te amo infinitas vezes sem medo algum, sem receio. Porque só o nosso amor não tem medo. Poderia argumentar que há coisas que nunca lhe disse, coisas que quero dizer. Que você também deve ter histórias para me contar. Que quero você ao meu lado para ouvir as aventuras que ainda viverei. Que quero você ao meu lado quando eu publicar o meu primeiro livro. Que quero você ao meu lado quando eu conhecer o meu príncipe encantado e com ele decidir que o amor é eterno. Que quero você ao meu lado quando nascer o meu primeiro filho, e também o segundo e o terceiro. Poderia argumentar isso e mais, porque é infinito o meu desejo de que você fique. Da mesma maneira, sei que há argumentos para a sua partida, que a vida é assim, ela acaba, a morte sempre vem, cedo ou tarde. Mas recuso os argumentos que não venham de mim mesma. E é por isso que grito, esperneio: não parta! Não é justo! E é por isso que berro, enquanto espanco o seu caixão de madeira polida: tirem a minha mãe daí! Lanço as mãos ao ar como os que não têm razão, como os únicos que têm razão, e repito: abram o caixão! Mas estão todos sem jeito e envergonhados: coitadinha dela, era tão próxima da mãe. Eles sentem pena, mas não me ouvem. É um dia quente de sol, como não devem ser os dias em que partem pessoas queridas. Eles descem o caixão e com largas pás cavam a terra. Não há flores, elas não são permitidas. Há pedras. Eles cobrem o caixão com a terra, deixam você lá dentro, sozinha, e eu aqui fora, sozinha. Paro de gritar, mas me recubro da certeza de estar assistindo a uma grande injustiça, talvez a pior de todas. E penso que se você estivesse aqui tudo seria diferente, que se estivesse aqui certamente me ouviria, abriria o caixão e se tiraria de lá, você se levantaria e viria na minha direção, pegaria nos meus braços e me diria que não há por que sofrer. Se você estivesse aqui certamente secaria minhas lágrimas que caem agora, enquanto lhe dirijo a palavra e você não me escuta, você já não pode me escutar. (LEVY, 2009, p.63)

Nesse caso, a filha busca as marcas da conexão para reelaborar o vínculo, para encontrar em si partes da mãe, para que ela permaneça, ao contrário de Laura, a protagonista de *Uma Duas*, que a princípio deseja que a mãe se vá.

Eliane Brum, por outro lado, traz uma narrativa plural em três estéticas diferentes: a primeira pessoa na escrita de Laura é diagramada em fonte normal, a terceira pessoa é diagramada em negrito, e a primeira pessoa da mãe é diagramada em itálico. Todas elas são escritas na cor vermelha. Ao contrário do outro romance, Maria Lúcia não interfere e dialoga com a filha, ao contrário, ela invade o espaço de Laura e reivindica o direito de contar também a sua versão, ainda que deixe nas mãos da filha a escolha de incluí-la, “É para seus leitores que escrevo. Mas a decisão de publicar também a minha versão é sua. Será sempre sua. Eu não deixarei que você coloque mais uma violência na minha conta” (BRUM, 2018, p.15)

Eu quis contrapor essas duplas, é verdade, para evidenciar que nem mesmo essa conexão pode ser encaixotada em um modelo fixo, como salvadora ou catastrófica. Todo estereótipo age para ignorar as nuances da subjetividade, as especificidades dos sujeitos. A relação entre mãe e filha dependerá de diversos fatores, como convivência, intimidade, afinidades, identificação e, sobretudo, será pautada na personalidade e na história dessas pessoas que compõem e alimentam o laço, que pode existir ou não. Mas este é um assunto para o Desmame.

As mães e filhas deste capítulo estabelecem, afinal, este laço que verdadeiramente pode tomar proporções intensas e profundas, como acontece para ambas, envolvendo sentimentos distintos. Os romances possuem o mesmo fio condutor, as narradoras-filhas travam ao longo das páginas um “diálogo” com suas mães. Dessa troca brota a pungência do texto, a nítida simbiose e a recorrente dependência que transpiram nessas relações. Em *A Chave de Casa* a dependência se constrói por intermédio do amor e da cumplicidade, em *Uma duas*, ela se fixa essencialmente em mágoa e trauma.

Uma noite minha mãe apareceu ao lado da minha cama e perguntou se eu queria voltar a dormir com ela. Eu não queria mais, mas, como tudo com ela, eu acabei aceitando a mão que ela me estendia porque era isso o que eu fazia. Estava escuro ainda, mas a lua entrava pelos furos das persianas, e, filtradas por essa luz, nos olhamos por algum tempo. Eu baixei meus olhos até seus seios. E depois olhei para os meus que começavam a apontar na camisola. Será que minha mãe queria mamar nos meus seios? Eu queria que ela mamasse. E eu queria mamar. Mas nós duas tivemos medo. E passamos a dormir juntas com os seios entre nós. Afinal, havia algo que nós desejávamos. E essa era a tensão daquela casa com as palavras que não

podiam ser ditas. Nessa época eu odiava minha mãe com um ódio diferente. O corpo que nunca foi meu era cada vez mais o dela. Eu me sentia suja. E comecei a lavar as mãos tanto quanto ela. Mãe e filha naquela casa de esquina lavando furiosamente as mãos. (BRUM, 2018, p.13)

A escolha da escrita como caminho para elaboração das pendências emocionais é mais um ponto de convergência entre as obras:

*Escrevo na esperança de que as palavras me libertem do sangue. Do corpo da mãe. Mas e se não existir eu além dessa mistura de carnes de mãe e de filha? Me sinto deslizar para o buraco negro do corpo dela, onde sou cega e minha faca esgrima no ar. Ouço sua respiração difícil atrás da porta. Sei que ela quer que eu a ouça. Será que ela sabe que eu a estou matando? Não como das outras vezes, mas da forma definitiva? Uma morte além da morte? (BRUM, 2018, p.9, grifo meu)*

A ação de escrever entra no texto como um recurso para que as personagens lidem com seus fantasmas, há, claramente, um desajuste a ser articulado. A psicanálise em geral vê a relação mãe-filha como uma das mais complexas e controversas no que se refere às conjunturas familiares. Laura escreve com o propósito de rasgar a ligação, de se afastar da matriz e formular uma existência avulsa. A escrita é empregada então no intuito de retomada, para assumir a posse da identidade e do corpo, para se apropriar da narrativa e se desvencilhar da mãe:

Eu sei o que ela quer. Como sempre adivinha tudo, minha mãe sabe que eu escrevo. Que encontrei um jeito de arrancá-la de mim sem sangrar. Ela me teme um pouco agora. E eu gosto da sensação do meu pequeno poder. Sou eu que conto a história, quero gritar. Como sempre, silêncio. Como meu pai, silêncio. Não importa. Agora eu grito com palavras escritas. E ela nada pode fazer. Minha mãe sabe. Acordei com a sua voz dentro da minha cabeça. Não é assim. Você está contando tudo errado. Eu quero dar a minha versão. Eu tenho direito à minha voz nesta história. Meu coração disparou e por um não tempo fiquei paralisada de medo enquanto sua voz tentava empurrar a minha para a escuridão. Prometi deixá-la falar. E meus batimentos voltaram ao normal. Mas menti. Sou eu que falo. Desta vez, é a minha voz. As palavras são todas minhas. Minhas. A narradora agora sou eu. E, para ela, a história chegou ao fim. (BRUM, 2018, p.8)

A escrita cumpre o papel de exorcismo, como também de cura, ela expõe a busca pela identidade e concomitantemente auxilia na estruturação dessa mesma identidade. Sobre esse caráter dual do ato de escrever Assmann (2011, p.166) delata que "A escrita como metáfora da memória é tão indispensável e sugestiva quanto extraviadora e imperfeita". Essa ambivalência ficará clara em trechos de ambas as obras, como as passagens de frustração e impotência referente à narrativa. Ao lembrar as palavras de Candau ao afirmar que memória é uma força da identidade e que Assmann (2011) define o ato de escrever como a mais importante metáfora da memória, considero esse o ciclo de busca identitária empregada pelas personagens, que inclui, certamente, a elaboração da relação mãe-filha.

A narradora de *A chave de casa* também recorre a essa válvula. O intuito, entretanto, não é romper, mas sim assimilar a mudança da ligação e a ausência física causada pela morte da mãe.

Conto (crio) essa história dos meus antepassados, essa história das imigrações e suas perdas, essa história da chave de casa, da esperança de retornar ao lugar de onde eles saíram, mas nós duas (só nós duas) sabemos ser outro o motivo da minha paralisia. Conto (crio) essa história para dar algum sentido à imobilidade, para dar uma resposta ao mundo e, de alguma forma, a mim mesma, mas nós duas (só nós duas) conhecemos a verdade. Eu não nasci assim. Não nasci numa cadeira de rodas, não nasci velha. Nenhum passado veio me assoprar nos ombros. Eu fiquei assim. Fui perdendo a mobilidade depois que você se foi. Depois que conheci a morte e ela me encarou com seus olhos de pedra. *Foi a morte (a sua) que me tirou, um a um, os movimentos do corpo.* Que me deixou paralisada nessa cama fétida de onde hoje não consigo sair. (LEVY, 2009, p.54, grifo meu)

Ainda que as feridas das filhas sejam diferentes, o propulsor da escrita é o mesmo: “Insisto na dor, pois é ela que me faz escrever”. (LEVY, 2009, p.60). Obviamente as personagens abordam também outros assuntos no decorrer da narrativa, mas a relação com a mãe é uma temática se não predominante, como no caso de Brum, essencial para o desenvolvimento da subjetividade das narradoras-protagonistas. Seja de forma cruel, seja de forma afável, a figura da mãe é constitutiva para essas mulheres.

[Não quero ser culpada pela sua paralisia. Minha mão continua aqui, estendida, mas não posso colaborar com essa loucura na qual você insiste. Não escolhi partir, e você sabe disso. Agora, cabe a você gerenciar a sua vida, não posso fazer mais do que lhe segurar a mão, do que lhe dirigir a palavra. Entenda: quem partiu fui eu, e a única maneira de permanecer viva é com você. Se você desistir, aí, sim, estarei morta. Se não se mexer, não sairá desse quarto obscuro, eu também continuarei aqui. Levante-se, saia do lugar. Se não pode fazê-lo por você, faça-o por mim. Não lhe peço para viver sem os mortos, mas para viver com eles. Escute-me ao menos uma vez, faça um esforço. Não estou dizendo que seja simples, apenas lhe peço para mudar a posição da câmera, para enxergar de outro ângulo. Você não perdeu nada: nunca perderemos o que já é nosso. Se conseguir entender o sentido dos mortos na vida não ficará mais nem um minuto estendida nessa cama. Não se entregue, pois estará me entregando. Continue a viver, e continuarei vivendo.] (LEVY, 2009, p.55)

Laura vivencia uma reaproximação forçada, ela se vê obrigada a um contato que não deseja. No caso de Laura e Maria Lúcia, a simbiose é purulenta, sombria e se encaixa na descrição encontrada no livro *A relação mãe e filha*, de Malvine Zalcberg (2003, p.202):

Mas é à filha, não sabia Freud, que a mãe reserva um aspecto mais amplo, que é o de retrair o perfil da própria vida como um todo. Mais ainda do que no caso de um menino, há uma certa apropriação narcísica abusiva da mãe em relação a uma menina. Essa apropriação por parte da mãe na vida de uma filha não deixa de ser um abuso identificatório; a menina sendo colocada pela mãe em um lugar que não é o seu, isto é, destituída de sua própria identidade exatamente por quem supostamente é responsável por ajudar a filha a construí-la.

A simbiose entre mãe e filha que permeia os conflitos abordados pelas narradoras surge para Laura como um medo abissal de ser ingerida pelo corpo da mãe. Enquanto a filha da obra de Levy anseia por encontrar a mãe em si mesma, a filha da obra de Brum repugna qualquer traço compartilhado, como se fossem correntes prontas para traga-la. Ela sente a agonia em encontrar semelhanças entre as duas, como o caso das mãos (a personagem se fere propositalmente ao reconhecer que suas mãos são como as de Maria Lúcia) e do cheiro de seus corpos:

Quando vagava me batendo pelas paredes da casa, me sentia ligada ao corpo dela como um daqueles cachorros que tem uma corda presa ao pescoço que os paralisa depois de alguns passos. No meu caso não era uma corda, mas um cordão umbilical. Aos poucos eu não conseguia mais distinguir entre o meu corpo e o dela. E quando comia, não sabia de quem era a boca por onde entrava comida nem o cu por onde saía. (BRUM, 2018, p.12)

O que mais a amedronta é a ameaça à sua identidade, à sua existência. Laura abomina também essa ligação física e visceral que as condensa, que as torna parte uma da outra, e que não pode ser dizimada por nenhuma força:

Ao se observar a relação mãe-filha, o primeiro fator a ser considerado é este: que ambas têm um corpo feminino, uma parte do qual permanece não simbolizado. A proximidade mãe-filha, favorecida pela identidade de corpos de ambas e pela consequente dependência mútua (embora geralmente é nos dado observar mais a dependência do lado da filha), propicia a frequente indistinção que constatamos entre ambas, prisioneiras as duas dessa situação. A grande intimidade que a mãe tem com o corpo da filha favorece essa indefinição. (ZALCBERG, 2003, p.202)

Esses tempos parei meus gestos ao ouvir uma frase, olhei ao redor procurando a minha mãe. Era seu jeito, sua entonação, suas expressões costumeiras. Mas eu estava na minha casa. Até que instantaneamente percebi: minha mãe, a que mora em mim, é que havia falado. É uma jornada e tanto construir a sua própria identidade diante da carne que te originou, entender-se como indivíduo único e não apenas uma extensão da mãe, porque de muitos modos, ao olhar pra ela é possível ver um espelho, mais nítido e robusto do que nós mesmas.

Para a mãe também é difícil perceber aquela cópia ganhando vida, modos e desejos aleatórios. Pode ser cruel perceber que se parecem tanto quanto constatar que são completamente diversas. Para a mãe é doloroso ver aquele apêndice imitá-la ou rejeitá-la, bem como segurar o impulso de incutir nessa nova versão de si todas as próprias angústias. No entanto, é notório, dentro dos recursos que perpetuam a maternidade romantizada, que uma

carga mais elevada é atribuída à influência psicanalítica da figura da mãe na vida das filhas e dos filhos,

E essa operação permite descolar tais problemas dos contextos e processos sociais mais amplos em que eles são gerados para vincular sua solução a determinados tipos de relação mãe-filho e ao exercício de uma determinada forma de maternidade. (MEYER, 2005, p.82)

Dessa forma, torna-se única e exclusivamente responsabilidade ou culpa da mãe o indivíduo que o filho irá se tornar, não cabendo à sociedade interferir, ora pois, se o rapaz se tornar um delinquente a culpa será da mãe:

Que discursos e que forças sociais, que poderes e que conflitos se conectam para produzir, definir, atualizar e re-posicionar maternidades? E quais sustentam o pressuposto de que determinadas formas de pensar, sentir e agir da mãe constituem um a priori indispensável para a saúde física e emocional da criança? (MEYER, 2005, p.84)

Nesse sentido a narrativa rompe com os estereótipos quando inicia o ciclo de traumas de Maria Lúcia através da figura paterna. Os anos que viveu com o pai foram igualmente perturbadores e constitutivos para a personagem da mãe, a ela também foram infringidas influências e controles. A escrita das cartas obscenas que o pai incumbia à Maria Lúcia foi um fato que a acompanhou até a vida adulta, “Mas, quando ele saía, eu voltava a me tocar e agora lembrava sem querer lembrar as palavras do meu pai. E, quando acabava, tinha mais vergonha. E quando ele chegava, eu chorava mais. E um dia eu disse: osculatório osdroeno. E ele chorou também” (BRUM, 2018, p.24), bem como outros padrões que ela acabou por repetir.

Por isso a inserção da voz da mãe, pela qual também a memória se efetiva, é essencial para humanizar a figura da personagem, que, embora desviante do ideal de maternidade e em muitas vezes realmente nociva para a filha, sofreu violências e situações perturbadoras:

Não havia mais geografia, nem história, nem matemática. Só língua portuguesa. Só língua. Meu pai me ditava cartas cada vez mais longas. E eu não precisava mais do dicionário para saber o que elas significavam. As palavras ardiavam em mim. Como é possível alguém que nunca saiu de casa desacompanhada saber que algo era errado? As palavras queimavam os meus dedos e abriam sulcos pelo meu corpo, pelas minhas pernas, incinerando a pele por onde passavam. E eu fazia xixi de repente desde o dia em que abri o dicionário, minha versão particular da caixa de Pandora. [...] As palavras se enrolavam em mim e me contaminavam. Eu chorava de pavor, mas não havia ninguém. Elas entravam na minha cabeça pela voz dele e lá ficavam se dizendo sem parar. E um dia elas gritaram tanto, uma depois da outra e todas ao mesmo tempo, tantas e tantas vezes, que eu comecei a bater a cabeça contra a parede até desmaiar. (BRUM, 2018, p.18)

Maria Lúcia é porta-voz da crítica aos ideais da maternidade, principalmente a constituição do mito do amor materno. Antes de permitir que Laura vivesse, a mulher já havia passado por outras gestações, sem remorso ou culpa, ela apenas não identificou os fetos como seus, não os queria e não os sabia evitar, “Olhei para o monstrinho sanguinolento e tive tanto nojo. Era um ratinho também”. Sem qualquer influência de uma representação romantizada, ela compara a gravidez com um câncer. Não consegui evitar a lembrança do dia em que me referi ao bebê como um parasita, eu estava desgastada, enorme e cansada, o Arthur crescendo na barriga às minhas custas. A colega que perguntou como o bebê estava pareceu horrorizada com a minha resposta, ela nunca mais perguntou nada. Maria Lúcia, no entanto, muito diferente de mim que apenas externalizei a exaustão e o esforço de gerar uma vida, realmente era forçada a conceber aquelas crianças. Ela afogou todos os bebês que gerou antes de Laura, sobre eles há passagens cruas, totalmente isentas do amor materno que se espera desde a gravidez:

O monstrinho júnior se arrastava sobre o meu corpo e queria sugar os meus seios. O monstrinho pai dizia que eu precisava deixar, mas eu não deixei. Não mesmo. Aquela coisa já tinha me sugado por dentro durante uma eternidade e, agora que saiu, queria me sugar pelo lado de fora. Gritei que o jogaria na parede se não o tirasse de cima de mim. E o homenzinho teve a ousadia de me olhar com ódio, nem disfarçou. Quando ele saiu para trabalhar, e eu tive forças para me arrastar, peguei o pedaço de carne e afoguei na privada. Sim, eu fiz isso. E nunca me arrependi. Só descobri que estava absolvida quando li uma reportagem de Laura sobre depressão pós-parto. Não me importei. Eu nunca me senti culpada por isso. Fiz outras três vezes ainda. (BRUM, 2018, p.75)

Maria Lúcia escolheu a filha que iria amar, e ainda sim, não a amou nos moldes prescritos para o amor de mãe, que deve ser incondicional, infinito e imutável, demonstrado através de uma devoção absoluta:

E quando enfiava a cabeça dela dentro da água, ela não berrou como os outros. Laura me olhou. Só me olhou. E aí eu preciso confessar que senti uma coisa diferente. De algum modo aquele monstrinho sabia quem eu era. E eu não pude. Queria, mas não pude. Abracei-a com cuidado e fiquei lá, no chão do banheiro, me balançando para frente e para trás. Foi lá que o pai dela nos encontrou. E sua alegria quase me fez afogá-la de novo. Mas eu sabia que não conseguiria. Acho que era amor, mas só soube o nome muito tempo depois. Eu duvido que essas mulheres que ficam exibindo suas barrigas saudáveis nessas revistas femininas que Laura costuma comprar e falando sobre as maravilhas da maternidade não tenham pelo menos um dia, um diazinho só, sentido que havia um monstro dentro delas, comendo-as de dentro para fora. Pode ser que eu seja a única mulher doida do mundo, mas duvido. Du-vi-do. Apenas que ninguém tem a coragem de confessar porque vivemos na época dos idiotas. A verdade é que amei Laura. Apesar de tudo. E a salvei de mim mesma por amor. Era isso o que eu fazia muito mais tarde, quando lhe dava o meu peito e quase fui parar na cadeia. Eu tentava compensar. Era por isso que não gostava de ver o pai dela por perto porque eu sabia o que podia acontecer quando ele se esgueirava pelas paredes como um rato. Eu não queria nenhum ratinho cinzento

nem de cor alguma se enfiando na cama da minha filha. Mas parece que tudo em mim é torto, e Laura mesma acha que sou uma aberração. (BRUM, 2018, p.103)

Essa narrativa dos sentimentos que Maria Lúcia nutre por Laura corrobora as afirmações de Badinter (1985, p.14), o amor materno, como qualquer outro sentimento humano é variável e construído:

O amor materno é apenas um sentimento humano. E como todo sentimento, é incerto, frágil e imperfeito. Contrariamente aos preconceitos, ele talvez não esteja profundamente inscrito na natureza feminina. Observando-se a evolução das atitudes maternas, constata-se que o interesse e a dedicação à criança se manifestam ou não se manifestam. A ternura existe ou não existe. As diferentes maneiras de expressar o amor materno vão do mais ao menos, passando pelo nada, ou o quase nada. Convictos de que a boa mãe é uma realidade entre outras, partimos à procura das diferentes faces da maternidade, mesmo as que hoje são rejeitadas, provavelmente porque nos amedrontam.

As relações entre mães e filhas são, de fato, complexas. Mas no que se refere a essas narrativas, os elos que rodeiam as personagens são tão pungentes e intricados, que nem mesmo a morte das mães apaga as marcas de suas relações. Às filhas cabe continuar a jornada pela sua própria subjetividade, sem que para isso precise calar a das mães.

### 5.3 DESMAME

A primeira e maior ruptura que pode haver entre a mãe e sua prole. O desmame é um processo complexo e que pode ser muito doloroso. Ele representa a cisão na relação materna, uma espécie de parto. O bebê é novamente afastado do corpo da mãe. O peito é quitado de seus deveres como alimento e afeto. Ocorre a interrupção da simbiose, dos olhares e afagos. Desmamar o Arthur, depois de dois anos e dois meses, foi lancinante. Presenciar o desespero do próprio filho, suplicando por algo que transborda, mas que é preciso negar, é uma das coisas mais avassaladoras que já vivi. Foi tão sofrido quanto amamentar. Na verdade, muito pior, pois o desmame foi feito para mim.

Sob a aura do desmame, esse capítulo tratará das obras de Aline Bei e Brisa Paim, nas quais uma cisão ainda mais definitiva acontece entre a mãe e seus filhos: a ausência de amor e o suicídio. Em *O peso do pássaro morto* (2017) acompanhamos a história da protagonista dos 8 aos 52 anos. Meu foco, obviamente, é o desenvolvimento da maternidade no romance.

Essa maternidade se concretiza por meio de um ato criminoso e traumático. Na adolescência a jovem é estuprada pelo ex-namorado e engravida, sem coragem de denunciar ou contar aos pais, ela arca sozinha com todas as consequências de ter um filho, ainda mais o fruto de uma violência sexual. A narradora embora não aborte o bebê, não consegue sentir por ele o amor materno, trazendo assim uma ruptura na idealização:

quando um bebê nasce é preciso contar pra ele que bebês também morrem e o caixão é sempre branco. ainda assim quando um bebê nasce uma Flor brota no peito e sai pelo leite da mãe. é assim que os bebês crescem se alimentando dessa flor invisível algumas pessoas chamam ela de amor. procurei a tal no meu peito descampado por nove meses e depois no hospital, – isso é tristeza pós-parto, seu corpo fez muita força. mas deus é grande, essa dor passa rápido e agora você precisa ficar forte pra cuidar do seu bebê. – a enfermeira disse. em casa, com o menino no berço e os anos passando, procurei em cada canto (nenhum sinal da Flor) (BEI, 2017, p.61)

Indubitavelmente, essa é uma situação específica e atroz, na qual nenhuma mulher deveria ser obrigada a gestar e parir o resultado da violência sofrida. É tão óbvio que, sendo o amor materno um sentimento humano como qualquer outro, assim elucida Badinter (1985), uma vítima muitas vezes não conseguirá desenvolvê-lo ou criar um vínculo com a criança, como é o caso da narradora. Ainda sim o julgamento sob as mulheres que não amam seus filhos não leva em consideração a infinidade de fatores que podem interferir no abandono afetivo:

Aos olhos de muitos, não amar um filho é o crime inexplicável. E quem procura mostrar que esse amor não é indefectível é imediatamente suspeito de ser um insensato, ou um acusador injusto das mulheres do passado, ou ainda de interpretar propósitos e comportamentos em função de valores atuais. Numa palavra, de não fazer caso do rigor científico que proibiria inferir, com base em comportamentos, a existência ou a inexistência de um sentimento. É, porém, reveladora a constatação de que se é proibido inferir a ausência de amor materno em tal ou qual caso, em compensação não é proibido postular-se implicitamente a existência e a constância desse mesmo amor. (BADINTER, 1985, p.8)

No entanto, as precárias leis de aborto no Brasil ainda não são unanimemente aceitas, mesmo em casos de estupro, determinada parcela da população é contra a interrupção da gravidez. Amparados no conservadorismo e nas pautas religiosas, que também embasam muitos aspectos da criação dos mitos maternos, alguns grupos se intitulam “pró-vida” e defendem o direito do feto de nascer. Portanto, ainda que para mim seja evidente e absolutamente natural o isolamento psicológico e emocional os quais a protagonista emprega, “aproveito e tiro uma foto de dentro da minha cabeça. daqui um tempo olharei pra ela e ficarei triste por eu ser eu mesma e não haver outra saída possível pra deixar de ser eu e ainda assim

seguir vivendo” (BEI, 2017, p.74), é válido ressaltar os passos que culminaram no distanciamento entre mãe e filho na obra de Aline Bei.

No nascimento do Lucas, filho da narradora, o texto pula o período da gravidez, ou seja, do episódio do estupro direto para o parto. Esse salto narrativo dá a sensação de que a narradora de fato vivenciou a gestação de forma apática e causa no leitor também um impacto de corte. A personagem foi estuprada em uma página e em outra já se encontra parindo o filho. No trecho citado acima, fica claro a inexistência da ligação esperada entre mãe e bebê logo que ela o pega no colo, posto que esse é outro conceito romantizado que foi difundido por pediatras sem embasamento científico algum:

A noção de ligação apareceu em 1976, num livro de enorme influência intitulado *Maternal Infant Bonding*, escrito por dois pediatras australianos, John Kennel e Marshall Klaus. Em resumo, sua visão é que num "período sensível" específico, pouco depois do nascimento, mãe e filho ficam emocionalmente unidos se há um contato de pele, isto é, se a mãe pega o bebê no colo e o acaricia durante um certo tempo. Se o vínculo pode ser entendido como fios elásticos invisíveis que unem mãe e filho através do tempo e da distância, a ligação é a versão moderna instantânea, uma espécie de velcro ou supercola emocional que costura os dois juntos instantânea e irrevogavelmente. (FORNA, 1999, p.91)

Para conseguir sustentar o filho sozinha, a narradora se vê obrigada a abrir mão de seus sonhos e planos de carreira, ela arruma um emprego no qual é explorada e não possui perspectiva nenhuma. Aqui há a perpetuação do estereótipo e o cumprimento das expectativas ideais de abnegação e sacrifício, à mãe sempre é exigido que priorize seus rebentos.

O que eu estaria fazendo se eu pudesse ter escolhido fazer alguma coisa? pensando agora eu ainda gostaria de ser Aeromoça, elas voam sem precisar de asas ou colocar a mão no bolso e sim o contrário. são tão bonitas, as escolhidas, não parecem tristes ou ocupadas demais enquanto eu em terra firme chego em casa todo dia um caco, ainda bem que a bete existe. (BEI, 2017, p.66)

Pela falta de tempo e a necessidade financeira, a mulher não consegue se dedicar à convivência com Lucas, “O ideal materno choca-se violentamente contra as obrigações cada vez mais exigentes do mundo do trabalho. Como atender a um sem sacrificar o outro?” (BADINTER, 2011, p.102). Essa é uma problemática moderna da maternidade, a mãe tem que delegar a terceiros a criação do filho para conseguir pagar as despesas, além do cansaço que inviabiliza o desenvolvimento da interação familiar.

a bete era boa com crianças, uma cozinheira de mão cheia, e o que nasceu apenas como promessa de dar almoço pro menino acabou virando o dia todo com ele que Cresceu menos no meu braço e mais no dela. as despesas da casa, contas de telefone, de água e de luz me davam oi antes do meu filho me dar.

– não vai me cumprimentar, lucas? ele não queria parar o vídeo game, me explicou que o boneco podia morrer. (BEI, 2017, p. 69)

A falta de convivência e intimidade entre a mãe e Lucas resulta numa relação estéril e distante. Lucas não compreende a mãe e a mãe tampouco conhece verdadeiramente a personalidade do filho, após a morte de Bete eles acabam se afastando mais ainda, pois ela era a única ponte entre eles.

quando a bete morreu ele ficou ainda mais calado, como se fosse possível e foi logo cedo uma parada cardíaca o corpo largo esperando ser encontrado, o lucas encontrou. estranhou a demora e o silêncio, tinha a chave da casa dela, entrou, foi entrando quando viu a morte na bete dura antes tão macia nos abraços e tardes de conversas que só eles sabem. a bete era o Elo, chorei mais porque perdi nosso elo do que porque perdi uma pessoa que eu conhecia. o lucas chorou pelas duas coisas. aliás três, por amor também. a criança que ele foi tinha vida nos olhos dela não nos meus. a bete sempre ria das invenções dele, eu nem imaginava que o lucas era criativo, não na minha frente, então ela me contou um dia, depois que cheguei do trabalho: – o lucas disse que xixi tem cheiro de pipoca. e ria, os 2. Riam, eu tentava rir mas sabia exatamente qual era o cheiro que xixi tinha e dormia cada dia mais sozinha achando cada dia mais difícil conversar com o menino que meu filho tinha se tornado sem mim. (BEI, 2017, p.86)

A incapacidade da mãe em contar seu passado impede que ela se aproxime do filho, esses silêncios criam barreiras entre eles, pois Lucas não faz ideia do que aconteceu à sua mãe, nem imagina o quanto ele mesmo a faz lembrar do estuprador. A mãe por sua vez se culpa por não ter conseguido amar o filho. A culpa materna, um dos maiores pilares da maternidade romantizada, atua como ferramenta de controle e punição. Segundo Forna (1999, p.21):

Paralelamente à imagem idealizada da maternidade, entra em funcionamento o segundo instrumento de imposição: culpa. A culpa ficou tão fortemente associada à maternidade que é considerada um sentimento natural. Pois não é. A culpa não é uma reação biológica regulada por hormônios. As mulheres se sentem culpadas porque as fazem se sentir assim. Dizem às mães que todas as falhas, todas as negligências, qualquer displicência em suas numerosas obrigações, qualquer recusa ao sacrifício, vai afetar a psique da criança, estragar o futuro dela e prejudicar não só a relação mãe-filho, mas todas as relações subsequentes na vida do filho. Isto, se a mãe relapsa não criar um delinquente juvenil ou um criminoso completo e acabado.

A ruptura irreparável entre Lucas e a mãe se concretiza no episódio dos pássaros, no qual, sem que possa imaginar, o filho provoca na mãe a comparação entre ele e o abusador:

fiquei sabendo porque uma mulher no elevador me perguntou se por acaso eu era a mãe do lucas, eu disse que sim franzindo a testa. ela me contou da matança em tom de ah esses meninos e a mão na cintura. fiquei em silêncio olhando sem forças pra notícia saída da boca daquela mulher. o que eu estava criando, um monstro? que enterra a morte prematura num evento pra convidados que pensam isso é coisa de criança? isso é tudo menos coisa de criança. Isso é o lugar onde nasce a dor. isso é tudo o que destrói a possibilidade de um mundo um pouco menos cruel com os mais fortes abusando dos mais fracos e o pai do lucas dentro dele e o pai do lucas dentro de mim. (BEI, 2017, p.82)

A narradora se transtorna ao identificar no filho os resquícios de crueldade que ela, automaticamente, atribuiu ao estuprador. Nessa cena a mãe disfire um tapa no rosto de Lucas,

a partir daí eles selam o abismo que já existia. É o peso do pássaro morto que soterra de vez as possibilidades de relacionamento entre eles.

chamei o lucas na sala. arranquei seu fone de ouvido, o escudo que ele usava sempre quando estava comigo. com a cara besta típica da idade ele me perguntou em tom hipócrita:

– que foi?

Eu dei um tapa mais duro do que eu esperava na cara do menino que não voltou a me olhar nos olhos, a bete de mão na boca. (BEI, 2017, p.83)

Já na obra de Brisa Paim, a protagonista passa por uma crise existencial profunda, na qual questiona todas as performances de gênero nos quais está inserida, como mãe e esposa. Em uma noite de insônia e reflexões sobre sua própria vida, encontra o livro a morte de Paula d e começa a se identificar com a personagem, assim ela comete pequenas transgressões como não dormir e fumar um cigarro, na tentativa de elaborar uma identidade própria, posto que dentro do sistema ela já teve sua subjetividade aniquilada:

pior é que eu me sinto estranhamente puxada para o livro como fosse o livro aquela boca-de-lobo de que falei. o deus não me livra. paula d. morreu. e eu? se eu não estou dormindo nem vou poder acordar então é isso então talvez eu seja. De manhã quando todos os que dormiam o sono dos justos abriram os seus olhinhos eu já tinha feito tudo café banho café roupa café tudo. e eu era aquela ereta sentada na beira da cama e o meu marido era aquele que calçava os sapatos quem é paula d. o quê paula quem não sei mas deveria deveria por quê porque paula d. sou eu. (PAIM, 2009, P.38)

Apesar de seguir cumprindo suas tarefas para o bom funcionamento do lar, a personagem se tranca no quarto depois disso e inicia um episódio de catarse. Nesse momento ela questiona todas as amarras e padrões sociais, inclusive os que se referem à maternidade. Com grande ironia e sarcasmo, a narradora denuncia as controvérsias que sustentam o padrão idealizado e controlador para as mulheres, que não inclui os homens no que se refere aos deveres da criação dos filhos:

mas parece que as mães acham aquilo mais do que os pais aquilo de não poderem morrer as criancinhas vivas porque fora algumas a maioria das mães é que resolve preservar os ditos bichinhos do mundo de tudo de toda a maldade ofensiva maldade maldade cristã e no começo eles são mais indefesos ainda porque não têm anticorpos são molinhos e até com os papais deve-se ficar bem bem bem atento porque os papais podem ser como coelhos (PAIM, 2017, p.61)

Tanto a culpa materna quanto o caráter devocional da maternidade servem para alimentar a dualidade entre a boa e a má mãe, “Se estavam todos de acordo em santificar a mãe admirável, estavam também em fustigar a que fracassava em sua missão sagrada. Da responsabilidade à culpa havia apenas um passo, que levava diretamente à condenação”

(BADINTER, 1985, p.196). Paula D então expõe esses mecanismos patriarcais e subjugadores que orquestram esse bem executado plano de cercear e dominar a subjetividade:

e vinha o marido o padre o pai e diziam fica, mulher, com teus filhos saíram de ti não sentiste as dores todas as dores do parto? Não abriste as pernas bem abertas arca com todos os teus filhos abraça agüenta atura tuas crias não cometas tu também o pecado mas diziam isso dentro na minha cabeça, não fora. e era alta tão alta a voz deles vinha em vozes e em relâmpagos misturados quase abafava a voz das crianças e então eu pedia muito muito perdão e dizia: amém. e ficava contentinha e ficava bem mamãe bem virgem maria e pegava meus filhinhos e fazia bilubilu meus filhinhos do supermercado botava em sacos levava pra casa e eram tão bonitinhos tão tão inocentes as criancinhas eu sou mesmo uma criminosa sim, eu sou mesmo uma grandessíssima criminosa por querer aquilo aquilo que nem ousou repetir ai ai ai. (PAIM, 2009, p.43)

Como Paula D, a protagonista tenciona cindir com as identidades imputadas a ela, desprender-se da figura da mãe. O processo inicia pela confissão de que já desejou se desvencilhar dos filhos e termina na negação total de parentesco:

eles estavam chorando muito esses filhos a quem pari estavam chorando muito pareciam desgovernados e todo aquele volume me foi dando um desespero me foi dando também solidões impotências abandonos me foi dando ainda raiva porque eu ali não podia fazer nada as crianças eram gralhas megafones declarados insolentes que não se iriam deixar parar tampouco me dizer por que chorar choravam. minha cabeça foi doendo ficando miúda. e eu achava que quem sabe ó quem sabe isso desculpasse isso do meu desespero. eles berravam e eu só pensava como eu tão pequena como eu tão eu pude ter logo tantos filhos não parecia isso possível diante do meu minúsculo corpo corpo indefeso assim atacado. e analisando as coisas tão logicamente raciocínio preto no branco sem a interferência do tal coração isso não me parecia realmente possível e se era impossível é porque com certeza aqueles filhos não eram meus. não não eram meus eram de outro talvez até mesmo filhos do supermercado. então queria abandoná-los e achava que talvez a minha culpa fosse menor muito menor pelo menos eu estava sofrendo sim eu estava sofrendo o atenuante redentor o importante sofrendo (PAIM, 2009, p.41)

O fim de Paula D é muito significativo, não vendo solução para existir e ser mulher e mãe naqueles moldes imputados, a personagem comete suicídio. Tragada pela boca de lobo, como chamou ao longo da narrativa, pode-se dizer que foi devorada pelo estereótipo. A mãe na narrativa de Aline Bei também encontra na morte a libertação das angústias, num “quase suicídio”, a bem da verdade um abandono de si mesma, ela morre engasgada no próprio vômito sozinha em casa.

Essas personagens encontram-se tão apartadas de si e de uma possibilidade de realização, tanto quanto são esmagadas pelas violências simbólicas e físicas as quais são submetidas, que optam pelo desmame, a cisão completa dos filhos e de suas próprias vidas.

*Carta número 5.*

*Ou “aquela carta em que me frustrei”.*

*Arthur, eu te falei dos sentimentos e medos de ser mãe durante um Doutorado. Na minha Universidade não tive problemas, é verdade, que bom. Minha gestação foi compreendida e aceita, lembro de uma reunião para debates de normas em que cheguei atrasada, estava sentindo muitas dores, meus pés não cabiam nas sapatilhas...*

*Fui pedir desculpas à coordenadora e ela me tranquilizou dizendo que não precisava ter ido e que eu me preservasse. Os professores e professoras também foram todos compreensíveis.*

*Mas existem tantas questões práticas que envolvem um curso de pós-graduação, principalmente quando temos bolsa. Eu tinha uma certa produtividade a cumprir que envolvia comparecer em eventos e publicar artigos.*

*No teu primeiro ano de vida, 2019, não publiquei em nenhuma revista. Temei que meu Lattes ficasse defasado. Fiquei preocupada e tensa, pelas regras do relatório eu deveria publicar, no mínimo, um por ano! Até que uma colega disse que, contanto que a conta fechasse ao final do Doutorado, não haveria problemas. Então eu poderia recuperar, e recuperei, em 2020/21 apesar de estar vivendo o isolamento com uma criança de dois anos sob meus cuidados em tempo integral, consegui bater a meta. O orientador me ajudou muito, convidando para publicações conjuntas e assim conseguimos, Arthur.*

*Os eventos, esses não poderia deixar acumular, tive que me virar, dar um jeito, fazia bate-volta, enfiava teu pai e teus avós nessas indiadadas. O vô Miguel e a vô Lúcia tiveram que ir para Rio Grande comigo, quando estava no final da gravidez, tínhamos receio que algo pudesse acontecer. Depois, quando tu tinha quatro meses, teu pai teve que se ausentar do trabalho pra ir com a gente pra Caxias do Sul.*

*Sabia, Arthur, que antes meus colegas mais próximos me achavam a “louca dos eventos”, eu gostava de estar nesse espaço, de participar, era aquela que não ia apenas ao meu simpósio, assistia os demais também. Tentava aproveitar o evento completo e não só o “meu dia”. Agora não, eu ia, apresentava, voltava. Não tinha como “curtir” o evento, assistir todas as palestras ou até fazer um Happy Hour. Não por falta de apoio, pelo contrário, teu pai me incentivava a ter esses momentos, a questão era a amamentação exclusiva, livre demanda. E a exaustão, claro. Tudo bem, vida que segue.*

*Isso acarretava outras consequências, óbvio, não podia me hospedar em qualquer canto, afinal tu estava junto, aumentavam os custos, as refeições e a estrutura. Não era mais só ir, tinha que ser planejado, envolvia estratégia. Faz parte, isso demos (e ainda damos) conta super bem, por termos uma rede de apoio. Teus avós, os quatro, e a dindinha Cris cuidaram de ti inúmeras vezes pra que eu pudesse cumprir as minhas obrigações acadêmicas. Nem sempre é simples, mas temos pessoas que estão aqui pra nós.*

O problema real era quando não havia empatia. Como naquele Congresso Internacional que eu participo todos os anos, um evento grande e bem estruturado. Mas encontramos barreiras. Foi em 2019 mesmo, tu tinha oito meses, as atividades ocorreriam em Brasília. Eu pensei em te levar, mas as passagens aéreas ficariam caras já que eu teria que levar mais um adulto pra ficar contigo, a hospedagem também sairia do meu orçamento, já que o teu pai não poderia ir naquela vez, então seriam dois quartos, dois hóspedes, além de todos os outros custos de ter mais uma pessoa na viagem.

Decidi fazer um bate-volta. Não poderia dormir lá, já que aos oito meses tua iniciação alimentar ainda estava bem superficial, tu comia quase nada e não aceitava outro leite que não o meu. Tu nunca pegou mamadeira, nem bico. Então tua alimentação ainda era 95% realizada através do leite materno, comia uma colherada de banana amassada, quando muito.

Mas depois de toda a demora em divulgar o cronograma, o que era determinante para que eu me organizasse contigo, vi que a minha apresentação estava marcada no turno da manhã. Não havia nenhum voo que contemplaria a programação, eu teria que sair no dia anterior para chegar a tempo. Impossível. Entrei em contato com a coordenação do evento e me encaminharam para a coordenação do Simpósio que eu fazia parte. Expliquei toda a situação, pedi a gentileza de trocar apenas o turno, apresentar à tarde. Nunca havia pedido nenhum remanejamento, mas era necessário, não teria outra forma de participar.

A resposta foi frustrante e em resumo não deram muita importância, jogando de volta para a coordenação do evento e, bem, “no dia vemos o que dá pra fazer”. Não dava pra ser assim, Arthur, não pra nós. Fui mais dura e até um pouco grossa, dei o cartelaço de grupo prioritário, sou lactante, eu escrevi no e-mail. Não obtive resposta.

Então só me restou o barraco, sim. Apelei, filho, mas não tinha jeito. Eu estava revoltada. Parecia que eu estava pedindo uma mordomia. Vejam bem, vai ser ótimo, uma correria absurda para ordenhar e armazenar leite, amamentar pelo menos pela manhã, ir correndo para o aeroporto, fazer uma viagem que tem que caber em um dia, com conexões, e retornar a tempo de amamentar meu filho à noite. Um sonho de férias praticamente.

Entre novamente em contato com a coordenação do evento, fazendo todo alarde possível. Pelo menos eles resolveram e fui remanejada para a manhã. Os coordenadores do simpósio nunca responderam meu segundo e-mail.

Lá na UnB, com os seios quase estourando, dor, leite vazando, fui procurar um local mais privado possível para ordenhar um pouco. Eu tinha levado a máquina de extração, não queria voltar com uma mastite e, bem, quem consegue se concentrar com a teta latejando? Não encontrei nenhum lugar, nenhum, nem no banheiro havia tomada para ligar a máquina. Ninguém disponibilizou uma sala para que eu pudesse usar, então, na primeira ocasião, ordenhei sentada no chão, em um dos corredores do prédio onde ocorriam as palestras. Muitas pessoas me olhavam enquanto passavam. Eu me sentia ainda mais inadequada, aquele espaço não era pra mim.

*Na segunda ocasião, quando novamente não aguentava mais, encontrei a sala de informática aberta, as mesas tinham divisórias, ainda que baixas, era melhor que estar no corredor totalmente exposta. Ordenei ali, um pouco mais confortável, mesmo com outros alunos estranhando o som da minha máquina de extração e dando olhadas indignadas vez ou outra. Eu via um grande “o que essa pessoa está fazendo aqui?” em cada olhar.*

*Foi tão cansativo, Arthur. E doeu tanto, aquele sentimento de estar fazendo tudo errado, de ser inadequada, menos pesquisadora, menos estudante que todos aqueles que se enquadravam tão perfeitamente ali. Doeu tanto também quando te liquei e vi que estava falhando também como mãe, no celular te vi chorando desesperado, inconsolável, cuspiendo o meu leite que teu pai tentava te dar com a colher. Tu estava com fome, não aceitou nada o dia inteiro, em protesto à minha ausência.*

*Voltei arrasada, mas voltei. Não me inscrevi em mais nenhum Seminário ou Congresso que não fosse perto o suficiente.*

## 6 ÚTERO: AQUILO QUE CRIA

*Quando eu morrer, quando vocês perceberem que eu morri, cubram o meu corpo.  
Ninguém deve ver meu corpo, não se pode deixar ver o corpo de uma mãe. Vocês,  
que são minhas filhas, têm a obrigação de cobri-lo, cabe somente a vocês fazer isso.  
Ninguém pode ver o cadáver de uma mãe, pois senão ela vai perseguir vocês que  
são as filhas...*

Scholastique Mukasonga

Tudo apodrece.

Portões enferrujam. Folhas caem. Carnes se decompõem. Rios secam. Frutas estragam.

As coisas todas do mundo se encaminham para a deterioração.

Até um jardim muito bem cuidado. Um jardim divino. Daqueles que não se pode tocar.

Até um jardim muito muito preservadinho. Santificado.

E as flores desse jardim, tão imaculadas. Lindas lindas, quase sufocadas com tamanho zelo.

Elas murcham.

É verdade que as plantas morrem, que as árvores adoecem, que a grama queima.

Mas nada dói tanto quanto a putrefação das flores.

## Quando minha mãe fez as pazes com Oxum

Tia Cenira disse que Oxum não quis dar filhos pra minha mãe.

Não quis mesmo e falou na cara dela. Logo minha mãe, filha de Oxum. Tia Cenira disse que a cachoeira escorreu pelo chão do Ilê naquele batuque e que até o tamboreiro segurou a mão quando ouviu o grito de dor da minha mãe. Todo mundo queria saber o que tinha sido dito no ouvido dela.

Ajoelhada e segurando o axó amarelo da mãe Oxum, todos comentaram que deu pra escutar um barulho de espelho quebrando.

— O mel é doce. Mas quando ele ferve, ninguém segura. As vezes uma dor muito, muito grande vira raiva.

Minha mãe não aceitou o decreto de Oxum, ela fez de tudo pra ter o filho que tanto queria. Ela bem que tentou amansar os Orixás, fez oferenda para o Orumalé todo.

Mas foi numa sexta-feira, vestida de branco, que ela foi pedir a misericórdia do pai Oxalá e da mãe Iemanjá. Minha mãe chegou de tardezinha na praia, quando o sol já estava louco pra ir se deitar, e começou a arriar um tanto de canjica na areia. A tia disse que ela tapou um bom pedaço de chão e enfeitou com muito capricho, cheio de flores e doces e lágrimas. Ela puxou as rezas com tanto amor, de frente pro mar, soluçando no compasso das ondas. Quando o pé da minha mãe tocou a água morninha, ela rezou:

*Mãe de todas as mães, rainha do mar, senhora das ondas.*

*Pai de todos os pais, rei de todos os reis, senhor da paz.*

*Só um pedido mora no meu coração: um filho no útero.*

Ela nem conseguiu se mexer, ficou olhando longe até tia Cenira chamar. Ela pegou devagar o braço da minha mãe, trazendo ela de volta.

— Temos que ir, Adriana, que teu pedido seja atendido, se for o melhor.

— Não, Cenira, que seja atendido de qualquer jeito. Não importa mais nada.

— Os Orixás sabem todas as coisas, minha irmã, tudo é como deve ser.

— Se eles sabem o que tá aqui dentro — ela colocou a mão no peito — só existe uma resposta pro meu pedido...

— Confia na tua mãe, Adriana. Confia na dona do teu ori, ela só vai te dar o que for pro teu bem.

— Se ela fosse mesmo minha mãe, iria saber que a minha felicidade tá presa no meu filho. Eu não quero mais saber dela.

A tia balançou a cabeça e calou, não adianta discutir porque o rio corre por onde bem entende. Ela só podia ajudar minha mãe a trilhar o caminho que tinha escolhido, acabasse onde acabasse. Irmã é pra isso, é o que ela me diz toda vez que conta da minha mãe enquanto me coloca na cama. A tia sabe que é minha história favorita.

A tia Cenira foi a primeira pessoa a saber que eu já morava no ventre da minha mãe. Ela viu a barriga espichar feito chiclete quando a gente sopra pra fazer bolha. Até os irmãos de santo comentam que nunca viram uma mulher tão linda quanto minha mãe emprenhada. Mas depois do quinto mês, ela começou a perder o brilho, também não há quem aguente um peso desse tanto, dia e noite.

— Os pés da Adriana viraram duas batatas! Ficou muito inchada e cansada a tua mãe. Mas ninguém desconfiou de nada, porque gravidez é assim mesmo, não é como falam por aí. A mulher sofre muito.

— Acho que eu não quero ter filhos, tia.

— Eu não tive e nunca me arrependi. Mas a tua mãe...

— Eu sei, tia.

— Ela tinha essa sina. A vida é estranha, menina. Tem mulheres que querem muito ter filho e não conseguem, outras que não deveriam conseguir, fazem dúzias de filhos pra serem criados pior que cachorro rejeitado.

— Quem será que escolhe, né, tia?

— Não sei, minha filha, mas nem sempre escolhe certo.

Recebi o copo de água, aquele que a tia me leva toda a noite, já tapada nas minhas cobertas, coloquei a guia do meu Pai Oxalá embaixo do travesseiro depois de beijar e me ajeitei bem

bonita pra ouvir mais um pouco da minha mãe. Sempre tem uma coisa nova. Ainda ontem descobri que ela era namoradeira e que comia uma caixa de quindim sozinha se deixasse. A tia Cenira é que guarda o amor da minha mãe por mim, uma ponte entre a gente, alimentando sem falhar um dia só esse laço que nem a morte consegue romper.

— Ela te quis tanto, mas tanto que convenceu até os Orixás. Pensa num querer tão forte que dobra as linhas que Bará desenhou nos caminhos, que põe o amor de uma mãe acima do amor de outra.

— Será que ela sabia, tia?

— Acho que não, mas mesmo que soubesse não ia mudar nada. Porque ela te queria mais do que queria viver.

— Pena que não dava pra ser as duas coisas.

— Pena mesmo, minha menina. O desejo dela de ser mãe era tão grande que realizando ele, me tornou mãe também. Sou um pouquinho tua.

E era muito. Eu nunca me senti sozinha, apesar da saudade da mãe. Fui acolhida e criada no Ilê, já que minha mãe queria filho e não viu necessidade em arrumar um pai. Ela só precisava era de alguém pra me botar ali dentro e eu nem sei quem foi o caridoso que ajudou a minha mãe a me fazer.

O Pai Quintino que foi pai da minha mãe e da minha tia, agora é meu também. Ele que zela o meu Bori e disse que um dia me apronta de Bará a Oxalá porque eu que vou dar continuidade na casa, herdar o Obé dele.

Meu pai de carne nunca fez falta porque eu tenho pai, sim. E toda vez que ele desponta no Ilê, ocupando o corpo do Pai Quintino, sou eu que corro pra jogar o Alá em cima dele. Epa-ô-Babá, gritam todos e eu sinto um tremor nas mãos, de tanto amor.

Foi ele que me contou o final da história da minha mãe.

Aquele que nem a Tia Cenira sabe, aquele pra além do sangaréu que ficou na sala do parto, pra além dos tantos cortes que o médico abriu na pele da minha mãe. Aquele depois do cordão amarrado no pescoço, depois da certeza dela em mandar o doutor nem pense em nada, só salve a minha menina. Aquele que começa quando minha mãe não abre mais os olhos, minutos depois da enfermeira me tirar dos braços dela.

Minha mãe partiu e não foi por castigo de Oxum, nem de nenhum Orixá. Eles só deram o que ela pediu, um filho no ventre, custe o que custar. Oxum disse pra minha mãe naquele batuque que elas romperam de vez, que ela tinha um filho no mundo, sim, mas que não vinha da barriga. Não fui eu que fiz isso, minha filha, mas o teu corpo não tem força de mãe, só o teu coração. Foi o que a Oxum falou, só o Pai Oxalá podia me dizer.

A própria Oxum buscou o espírito da minha mãe, não por punição, mas por amor. E deu pra ela seu colo dourado. Oxum penteou os cabelos da filha e jogou todo pranto dela na cachoeira, descendo forte pelas pedras igualzinho tinha descido pelas bochechas da minha mãe. Oxum costurou com uma linha de ouro cada despedaço do corpo dela e minha mãe se fez inteira de novo pra cuidar de mim ao lado da mãe dela.

Foi assim, quando minha mãe fez as pazes com Oxum.

**Enquanto as mulheres gerarem a vida, o mundo não vai acabar.**

*O mundo só vai acabar, minha filha, quando os bebês pararem de nascer.  
Enquanto as mulheres engravidarem, enquanto as mulheres derem à luz,  
enquanto as mulheres gerarem a vida,  
enquanto os bebês nascerem,  
o mundo não vai acabar.*  
Natasha Centenaro

Era isso mesmo e não haveria de ser de outro jeito. Foi assim que Deus quis, sim, ela acreditava nisso com toda sua fé. Dona Ângela ia bem matutando pela rua, com Daniel ao seu lado, cabeça baixa. Mas já dizia seu avô, “o que não tem remédio, remediado está”. Engraçado ela pensar em remédio depois do que o médico disse.

— Essa doença, D. Ângela, é complicada. Nem nós, médicos, sabemos muito sobre isso. Ainda estão fazendo estudos, sabe? Alguns dizem uma coisa, outros dizem outra e por aí vai. Tem pais que optam por internar para...

— De jeito e maneira, Dr. Carlos, dos meus filhos não me separam. Filho tem que estar é debaixo da asa de mãe, que isso, sim, resolve de tudo.

— Entendo a senhora, claro. Não é uma alternativa fácil, mas...

Ela interrompeu de novo, já ajeitando o vestido velhinho que levava solto no corpo. Olhou bem dentro do olho do médico, pra não restar dúvidas.

— Isso nunca, doutor. Não é só por cuidado meu, é que o caso não é dessa graveza. Veja o menino, ele está bem.

— Sim. Mas algumas pesquisas indicam que esse, esse... — ele gesticulou atordoado — distúrbio — o médico molhou a garganta com saliva e prosseguiu — pode ser causado por excesso de hormônios femininos no corpo masculino. Se for isso, talvez, em algum momento, possa ser revertido.

— O senhor mesmo disse que ninguém tem certeza de nada. O meu filho não vai servir de bicho pra ninguém ficar futricando, tentando adivinhar as coisas...

Dona Ângela se levantou e cutucou Daniel que ouvia tudo calado, ela fez gesto pra que ele levantasse também, dando indícios que estava na hora de ir embora.

— Eu agradeço muito, Doutor, de verdade. O senhor é um anjo. Mas a gente tem que ir tomando o rumo de casa.

Ele bloqueou a saída e pediu com a mão que ela esperasse.

— Essa é uma decisão importante sobre o futuro do seu filho.

— E é mesmo. Ela estufou o peito, contrariada com a audácia do Carlos, menino que viu crescer e agora só porque é medico no único hospitalzinho daquele fim de mundo, quer dar ordens pra cima dela. Continuou: O doutor tem razão e por isso mesmo quem tem que decidir é a mãe, que sou eu. Eu criei sozinha os meus meninos e nunca faltou nada pra nenhum deles. O senhor não se preocupe que de filhos eu é que entendo mais.

Despediram-se rápido depois do jogo de corpo que Dona Ângela fez pra desviar de Carlos, já puxando o filho pelo braço. E, ora essa, tenha dó, que hoje mal se sai das fraldas e se estuda um pouquinho, uns moleques desses se acham grande coisa. Era só o que faltava, ela ia pensando com o passo apressado e irritado, chutando terra pelos lados. Tem cabimento? Carlos, filho do Luís e da Elvira, querer obrigar ela, que tantas vezes já lhe limpou o ranho, a internar o filho, seu caçula.

Não tem pé nem cabeça. Logo ela, mãe como não se faz mais. Logo ela, que criou tantos filhos. É verdade que queria ter parado de parir lá pelas tantas, mas o sogro apelou pra religião e ela, muito temente a Deus, não quis contrariar.

— Deus é quem sabe, minha filha. Dizia o velho. Não é a gente que decide.

E não? Pois isso é certo e Deus fez Daniel como fez, então ela é que tinha que se ajeitar nos planos divinos. Dona Ângela pegou a mão do filho e se apressou mais quando avistou a casa.

— Vamos mais rápido, tenho que fazer uma coisa.

Mal entrou e já foi catando tecido pelas gavetas. Achou um bonito, florido, bem do tipo que o Daniel sempre cuidava nas irmãs. Ele, que já estava no quarto, não viu que a mãe perdeu a tarde toda na máquina de costura. Não queria sair dali, não depois da mãe ter levado ele no médico porque contou que queria ser menina. Queria não, era. Era menina, mas queria mesmo é que a mãe entendesse, que os irmãos entendessem. Tantos anos carregando nas costas esse tal Daniel, que lhe sugava a vida. Daqui a pouco tempo, ele já seria adulto pronto, sem ter vivido nada do que queria viver até ali.

Já era hora de sentir o cheiro da janta quando a mãe gritou chamando todo mundo. Os filhos todos pararam na salinha humilde de costura. Dona Ângela segurava um vestido nas mãos e sorria.

— É pra ti, minha filha. E olhou pro canto onde Daniel estava encostado na parede. Acho que serve. E vocês todos, quem eu pegar bulindo com ela, vai levar uma coça bonita, de nunca mais se esquecer. Vocês têm mais uma irmã, que é pra cuidar, como já se cuidam. Entenderam bem?

Daniela não se mexeu e Dona Ângela foi largar o vestido com ela, que encostou devagarinho como quem não acredita muito. Nunca foram de abraço, nem de carinho, porque Dona Ângela trabalhava demais e não tinha tempo sobrando pra essas coisas. Mas a ponta dos dedos delas se encostaram um pouco, na passada do tecido de uma mão pra outra, e ali se viu piscar um amor maior do mundo.

**Final alternativo**

Descobriu, por fim, que não era birra de criança, como havia pensando. Como a psicóloga havia ratificado.

Descobriu que o seu namorado era a causa dos vômitos, do desespero. Não disse absolutamente nada e pediu que a babá não contasse também.

Entregou o menino antes da janta, era o final de semana do pai. Voltou e sentou à mesa, na frente do namorado.

Uma garfada de arroz com frango e duas de salada até que o mal estar começasse. Levantou os olhos do prato, fitou os olhos dele, aguardando a compreensão.

Sorriu. Ele colocou a mão na boca antes que a gosma espessa saísse. Ela virou para o relógio na parede e voltou o rosto a tempo de assistir a cara dele caindo na mesa.

Agora estava tranquila.

**Uriná-lo-ei.**

Lygia pegou o ônibus atrasada. Aquele dia estava difícil, tudo muito complicado, várias coisas pra resolver e, além disso, também não podia correr pra alcançar o ônibus que já estava deixando a parada.

Estava no oitavo mês de gestação, não podia arriscar essas piruetas.

Ela se conformou e pegou o próximo. Mas não, não poderia faltar, seu grupo ia apresentar o trabalho que valia uma boa parte da nota do semestre. E o professor era tão exigente, não queria pedir regalias.

Lygia precisava concluir a graduação no tempo certo, pois iria ganhar o bebê assim que se formasse. A gravidez não foi planejada, realmente, mas depois de pensar bastante e fazer as contas, ficou feliz. Ela conseguiria terminar a faculdade antes de ter a filha.

Mesmo com algumas cólicas, ela foi. Aguentou a expressão de desgosto do professor quando a viu entrar na sala e sentou ao lado da colega. Um grupo já estava apresentando e ela ficou prestando atenção. Pelo menos enquanto pôde, porque a bexiga começou a incomodar. Ora, ela estava na fase de fazer xixi o tempo todo, não tinha jeito, era um inferno, sem dúvidas, aquilo atrapalhava até o sono, mal se acomodava na cama já tinha que fazer a via sacra para o banheiro de novo. Pensou em colocar um penico ao lado da cama, mas aí já seria muita humilhação. Uma mulher merece a dignidade de urinar no banheiro, era mais fácil levar o colchão pra lá. Infelizmente não havia espaço.

Quando já não suportava mais, foi até a mesa do professor, muito envergonhada.

— Com licença, professor, desculpa... Falou sussurrando.

Ele a olhou indignado.

— Que falta de respeito é essa, Lygia, seus colegas estão apresentando!

— Sinto muito, professor, mas eu preciso ir ao banheiro!

— Nem pensar, assim que eles terminaram será o seu grupo.

— Professor, eu juro, preciso mesmo ir!

Ela cruzava as pernas e tentava bloquear qualquer impulso de ejeção. Mas o professor continuava irritado e veja bem, ele era um professor doutor pós-doutor concursado. Um homem deveras importante. Uma sumidade.

— De jeito nenhum. Espere os colegas concluírem...

— Professor, eu estou grávida, é mais difícil segurar.

— Por isso grávidas devem ficar em casa, não dá certo querer fazer as coisas que não estão ao seu alcance. Se não consegue se conter, melhor não vir pra aula.

— Não é isso, professor...

— Então se consegue, sente e espere.

Lygia percebeu que aquela conversa não iria levar a nada. Sentou e se esforçou com afinco para controlar a sua bexiga.

Achou que estava indo bem até sentir o líquido quente inundando suas pernas e a cadeira, pingando no chão depois de alguns segundos em que ela urinava em silêncio, tão aliviada fisicamente que sequer lembrava-se do constrangimento.

O professor não acreditou naquela cena. Ficou tão espantado que não conseguiu abrir a boca. Ele não esperava por aquilo. Não teria como suspeitar, não ele que nunca sentiu mais de quatro quilos pesando sob sua bexiga dia e noite. Embora, mesmo assim, ele tivesse alguns escapes que quase ultrapassavam as cuecas de tempos em tempos.

O professor doutor pós-doutor intelectual de primeira versado em muitas áreas de conhecimento amante dos grandes nomes do cânone letrado concursado empossado grandíssima referência em seu nicho acadêmico foi se recuperando do choque e viu que não merecia passar por aquilo.

— Por isso eu disse que grávidas deviam ficar em casa.

## Amores imperfeitos são as flores da estação

— Depois de tudo que ele fez você ainda o protege?

Abaixei a cabeça, a princípio envergonhada com a resposta imediata que vinha à mente: sim, sempre. Depois fiquei irritada com a intimação. Minha irmã jamais seria capaz de me entender, não ela, que tinha a vida de comercial de margarina. É tão tranquilo adorar a perfeição. E isso lá é amor de verdade?

— Ele é meu. Eu respondi.

— Mas tudo tem limite, tudo tem limite. Olha a situação em que ele colocou a nossa família! E você, principalmente, passar pela humilhação de ser revistada nua. Sinceramente, eu não aguentaria isso e você, meu Deus, vai lá todos os domingos...

Eu não só ia todos os domingos, como fazia questão de levar algumas coisas das quais ele tanto gostava. E o sorriso dele ao me ver era tão bonito! Eu jamais poderia abandoná-lo, não importa o que ele fizesse. Não importa que me julgassem uma idiota, uma escrava...

Mas essa é a resposta incontestável: o único assassinato que ele poderia cometer para me afastar seria o meu próprio. Como posso amar alguém capaz de matar outra pessoa? Eu não sei. Mas eu ainda amo meu filho, tanto quanto no dia em que ele nasceu. Ele é meu. É aquele bebê que eu amamenteei e cuidei. Desde que começou a falar, ele diz que me ama, todos os dias, até mesmo na adolescência.

Eu amo o meu menino. Tanto quanto no dia em que ouvi a notícia no Jornal da noite. Era um dia chuvoso e cinza, como a maioria dos dias de julho no Sul. Eu estava fazendo a janta, um omelete, só pra mim. Já morava sozinha há algum tempo, desde que Luana tinha se mudado para Santa Catarina com o namorado. Lá tem melhores condições, ela disse, eu sorri. Eu sabia que eles não ficariam em casa para sempre, o irmão tinha saído anos antes, também para explorar outras possibilidades. Suspirei ao lembrar, enquanto acrescentava o tempero verde na frigideira, eu só queria que eles fossem felizes, nada diferente do que queriam outras milhares de mães.

Fui para a sala, sentei com o prato no colo. Nunca tivemos uma rotina muito regrada em casa, comíamos no sofá, assistindo TV. Depois da separação nós três fazíamos o que tínhamos vontade. Curioso como nesse dia lembrei tanto das crianças, não tinha reparado na hora. O

jornal seguia sua programação, eu olhava o celular entre uma garfada e outra, sem prestar atenção diretamente ao que dizia a apresentadora.

Juliano Vieira de Campos.

Ainda mastigando, olhei para a tela surpresa com o nome do meu filho saindo pelos autofalantes. Não conseguia entender o que a mulher estava falando, o coração esmurrava meu peito por dentro, fiquei confusa, meu cérebro não cooperava, como se tudo estivesse em outro idioma. Vasculhei todas as imagens, a foto do meu menino em um quadradinho 3x4, a chamada da notícia no inferior da tela: suspeito de assassinato é preso em Queimados, RJ.

Não é possível, não. Arfei, gritei. Comecei a saga de ligações, a Luana me atendeu chorando. Eu sem derramar uma lágrima só repetia que não, não pode ser. Juliano era adorado na vizinhança, matava nem mosca. Estava errado. Minha filha, se enganaram, teu irmão não fez isso.

— Eu gestei, pari, criei esse menino. Eu conheço ele até debaixo d'água. Até quando brigava contigo, lembra, Luana? Você que arranhava os braços dele! Juliano saía correndo atrás de mim. Se criou na barra da minha saia, não é, Luana? Sempre fez tudo que eu pedia, você que era a rebelde... Ele bateu num colega uma vez, da escola, que disse que você beijava todo mundo da turma. Mas bateu e levou, coisa normal, chegou em casa com o olho roxo. Como que essa criatura do dia pra noite vai inventar de matar gente, meu Deus do céu. Não existe, né, minha filha...

Eu falava sem parar, Luana soluçava, as minhas lágrimas caíam também, durinhas, sem atrapalhar a tarefa de defender o meu filho.

Só quando tudo se confirmou que eu desabei.

Não pensei na vida que ele tinha tirado, não pensei na dor dos familiares, nem me questionei porque ele tinha feito isso. Não pensei que ele tinha que pagar pelo seu crime. Eu chorava pela vida destruída do meu filho, por imaginá-lo preso, numa cela. Por temer agressões, violências. Por temer que ele não conseguisse sobreviver e também que sobrevivesse muito bem. Sim, eu só pensei nele.

Uma mãe egoísta que insistia em ignorar o óbvio: havia na história outra mãe, também sofrendo, que nunca mais iria ver seu menino. Por causa do meu.

Uma péssima mãe. Provavelmente a culpada por tudo que aconteceu, eu não soube criar, nem educar. Talvez ele tenha sido mimado demais. Ou também posso ter sido muito rígida. Além disso, não soube escolher um pai, assim que o casamento acabou ele esqueceu que tinha filhos. As visitas de final de semana foram diminuindo, virando um dia, depois um turno, um passeio rápido e por fim, uma ligação. Até que terminassem de vez.

O frio rachava meus lábios na salinha do presídio, esperando, entre levantar e sentar, ir ao balcão e olhar o corredor. Eu só queria saber dele. Precisava ver que, ao contrário do outro, ele tinha saído vivo mesmo. Ele tinha sido transferido pra cá, era a primeira vez que eu ia encontrar o meu filho já homicida, preso em flagrante. Passei por tudo que tinha que passar e aguentaria muito mais que isso, qualquer tortura, para estar com ele. Abracei e beijei, como quem recebe um filho que está voltando de um intercâmbio no exterior, passei a mão pelos cabelos sujos que eu já tinha lavado tantas e tantas vezes, pobre do meu menino, eu pensava.

— Foi uma briga, mãe.

— Você está bem? Estão te machucando?

— Aqui não é colônia de férias, minha véia. Me perdoa. A senhora, professora aposentada, ter que passar por tanta coisa.

— Eu vou fazer tudo pra te ajudar, Juliano, tudo.

Ele segurou minha mão, e era o mesmo menino da infância, os mesmos olhos de bolitas verdes me fitando. Tinha que ser logo um rapaz filho de empresário, gente com dinheiro e poder pra fazer a justiça se concretizar, se fosse filho de pobre talvez nem desse em nada, briga, legítima defesa. Mas os meus advogados, que paguei vendendo o carro e alguns apetrechos, não chegavam aos pés da equipe completa e muito bem remunerada que os pais do morto botaram pra ajudar a condenar o meu filho. O Juliano, fui descobrindo, já tinha uma ficha um pouco recheada, coisa que eu nunca imaginei.

Mas ele é meu.

— Por acaso vai mudar alguma coisa? Por acaso o filho deles ressuscita se o meu for enterrado vivo na cadeia? Ele ganha cargo melhor no céu se aumentarem os anos de detenção do Juliano?

— Mãe, eles não são culpados. É uma família em desespero, imagina se fosse a gente...

— Deus me livre e me perdoe, mas eu agradeço, sim, por ser o meu filho que está vivo. Ainda bem que foi ele o que assassinou e não o que foi assassinado.

— Mãe!

A Luana era outra que não entendia. E não importa mesmo. Eu sigo a minha vida, como meu coração manda e como é o meu dever: cuidando do meu filho. Esperando pelo meu filho. Dispensei as visitas tão preocupadas em me condenar também, já estava atrasada.

Entrei na salinha de sempre e ele estava lá, mais magro do que nunca, as olheiras marcadas, engoli o choro e acolhi o meu menino. Queria botar ele de volta no útero, carregar pra longe. Igual fez a vida toda, ele se enroscou no meu abraço que é a casa dele, as lágrimas descendo.

— Mãe...

## Gosto de chamar meus monstros pelo nome

*“Gosto de chamar meus monstros pelo nome. E sei que é mais fácil encará-los como monstros do que olhar em seus olhos tão desesperadamente humanos e enxergar neles o pavor da morte.”*

Eliane Brum

Os monstros não são apenas aqueles que agem.

Monstros também são aqueles que enxergam, aqueles que assistem. Há monstros que não fazem o mal.

Mas o omitem, encobrem, silenciam.

As bestas que sabem sobre a carnificina e ainda sim pisam sobre o sangue, como quem caminha pela grama, são tão perigosas quanto as que cortam a carne.

As feras que fecham: os olhos, as portas, as bocas, as gavetas, as cortinas, as mãos.

Essa história tem os dois tipos.

Ela estava sentada em cima do tapete felpudo cinza brincando com a boneca nova, o quarto era decorado com flores e fadas e as janelas tinham cortinas esvoaçantes. Tudo fazia crer que ali dormia uma princesinha. Exceto o olhar da menina, fixo nos cabelos cuidadosamente penteados da boneca.

A mãe entrou no quarto e alisou sua cabeça enfeitada com um laço rosa.

— Querida, vamos jantar.

Já na mesa, ganhou outra boneca. Mais uma, a coleção dolorosamente grande de belas e pomposas bonecas, vestidas delicadamente, como pequenas *misses* enfileiradas nas prateleiras rosa do quarto maculado.

— Obrigada, mamãe. Ela respondeu, a voz fraca, quase inaudível.

— Agora coma tudo, você precisa ficar forte. Está tão magrinha.

Estava mesmo, o apetite perdido aos poucos: a cada porta fechada a fome ia sumindo. Precisava ser forte, sim, muito, para aguentar o peso. A mãe estava preocupada com ela ou apenas engordando o porco para o abate? Não sabia. Como sempre, preferia acreditar que a mãe tentava cuidá-la.

Quando viu pela janela do quarto que o sereno começava a embaçar os vidros, sentiu o arrepio percorrer sua pele fininha. Baixou os olhos, revisando o vestidinho florido, parecia que as flores estavam murchando, como ela.

O barulho da porta, ele chegou. Apesar da falta de sono, ela foi se deitar, cobriu-se até o rosto, como uma mortalha. Seu corpo estava apodrecendo e não importava o quanto a mãe o enfeitasse, qualquer um que chegasse perto poderia sentir o cheiro da decomposição. Mas ninguém chegava perto o bastante. Só ele.

Ele que não pararia por fedor algum.

Ouviu os passos da mãe no corredor, contemplou o fio de luz que entrava pela fresta da porta semiaberta. Um vislumbre do mundo externo no qual seus olhos-zumbis se focavam, tentando imaginar um lugar onde nunca ficasse escuro e houvesse mais claridade que esse pobre feixe que logo seria assassinado. Ela sabia, a mãe estava vindo para isso.

A luz foi apagada, ela cerrou os olhos. Não viu a mão enrolando o puxador da porta, apenas escutou quando a madeira encaixou no limiar. A mãe havia fechado, como todas as noites, o único caminho de fuga, ainda que ela não pudesse passar por ele mesmo que ficasse aberto. Jamais conseguiria tirar aquele peso de cima de si. Não era a porta que a prendia ali, ela sabia, mas perder aquele único vislumbre era como assistir um caixão sendo lacrado. Doía mais que fosse a mãe a sepultá-la.

Por acaso ela queria ainda viver? Talvez não, mas seguiu sendo alimentada e vestida. Sendo obrigada a respirar, seus órgãos eficientes não falhavam. E com o passar dos anos outros resolveram trabalhar mais ainda: ovários e útero. Apesar do que acontecia fora do corpo, apenas cumpriam sua função fisiológica.

Talvez só a morte pudesse apagar as marcas. Era preciso escolher muito bem a quem matar. Podia abortar o filho. Mas não podia abortar a mãe.

O filho não era inocente como diriam. A determinação repulsiva em se alojar num ventre que não o queria, nem o merecia, livrava-a de qualquer pena em impedir que ele existisse. Mas não resolveria.

Matar a mãe? Ah, quantas horas passou revirando e revivendo memórias, saboreando os vestígios de culpa, qualquer sinal de remorso ou dúvida. As bonecas tão lindas que comprava, sim, eram prova do seu amor, a mãe certamente poderia não recompensá-la. Os presentes se tornaram símbolo do sofrimento tanto quanto do sentimento que a mãe nutria por ela. A forma suave com que fechava a porta do quarto evitando barulho para não assustar, certamente poderia fechá-las de maneira brusca e causar mais espanto na menina. Tudo que estava sob o seu comando, sob o seu alcance, era executado de forma perfeita em relação à filha, roupas, acessórios, alimentos, móveis, tudo impecável.

Ela sabia que não teria coragem para matar a mãe, nem força suficiente para matar o pai. Assim como tinha plena consciência de que embora pudesse matar o feto, com força e coragem transbordantes, essa boneca assombrada como as outras, feita de carne e osso, tão maligna quanto seu progenitor, não adiantaria.

Ele produziria outras, facilmente.

Nenhuma dessas mortes se daria no tempo-antes, no tempo de evitar o que foi feito. Nenhuma delas curaria. As cicatrizes todas só acabariam com a sua própria morte.

E se o seu fim significava o fim de toda a dor, ele era bem-vindo.

O feto sem mãe. A mãe sem filha. O pai sem amante. Era isso, a solução. E ninguém mais poderia evitar sua putrefação crescente, agora definitiva.

— Querida, vamos jantar.

As pantufas da mãe tocaram o sangue antes mesmo que ela enxergasse a boneca despedaçada.

— Pobrezinha.

Ela ajeitou o vestido, alisou o tecido amassado.

— Que bagunça, o quarto está sujo.

A mãe arrumou os cabelos espalhados e acarinhou o rosto opaco. Saiu do quarto e fechou a porta, os olhos vítreos já não buscavam mais a luz.

**Numa terra que não conhece a morte**

*Lá, viveremos felizes, numa terra que não conhece a morte,  
não conhece o tempo, não conhece a dor.*

Tatiana Salem Levy

A mulher louca é conhecida no bairro. Sabe? Aquela mulher que revira o lixo e depois dança. Dança mesmo e não é pouco! Todo mundo acha que fugiu do hospício ou que a família jogou na rua. Quando ela passa deixa um rastro de catinga, perfume de caçamba.

E os braços que ela levanta pra louvar ao céu — *sabe-se lá que motivo tem uma infeliz dessa para agradecer a deus* — exalam odor de restos e sobras. Uma fumaça de fedor se espalha enquanto ela gira e sorri.

O que achou na lixeira, mulher louca?

Pepita de ouro

Resto de uma comida bem boa

Nada, nada, ela nunca sai com nada nas mãos. Tem as duas livres para compor sua coreografia. E a imundície que ela deixa na calçada?

Os vizinhos escorraçam

Gritam

Jogam água

Que nojo, mulher louca

Chama a Brigada!

Mas ela volta, infelizmente. Porque desparafusado é bicho triste, só no dia que morrer para de infernizar! Ninguém dá jeito na mulher louca...

Um dia ainda aparece jogada na vala

Se tornando ela mesma

Uma parte do lixo que esculhambava

Que asco, mulher louca que não bate bem da cabeça. Quanto entulho, tudo sujo! Uma nojeira sem tamanho. Isso nem é mais gente, é pior que cachorro sarnento. A mulher louca não se importa, nem dá bola, não tem medo nem batam nem que xinguem. Mas dali ela não sai jamais. Não tem problema que a vizinhança tenha ódio: muitos anos atrás a mulher louca já conheceu a maldade.

Foi ali na rua de trás

Onde fica a padaria

A mulher louca tentou correr

Até porque nem era bem louca ainda

Ela percebeu o perigo, mas eles foram mais rápidos. A mulher louca fez dos braços duas barras de ferro e berrou tanto que quase estourou os tímpanos deles. Parou só com a coronhada. O policial já estava do lado quando a mulher louca abriu os olhos. Ela contou tudo enquanto comia ranho e lágrima, pedindo a maior pressa.

O homem muito sério disse pra ela se acalmar

E perder a esperança

Do jeito que a coisa sucedeu

Eles nunca iam achar a criança

Ele falou sem pena nenhuma: nessas horas o menino já tá numa lixeira. Ou na europa com outra família. A mulher louca fez tudo o que podia, mas um dia se conformou:

A cada lixeira vazia

A mulher louca agradecia

Que não tinha o corpo do filho

A vida ganhava novo brilho

O menino estava na europa com a família.

## Eram duas ventarolas

Quando o pai disse que ia tentar encontrar a mãe, os filhos acharam que ele estava louco. Não todos, Quinzé também tinha no peito um fiapo de fé de ver a mãe de novo.

— Mano, ela não volta nunca mais.

Ele suspirou, sem acreditar.

— Mas a vó disse que Iansã levou a mãe pra morar junto dela.

— A vó só inventa coisa, Quinzé.

Ele não achava, a vó era a pessoa que mais sabia coisas no mundo. Benzedeira famosa, a vó tirava quebrante, mal olhado, asma e até furúnculo. Com um galhinho de arruda numa mão e um copo d'água na outra, ninguém podia com a vó. Era ela que fazia as plantas crescerem no pátio e que sabia as simpatias todas de parar chuva, arrumar marido e desenrolar criança na barriga da mãe. O xarope que a vó fazia — receita só dela — curava tosse, febre, dor de cabeça, garganta inflamada e até dor de barriga. Quando o problema era de carne maltratada, músculo revirado ou osso atravessado, a vó tinha uma garrafinha com um líquido de cor escura e cheiro que ardia o nariz, era passar aquilo que resolvia. Gente de tanto canto procurava a vó pra jogar búzios e saber o que vem pelos caminhos da vida. A vó tinha muitos anos de vasilha, fazia fechamento de corpo e sabia as guias de que santo era melhor usar pra se proteger. Ela conhecia as rezas dos Orixás todinhos e seu yorubá era bonito que só. Se o Quinzé não conseguia ir aos pés, ela levava pra ele laranja espremida na hora e o troço tomava jeito. A vó sabia tudo que não podia fazer de errado, pra evitar desgraça: passar por baixo de escada, deixar chinelo virado, abrir guarda-chuva dentro de casa.

Quinzé seguia tudo bem direitinho. Como que logo nesse assunto bem sério, ele iria contrariar a vó?

No ano que se deu o tumulto, um temporal despontou feroz lá no canto do céu, a vó começou a chamar Iansã, pedindo que ela se acalmasse. *Oyá, rainha da tempestade, sossega*. Foram as palavras que passaram feito sopro pela boca enrugada. Nesse dia ninguém viu a mãe saindo porta afora, reto, sem dizer nada. Só perceberam o sumiço da mãe quando as goteiras insistentes fizeram com que procurassem pelos baldes. Olharam a casa inteirinha. Foi até rápido: quatro cômodos pequenos de madeira foram revistados por três meninos ansiosos.

A gritaria começou aí. O pai já estava nervoso, saiu na chuva, buscando pela mãe. De dentro de casa se ouvia o nome dela saltando aos berros, pipocando na rua de chão batido. Quinzé ficou com os irmãos e a avó, ele que mais chorava, ainda era menino novinho, carente de mãe.

— Não chora, não, meu filho. Eu sei onde sua mãe tá.

Os braços quentes o enrolaram num abraço de caramujo.

— Sabe mesmo, vó?

— Uma hora eu conto, Quinzé.

O pai voltou horas depois, os ombros caídos. Chutou balde, empurrou vassoura pro chão e até socou a madeira da mesa. Quando a respiração parou de cortar, ele mal conseguia olhar pros meninos.

— Pai, a gente tem que ir na polícia.

— É, pai, sabe-se lá o que aconteceu com a mãe.

O pai tirou o rosto enterrado nas mãos sujas, os olhos embaçados fitaram as carinhas miúdas.

— Aconteceu que ela fugiu da nossa família. Que sumiu no mundo. Que não quer saber da gente. Nem de marido, nem de filho. Ela não presta.

A figura baixinha da vó fez sombra na soleira da porta.

— Não fala isso, não, minha filha não é mulher de fugir de nada.

— Velha, eu não tô com saco hoje pra isso. Os meninos têm que saber a verdade.

— A verdade eu que digo: a Luiza tava infeliz aqui. Iansã tava vendo ela esmorecer.

— Velha...

— Oyá é boa mãe, levou Luiza daqui pra viver com ela. Eu acho muito certo.

A velha concordou com a cabeça, aprovando o acontecido. O pai levantou irritado, a conversa acabava ali.

Todos foram dormir, mas Quinzé levantou depois dos manos pegarem no sono, foi de fininho na cama da vó.

— Vó, você às vezes fala com os santos, né? Eu já vi.

— Falo, sim, mas o melhor mesmo é escutar o que eles dizem.

Ela firmou o dedo bem na fonte do menino e zuniu como barulho de água no ouvido dele: aqui no teu ori. Quinzé sentiu as palavras-ondas da vó baterem dentro dele, puxou o ar bem fundo antes de falar.

— Você pede uma coisa pra Iansã? Pra ela devolver a mãe, que eu me sumo daqui com ela, pro pai nunca mais fazer a mãe ficar triste.

Quinzé não soube se ela não quis pedir ou se Iansã não quis atender, o caso é que cinco anos se passaram e a mãe nunca apareceu. O pai foi perdendo a gordura do corpo, a cada dia ele parecia pior, a garrafa plástica de cachaça o acompanhava pela casa, o dinheiro começou a

ficar ainda mais escasso. Os irmãos mais velhos foram trabalhar pra ajudar a alimentar toda família. Só o Quinzé ficou, ele ajudava a vó a lavar roupa pra fora. Todo dia ele ouvia a vó dizer a mesma coisa pro pai.

— Chega de lamentação, homem. A Luiza tá bem, ela tá com Iansã.

Cansado dessa história, um dia o pai se enfureceu, assim que a vó saiu para ir no terreiro ele botou o casaco.

— Hoje eu pego essa velha. Terreiro que nada, ela sabe onde minha mulher tá.

— Pai, você encafifou com isso, deixa a vó em paz, ela foi falar com os santos.

O pai bateu a porta, saiu sem olhar para trás. Quinzé já esperava tragédia quando viu os dois entrando juntos na cozinha. Foi a vó quem acalmou o menino:

— Não teve rebuliço nenhum, meu filho, teu pai entendeu.

Quinzé olhou pra ele e o semblante sereno fez o filho ficar tranquilo também. Quando os irmãos chegaram, o pai chamou todo mundo pra conversar.

— Eu já sei como encontrar a mãe de vocês, vou atrás dela.

Foi a maior discussão, mas não teve jeito, o pai estava decidido. Os irmãos queriam até internar ele, botaram a culpa na bebida. Disseram que o pai definhou depois de ser abandonado e que a mãe não ia ser encontrada. Os irmãos ameaçaram amarrar o homem, trancar a casa toda, fazer vigia e tudo. Mas o pai fincou pé, ele estava confiando na palavra de Ogum: o coração dele tinha mudado, ele merecia ter paz.

— Até o pai que é sujeito esperto tá caindo nas caraminholas da vó. Essa velha é fogo.

A vó só balançou a cabeça, ela tinha pena dos netos mais velhos, não queriam entender os ensinamentos dos santos e por isso sofriam de saudade da mãe.

O sol raiou com a vizinhança em alvoroço. Várias pessoas disseram que viram o homem se atirando no mar. Os irmãos davam o pai como morto, estavam já pensando em velório, mas Quinzé sabia que isso era mentira, o homem estava vivo. A vó andava pela casa, sem falar com ninguém, só cantando pontos e rezas. O menino precisava saber o que o pai tinha descoberto no terreiro, resolveu peitar os manos.

— Hoje vou com a vó. Quero entender tudo.

— Do quê, mano?

— Do pai e da mãe. Onde eles estão. Porque os santos não deixam eles ficar perto da gente.

— Quinzé, o pai se matou.

— Nada, o pai foi procurar a mãe. Ele mesmo que disse.

— A mãe foi embora há anos. Sumiu no mundo. Deve já ter outra vida, uma que ela quis.

— Vocês nunca aceitaram o que a vó dizia, mas a mãe tá morando com Iansã.

Quinzé viu o irmão franzir a testa e jogar o corpo na cadeira, ele sentiu que vinha conversa difícil.

— A mãe não tinha vontade de juntar com homem nenhum, nem de ter filho, fez só porque tinha que fazer. A mãe paria e a vó que cuidava da gente. Quando ela fugia de noite, o pai ia buscar, era quizila grande. Ô, Quinzé, tu não é mais bebê pra acreditar nas bobagens da louca da vó. A mãe foi fazer a vida, ela nunca quis a gente. Foi se embora sem deixar nada, porque aqui não tinha nada pra ela também.

A boca de Quinzé ficou amarga, com gosto de ferrugem. Ogum já tinha avisado que a mágoa também corrói.

Ele saiu correndo, não quis mais ouvir. Chegou já tirando os chinelos na porta e saudando a casinha vermelha de Bará Lodê. Quinzé entrou chorando no terreiro, procurando pelo rosto da vó, ou de qualquer um, santo ou gente, que pudesse dizer uma verdade pra ele. O peito do menino só parou de pular quando ouviu o canto do tamboreiro.

*Eram duas ventarolas, eram duas ventarolas que sopravam sobre o mar. Uma era Iansã, Eparrei. A outra era Iemanjá, Odoiá.*

Quinzé ficou paralisado, olhando Iemanjá e Iansã dançarem no meio da roda, girando uma pela outra, cruzando espelho e espada, embaladas pelo ponto do alabê. A vista corria com elas e Quinzé juntava as peças. Ele virou para a vó, ela sorria cúmplice, ele entendera também: se a mãe tinha ido morar com Iansã, o melhor jeito de encontrar com ela era ir pro reino de Iemanjá.

Naquela noite a tempestade era forte, Quinzé voltava pra casa de mãos dadas com a vó, eles sabiam que o pai e a mãe estavam se encontrando de novo.

**Da boca que tagarela**

*Da boca que tagarela  
As palavras vão saltar*

*Já tá passando da hora  
Do bebezinho mamar  
Zangada, a boca com fome  
Chora, chora sem parar*

Mundo Bitá

Os filhos falam muito. Não todos, alguns.

O meu fala.

E o baú de conversas e pedidos é infinito. Ele sempre tem alguma pergunta, algum desejo, algum comentário. Nunca está plenamente satisfeito e quieto.

E as repetições?

Onde é a direita. Aqui, meu amor. E a esquerda? Ali, filho. E a direita? Aqui. E a esquerda? Ali. E a direita? Suspiro, aqui. E a esquerda? Eu já falei.

E as necessidades?

Inúmeras e abundantes e nunca saciadas.

Quero água. Suco. Xixi, mamãe. Tô com fome. Cocô. Olha meu caminhão e meu carro e minha bicicleta e meu muro e meu castelo e minha casa e meu caminhão mais grande ainda. Mamãe! Olha essa torre. Quero fruta. Não banana, nem maçã. Nenhuma que tem em casa. Uva pode ser. Não cortada mamãe, traz inteira. Não, verde não. Outra uva. Eca, não quero. Mamãe, quero a maçã. Não com casca, sem. Sem casca, mamãe? Ecati melecati. Não quero mais. Porque tu comeu, mamãe? Era minha.

Criança com saúde é assim. Benza Deus! Mas que saco.

Fica caladinho só um pouco, deixa a mãe ler isso aqui em paz. Pelo amor de Deus. Mas, mamãe, eu quero você.

Que porre. Queira menos. Desgruda um pouco...

Tem que encher o potinho da atenção. Só que o potinho é um buraco negro.

Os filhinhos às vezes são tão chatinhos e coladinhos. E não querem nem tomar remédios com gosto de morango! Filhinhos sufocantes.

Quer dizer, a porra de um remédio que não dói! São duas horas contando histórias, cantando músicas, acalmando, convencendo um serzinho de três anos a cooperar. Mas ele não coopera e faz da vida da mamãe um inferno. Qual motivo? O remédio que tem que tomar. É chute na cara, dedo no olho. Até que a gente perde as estribeiras e soca a seringa goela abaixo. Tudo isso pra cinco minutos depois se sentir a pior pessoa do universo.

Tem horas que eu só queria não escutar a voz dele por um tempinho. Agora mesmo puxando meu braço pra impedir que eu digite. Afinal ele queria dar um beijo na minha mão. Porque os filhos não respeitam ímpetus criativos, nem prazos acadêmicos. Porque os filhos não dão pausa, nem folga, nem descanso.

E até o amor cansa.

**Mais definitivo que o teu fim.**

A vida nos empurra pra frente. A rotina nos obrigada a seguir.  
Assim como a morte, a vida é imperiosa  
Ela exige  
E no mecanismo dela a gente vai só seguindo o ritmo das engrenagens  
Até que.

Escuto teu riso  
Descompassado  
Como o meu coração ao imaginar  
E a vontade do teu abraço  
Tão grande  
que cabia lágrima, sorriso  
que cabia meu peito pesado  
que filtrava o sangue

Tô carregando tudo  
porque a tua ausência é cheia  
não cabe mais nada  
Além da saudade  
Da dor  
Da certeza que mora nas coisas de nunca mais

Aí a vida tem que parar um pouco  
Só um pouco  
Num chuveiro  
Segurando na parede

Escapa pelo olho  
A angústia líquida  
Da tua inexistência

Enquanto eu espremo tudo  
Que não tem pra onde ir  
Imenso  
Devastando pedaços meus que eram nossos

Eu vou juntando as migalhas  
Com as pontas dos dedos  
A vida ordena  
Recomponha-se

Mas e o amor.  
O amor que gruda.  
Ele não tem como apagar  
Espremer  
Esquecer.  
Mais definitivo que o teu fim.

**Não existe nem mesmo um poro da pele que não carregue dor**

*A dor está em tudo, espalhada por todos os cantos do planeta, por todos os cantos de nós.*

*Não existe nem mesmo um poro da pele que não carregue dor.*

*Os sentimentos mudam, mas a dor persiste.*

Tatiana Salem Levy

A imensa barriga de Cora já trazia transtornos até para a mais simples movimentação. Ainda sim ela ia até o quarto do bebê tantas vezes por dia que sequer conseguiria contar. Passava todo o tempo envolvida nos preparativos para a chegada do filho. As roupinhas foram lavadas com sabão de coco, passadas, guardadas no armário e separadas por cores. Ela também havia colocado um raminho de alecrim junto às peças e muitas vezes pegava a coberta azul e inalava seu perfume, imaginando o filho nos braços.

No entanto, havia algo que perturbava a gestação da jovem mãe. Na primeira noite de lua cheia do mês de novembro, avisavam os anciões, a Fada viria buscar os recém-nascidos dos quais se alimentava. Cora lamentava que o período de reclusão da fada fosse terminar justamente no exato ano em que ela daria à luz.

O último bebê fora levado há alguns anos; quando a pobre mãe pegou no sono, a gélida figura da fada perpassou a porta, o longo vestido preto contrastava com a pele quase translúcida. Recolheu a criança sem pressa alguma, tamanha confiança ela tinha na profundidade do sono da mãe ou na sua própria imponência. Ela encostou os finos lábios no rosto do bebê, que não apresentava sinais de medo perante a imagem grotesca. O gesto que poderia facilmente ser confundido com um beijo, não era nada mais que um recurso para antecipar o sabor da carne imaculada de um recém-nascido.

Cora tentava afugentar as imagens que a mente produzia a cada novo relato, ela não queria ficar nervosa e estressar o filho, ainda tão protegido dentro de seu casulo. A madrinha lhe serviu chá de camomila e trançou seus cabelos com mãos de borboleta.

— Não há o que temer, minha filha, apenas mantenha uma vela acesa durante toda a noite, assim a Fada não conseguirá entrar. Fique ao lado do seu bebê, reacendendo uma nova vela sempre que necessário. Ao amanhecer tudo estará terminado.

Além disso, Cora se agarrava ao fato de que nada garantia que o filho nasceria até essa data, quem sabe viria depois. A madrinha alisou as mechas castanhas que escorriam por entre seus dedos, então acariciou o ventre de Cora e sorriu o sorriso daqueles que sabem coisas que os outros desconhecem.

— Quem sabe, ela respondeu.

Assim que a madrinha foi embora, o marido de Cora chegou. Ele passou calado pela sala e trancou-se no quarto até a hora do jantar. A mulher esquentou o alimento que havia sido preparado cedo e pôs a mesa: um prato branco grande, dois talheres muito limpos e uma flor dentro do reluzente copo de vidro. Revisou o ambiente, conferiu a temperatura da comida e saiu antes que ele sentasse para a refeição. Ela voltou aos seus afazeres de mãe: contar o número de toalhinhas, os sabonetes, organizar o berço, esticar os lençóis, bordar meias e casaquinhos. Os dedos já sabiam o caminho do desenho das letras do filho: Matheus.

A cabeça de Cora estava inundada pela espera, o colo estava pronto para receber seu bebê. No banho se distraía facilmente, imaginando a vida que a aguardava, enquanto ela dedilhava, sem se dar conta, as formas roxas que percorriam as pernas e os braços. Essas nem doíam mais, ainda que a lembrança do momento em que foram feitas causasse um tremor nas mãos de Cora.

Naquela noite, ela foi dormir no quarto do bebê e antes que a claridade do sol tocasse as cortinas, as dores iniciaram. Não era apenas ela que estava ansiosa, o filho também empurrava sua carne com a ferocidade de quem precisa conhecer a sua mãe. A madrinha chegou depressa, abriu as pernas de Cora e disse que o menino queria nascer. Ela conduzia os movimentos, limpava o suor no corpo da afilhada e a convencia que esse sofrimento seria recompensado. Cora, que era tão boa em engolir gritos, deixava-os escapar. As horas cumpriram seu dever e trouxeram o choro do filho. Mas, o rosto da madrinha emudeceu, as palavras saíram pequenas, salgadas:

— Não é Matheus.

Ela ficou confusa quando aconchegou o pequeno corpo junto ao seio e abriu a coberta azul: não, não era Matheus. Era uma menina. As lágrimas pontiagudas desceram, enquanto ela escondia a filha em seu próprio pescoço. Os soluços embalavam a menina como uma música de ninar. Cora apertou a filha um pouco mais, fazendo um quase assovio em seu ouvido.

*Sonhos bonitos eu queria te dar*

*Dorme, filhinha, nem pense em esperar*

*Dorme tranquila, mamãe vai te cuidar.*

As mulheres guiavam o canto, a cabeça encostada uma na outra, as mãos cruzadas sob o corpinho de nenê. A madrinha deixou a criança dormindo em seu berço antes de partir.

A lua não quis mais aguardar, passados poucos dias resolveu cintilar toda a extensão de seu corpo. A mãe reuniu trinta e três velas que enfileirou em cima da cômoda, ao lado de cinco caixas de fósforo. Ela posicionou a cadeira de balanço ao lado do berço, tendo sob os ombros apenas um velho xale marrom, então cobriu a filha com cuidado e começou sua vigília.

A menina tinha a respiração muito tranquila e encontrava-se imersa no mundo dos sonhos, a luz constante vinda das chamas não a incomodava. Era um bebê tão sereno, impassível, lembrava o temperamento da mãe.

A noite afundava cada vez mais: a primeira vela sucumbiu. Cora correu até a cômoda, tateou o fósforo e a substituiu. A luz então voltou a irradiar o pequeno cômodo de paredes azuis. A mãe não tirava os olhos da filha e quanto mais olhava, mais temia. Cora tocou o rosto da menina apenas com a ponta dos dedos, um pequeno passeio pela maciez daquela pele, era tão fina, parecia que poderia se romper naquele instante. Ela inclinou-se mais para perto, encheu os pulmões com o cheiro da filha e sussurrou algo em seu ouvido antes de sentar novamente. O medo foi crescendo, espremido dentro do quartinho de bebê.

Até que a segunda vela esmoreceu.

Cora permaneceu sentada por alguns minutos, as lágrimas pontiagudas desceram. A porta se abriu e a mão escura percorreu a borda do berço, sem que nenhuma luz ou ruído, nem da mãe, nem da filha afugentasse a Fada.

Ela partiu deixando Cora sozinha, a vela que nunca seria acesa na mão.

**O que é, o que é:**

*Mãe, porque a galinha é que bota o ovo enquanto o galo só faz cantar?*

Eu sei lá, menina.

*Depois ela ainda tem que chocar o ovo!*

Sim, Joana, descobriu isso só agora? Você tem cada uma...

*No cu!*

Olha a boca, Joana! O que é isso.

*O pai que falou que cu é o mesmo que bunda, mãe. E eu vi a Margarida sentando em cima do ovo.*

Pra chocar, pra nascer o pintinho. Você não gosta de pintinho?

*Acho feio, uma coisinha sem graça.*

Mas de ovo frito você gosta bastante, então largue mão de se preocupar com a vida da galinha.

*Ô, mãe, será que a galinha gosta dos pintinhos? Porque ovo frito ela não come, nem omelete.*

De onde você tira tanta besteira?

*Eu só queria saber por que a galinha tem tanto trabalho e o galo nenhum. Quem que deu essa ordem? A galinha não deve tá satisfeita. Hoje quando ouvi o galo cantando, que chatice, todo dia a mesma coisa, pensei esse galo não tem mais o que fazer? Aí lembrei que não. Não bota um ovo pra gente comer! Isso tudo bem, até vai, porque mesmo que quisesse ele não ia conseguir. Mas cu ele tem, então podia pelo menos chocar.*

Para de falar isso, Joana, eu vou botar pimenta na sua boca!

*Mãe, eu já te disse, o pai falou que cu...*

Menina desbocada.

*Vai botar a pimenta na boca do pai também?*

Joana, não se faz de desentendida. Você é bem esperta. A galinha tem a função dela e o galo tem a dele.

*Mas, mãe, quem que decidiu assim?*

Deus, a natureza, a vida. Joana, isso sempre foi desse jeito. A galinha bota o ovo...

*E o galo canta. Que moleza.*

As coisas são assim, não é você que vai mudar quem choca o ovo, menina. Essa conversa não tem pé nem cabeça.

*E se a galinha cansar? Vocês não pensam nisso?*

Ela não tem o que fazer. A galinha já tá acostumada.

*Que vida triste. O galo é um folgado.*

Filha, eu já expliquei, não é por vontade do galo, é uma coisa da natureza.

*Mãe, esses dias deu na TV que o pinguim cuida dos ovos.*

Pinguim não é galo, Joana.

*Mas é macho também. Você disse pra tia Martha, eu ouvi, que macho era tudo igual.*

Desbocada e fofqueira, hein, menina. O tema de casa não faz direito mas cuidar da vida da mãe...

*E da galinha.*

Chega, já cansei de conversa por hoje. Vai brincar, dar comida pros animais, vai arrumar o que fazer. Aproveita, segunda-feira vamos embora do sítio, acabaram as férias.

*Férias! É isso, mãe. A galinha tá precisando de umas...*

Vai, Joana, me deixa terminar o almoço.

*Vou lá perguntar pro pai tudo isso.*

Não mesmo, deixa ele descansar, quando o assado estiver pronto você chama...

*Mãe, o pai não sabe cozinhar?*

## Manual da mordida

Você sabia que mordida é uma coisa que machuca? A mordida de qualquer um, até de filho. Você sabia que mordida de filho é igual as outras mordidas? Que dente de filho corta e rasga? A mordida de filho não parece mordida de amor. E dente, mesmo pequeno, como o pequeno dono da boca que o carrega, faz estrago.

As vezes não dá tempo da cabeça da gente lembrar que a mordida é do filho, do filho! Não de uma pessoa qualquer que a gente poderia revidar. Quando somos atacados só queremos nos defender, eu sei. Mas não pode se defender do próprio filho.

Mesmo que o dente dele não seja macio e doce, mesmo que seja só um dente mesmo, que arranha sua pele, não pode fazer quase nada.

Nem pensar em ter vontade de socar a criatura em algum canto, pra que ela e as presas fiquem longe da sua carne. Não pode nem pensar em gritar com a criatura porque isso traumatiza. E é sério, você não vai querer ser responsável por foder toda vida da criatura por causa de uma mordidinha de nada. Até porque depois você lembra que a criatura, a boca da criatura, as presas e tudo mais foi feito dentro de você. Lembra que são os dentinhos que você esperou e cuidou da febre que eles causaram ao nascer. E a boquinha mimosa com bafinho de leite foi fabricada no seu ventre. Que dor, não é da outra mordida, é só do pensamento que você nem pode pensar. E culpa dói bem mais que mordida, sabia?

Afinal, mãe que é mãe prioriza o filho. E eu sou mãe que é mãe, não posso ser outro tipo.

Mãe que é mãe sabe que morder é uma reação sem maldade. Ou o filho está frustrado ou com fome ou com dor ou cagado ou mijado ou irritado ou com sono e tem que resolver tudo isso pra ele parar de morder você. E mesmo que não pare é algum outro problema que também é culpa sua. Se você tivesse feito tudo direito ele não estaria mordendo. E além do mais, mãe que é mãe aguenta tudo por um filho, uma mordida não é nada. Você não se atiraria na frente de um trem por causa dele? Você não passaria fome pra ele ter o que comer? Você não morreria e mataria por ele? Pois então, tem que relevar as mordidas, é o mínimo, o mínimo... Porque mãe que é mãe se sacrifica pelo filho. Mãe que é mãe! Ora, você sabe, larga tudo pelo

filho, até a si mesma. Que coisa estranha seria você querer botar o mundo aos pés de alguém mas não aceitar umas mordidinhas de vez enquanto.

Mãe que é mãe, não essas que só pariram, mãe de verdade, sabe que isso é fase e vai passar. Que a mordida é uma forma de comunicação, o filho não sabe falar, tem que cuidar disso, tem que pensar bem rápido quando a carne pulsa pelo contato do dente, tem que pensar muito rápido e respirar, muito muito rápido, só pensar que é seu filho, seu filho. E não pode sentir nada, nadinha, nem raiva, nem dor, nem aquela sensação de que está se deixando machucar. Não pode querer afastar porque se o filho está mordendo quer dizer que precisa ser acolhido. Você tem que acolher! Porque mãe que é mãe sabe tudo que o filho precisa! Sabe as necessidades do filho e sabe atender todas elas. Mãe que é mãe, não essas porcarias. Você não quer se sentir um lixo por não saber lidar com uma mordida, né? Por pensar no seu filho de forma negativa. Que tipo de mãe você seria se fizesse isso? Não seria mãe que é mãe, porque mãe que é mãe só sabe amar o filho. E no pacote do amor incondicional tá a mordida! Mesmo que você esteja sofrendo com a privação de sono ou com a amamentação em livre demanda. Não vai desmamar a criança por causa de uma mordida! Mãe que é mãe sabe que o leite é o maior presente que ela pode dar para o filho, é amor líquido.

Não quero nem saber se pode dar uma vontadezinha de empurrar pra bem longe o filho querido e aí você beija beija beija forte o filho pra aliviar a irritação. Nem finja que não está vendo ele chorando, pedindo você e você só pensando que o mamilo está latejando e sangrando. Mãe que é mãe dá o sangue pelo filho então não faça isso porque a culpa vai corroer você até não sobrar nada. Não, não pode fazer de conta que não é mãe do filho e não ouse ter vontade de fugir porque mãe que é mãe sabe que é uma benção ter um filho quantas mulheres queriam ter filhos e não puderem e você tem. Seja grata, muito grata, plena, contemple o filho e a mordida do filho e agradeça pelo seu filho ser saudável e você poder cuidar dele. Não precisa complicar, é só ser mãe.

Porque mãe que é mãe sabe ser mãe.

## **Para que não me esqueça**

Esse caderno de lamúrias, esse diário maldito é para que não me esqueça.

Para que tu não me esqueça.

Talvez seja egoísmo. Seria melhor que esquecesse que essa mulher com quem vive não foi tua primeira mãe. Que teus primeiros beijos foram dados por outros lábios, que o leite que te nutriu por quase um ano não veio desse seio. Que o ventre no qual foi gestado não foi o que primeiro te embalou.

Tu não sofreria pensando que, quem sabe, poderia ter sido mais feliz com a primeira mãe. Eu não sei se é possível desfazer o que nós criamos nos nove meses que vivemos juntos, Lucas. Eu penso que seria melhor que tu esquecesse, mas também penso que talvez tu carregue um vazio para o resto da vida, sem saber de onde vem, que tu sinta falta de mãe, mesmo tendo a tua aí ao lado. Tu ficaria confuso, tentando encontrar o que há de errado.

Por isso decidi escrever, quando te sentir assim, tu entenderá que é de mim,

é da tua mãe verdadeira que tu sente falta.

É também para que eu não esqueça.

Para que uma parte da minha memória fique aqui, uma prova concreta da verdade irrefutável que eu já conheço, eu jamais vou esquecer. Eu não poderia. O cheiro azedo e doce do teu suor, quando eu te amamentava, o calor do nosso momento. O desenho da tua boquinha, tão rosada e como tu a abria para dar uma mordida sem dentes no meu queixo. Uma boquinha nua que sorria sempre ao me ver.

Amores não correspondidos. Muitos romances e tragédias começam assim. Mas nenhum caso pode ser tão destruidor como o amor não correspondido de um filho por sua mãe.

Eu sei bem pois sou eu a filha rejeitada.

Sou a parte perdedora de um triângulo amoroso que envolve meu irmão e minha mãe. O amor incondicional, prometido em filmes e novelas, ficou somente para ele. Eu fiquei com o resto, mesmo tendo sido a primeira. É como se o coração dela já o esperasse...

Por isso eu sei bem o que o amor de mãe, ou a ausência dele, podem causar. Sou uma sobrevivente desse trauma.

Vinte e sete anos sendo espectadora do sentimento ideal entre mãe e filho. Vinte e sete anos assistindo o que me fora negado. Muitas mentes desmoronam diante disso. Por sorte, ou apenas teimosia, não aconteceu comigo.

Depressão pós parto, a psicóloga disse.

Por dois meses a cada consulta tudo que eu fazia era tentar provar que te amava.

Dra. eu amo meu filho, mas,

*Tudo que vem antes do mas, na verdade, não importa*

Eu só estou cansada, muito cansada,

*Ah, você pensou que bebês dormiam 12 horas, que não teria que abrir mão de nada?*

Não, eu só queria um pouco de paz,

*Paz? Estar com seu filho é não ter paz?*

Não, não,

É só que eu tenho tantas coisas para fazer, não consigo cuidar de mim, tomar um banho direito, ler um livro,

*Essas coisas são mais importantes que o seu filho?*

Não, é que o meu trabalho, não sei,

Está complicado, muita demanda, muitas exigências, as vezes me pergunto se esse foi o melhor momento,

*Para ter seu filho?*

*Você não o queria?*

*Está arrependida do seu filho?*

*Que tipo de mãe você é?*

Não, eu não sei, eu só,

*Você queria perde-lo? Você não o merece.*

A imagem do teu rosto vinha em minha mente, tão doce, tão perfeito. Eu chorava.

A psicóloga em silêncio me fitava enquanto minha mente seguia a tortura.

Eu nunca imaginei que me sentiria assim. Não era em morte que eu pensava quando imaginava ser mãe. Mas eu dormia tão pouco, tão pouco.

E as minhas costas...

Bem, amamentar não é algo que se possa chamar de confortável e você não saía do peito, nem por um segundo. Olhei para o relógio que marcava três e quarenta, meus braços doíam, o peso da tua cabecinha pesava na minha carne.

Ainda pesava na minha carne.

Quando eu estava no fim da gestação desejava o teu nascimento para me livrar do peso do teu corpo no meu ventre, para que meus pés diminuíssem, para que minha lombar voltasse ao normal.

Ingenuidade. Quem ainda não tem um filho nunca consegue imaginar como é.

A gente acha que sabe, mas não é, não é nada disso. Lucas, quando tu tiver os teus filhos já fica sabendo que não é como tu pensa.

Eu tentei te colocar na cama de novo, tu chorou. Eu chorei. Teu pai dormindo ao meu lado, ressonava. Eu chorei de raiva. Raiva do sono do teu pai que não acordava com o choro, raiva das minhas costas que queriam estar deitadas, dos meus braços que queriam folga, raiva dos meus olhos que queriam fechar.

*Thiago, pega ele um pouquinho, não estou aguentando mais.*

A vontade era te desprender do meu corpo de qualquer maneira, era um incômodo físico, uma irritação, como etiquetas das roupas roçando na pele.

Teu pai suspirou.

**Estou com sono, amanhã eu trabalho.**

Eu, que além de tudo isso, estava com a bexiga cheia, apenas te soltei na cama. Tu rolou com a ausência do meu corpo. Teu pai foi obrigado a te pegar, ele mal disfarçava o desagrado.

Voltei do banheiro e ignorei os dois. Deitei. Eram lágrimas e suspiros. Teu pai dançando contigo enquanto tu chorava. Tuas lágrimas eram um lamento sem fim e eu sabia que tu queria mesmo era estar comigo, mamando. Mas eu precisava fazer isso. Era o que eu repetia para mim mesma, conforme o teu pranto ia me mutilando mais e mais.

Que desespero, eu ficava entre o impulso de te pegar e a necessidade de que teu pai fosse mais pai. Eu queria que ele entendesse. Tudo era tão difícil. A morte parecia mais fácil.

Se eu morresse as coisas estariam resolvidas, tantas preocupações e responsabilidades, desaparecendo na beira do meu caixão.

Tudo desaparecendo:

As tuas unhas tão fininhas tendo que ser cortadas uma vez por semana.

O sangue que jorrou do teu dedinho quando errei o cortador.

A culpa que eu senti depois disso.

O meu leite, sempre tão abundante, saindo em gotas na máquina de extração.

As horas que tu estaria sem mim e sem meu leite.

O potinho quase vazio na geladeira.

A lata de fórmula no armário.

A madrugada e o meu peito na tua boca.

O meu sono pesado que não termina quando o peito deveria sair da tua boca.

A tua tosse protestando contra meu leite.

O teu engasgo.

As tuas roupinhas ainda por passar.

A tua sopinha ainda por fazer.

As tua vitaminas, ferro e AD, esquecidas há dias.

As tuas vacinas.

A enfermeira que enfia a agulha na tua perninha.

Tua febre.

Minha impotência.

Tanto tanto tanto. Manter a tua vida envolvia tanto. E morte ao lado, seduzindo, tão simples, tão rápida.

Liberdade de mãe é sempre permitida, pedida, suplicada.

Eu não era mais a pessoa de antes. Uma parte de mim tinha morrido.

Certidão de óbito de uma mulher que era dona da própria vida.

Que comia e bebia. Que dormia. Que saía. Que lia. Que trabalhava.

Que era dona do seu próprio corpo.

Que se vestia, se despia, se movia.

Causa da morte: suicídio por parto, cesárea.

As vezes eu não conseguia tempo para escovar os dentes. Estava sempre sem brincos, cabelo amarrado, blusas frouxas que cediam aos puxões para amamentar.

E ainda tinha que ouvir os conselhos!

Tu não se cuida mais!

Homem é tudo igual, continua assim e vai ver o que vai acontecer.

Já está usando cinta?

Não vai fazer academia?

E o tratamento para estria?

Creme de celulite é uma beleza.

Vai virar bagulho só porque teve filho?

Vai fazer as unhas, pelo menos.

A tua avó esteve aqui, veio ver o Otávio. Olhando para ela hoje, o esforço era tão nítido. Ela te ama, mas queria amar o novo neto. Esse olhar dela, já tão familiar para mim, de quem está fazendo de tudo para ver um irmão do mesmo jeito que o outro. Quando era bebê, mamei muito pouco no peito, com três meses eu não quis mais. Meu irmão, pelo contrário, mamou até os dois anos. Quem sabe, então, acho que eu a rejeitei primeiro.

Eu não quero que tu pense que a tua avó é uma pessoa má, Lucas. Eu só te contei tudo isso porque eu queria que tu entendesse a minha atitude. Eu pensei no Otávio também. Talvez ter uma mãe que nunca consiga te amar seja bem pior que não ter uma mãe. Eu não sei como é não ter mãe, mas sobre a primeira parte eu posso opinar. Eu não desejo para o Otávio a vida que eu tive.

Rejeição — assim como o amor — de mãe é a coisa mais poderosa que existe no mundo. Eu não queria que o Otávio soubesse que eu nunca quis ele de volta, que eu teria escolhido ficar contigo, sem nem piscar os olhos. Que eu teria fugido contigo. Que eu preferia nem ter descoberto a troca.

Não te ver nunca mais iria acabar comigo, Lucas, e iria acabar com o Otávio também e, muito provavelmente, com o teu pai. Então minha ideia era só restringir o estrago, pois ele já é inevitável para mim. Eu aceitei que quando a gente ama um filho como eu te amo, Lucas, as vezes não cabe mais ninguém.

Eu perdoei a tua avó. Nada poderia ter mudado as nossas vidas. Eu entendi que o amor dela pelo meu irmão era tão forte que não sobrou nada para mim e não foi culpa dela, nem dele.

Não foi culpa nossa também, Lucas.

Tu é um bebê tão lindo. Quando mamava pousava a mão sob o meu seio e me olhava sério, tranquilo. Não sorria. Nem eu. Também te olhava. Havia tanto amor ali. Um amor sutil, suave. Mas não menos intenso.

Eu nunca desconfiei.

Nem quando comentaram que a tua pele era mais clarinha que a minha. Tem um lado alemão na família do teu pai.

Nem quando falaram que teus olhos castanhos estavam puxando para o verde. Minha tia avó tinha olho verde também.

Nem quando a pediatra disse que a tua média de crescimento indicava um adulto alto, de um metro e oitenta. O bisavô da tua tia era atleta.

Eu nunca te achei tão diferente de nós, mas quando eu vi Otávio, percebi, ele era uma pequena cópia do pai. Os olhos tão castanhos quanto os meus.

São lindos mas não são os teus.

Eu achava que quando tu nascesse iria te olhar e entender tudo. Era o que diziam, que quando eu visse o rosto do meu bebê tudo faria sentido. Por isso eu fui tomada de pavor quando enxerguei teu corpo frágil, tua alminha faminta, teu olhar berrando por algo, por mim, e nada, nada, além disso. Nenhum quebra-cabeça se montou. Nenhum estalo cósmico. Nenhum conhecimento materno ancestral que deveria estar correndo pelas minhas entranhas esperando para brotar, acionado pela tua presença. Nada.

Eu fiquei tentando conectar a tua imagem aos chutes que eu recebi durante meses.

Lucas, eu enfrentei tantos obstáculos para ser tua mãe. Esse abismo que se abriu em mim, ainda deitada na recuperação, precisando ser costurada em mais partes que não apenas o ventre. Procurando, desesperada, o prometido instinto. E a solidão que era te pegar no colo e ser tudo pra ti sem ser mais eu. E meus órgãos que ficaram esmagados durante a gestação, pareciam cair.

Ser tudo é um fardo. Ser teu alimento, ser tua cama. E tu não queria mais ninguém. Ainda que as batidas do meu coração não fossem aquelas que tu havia escutado por nove meses, só elas te acalmavam. Ainda que o meu cheiro não fosse aquele que tu havia inalado por nove meses, só ele te afagava. Ainda que o meu peito não fosse parte daquele corpo que havia te carregado por nove meses, só ele te acolhia.

Eu cochilava sentada, contigo nos braços, travesseiros embaixo deles para que tu não caísse. Eu comia uma carne picotada, usando só uma mão, o prato em cima da tua barriga. O meu banho era embalado pelo teu choro, sempre.

Meu colo era tua morada. O meu seio sangrou por dias.

Foi tu, Lucas, e não a criança que eu gerei, que assou o bico do meu seio com a língua áspera e a sucção ininterrupta. Eu contorcia os pés quando antevia tua fome, quando te aproximava do meio seio exposto, para te alimentar. O leite passava pela carne viva, eu sentia mil agulhas. Amamentar era cortante.

Eu enfrentei tantos obstáculos para ser tua mãe, Lucas, que agora não consigo deixar de ser. Eu não aprendi a ser mãe. Eu aprendi a ser **tua** mãe. Não posso des-ser. Não posso ser a mãe do Otávio. Eu já tenho um filho.

Lucas, meu filho.

Hoje eu me violencei. Violei o teu lugar sagrado. Thiago disse que eu tinha que amamentar o Otávio.

**Ele é nosso filho. É ele.**

*Esse bebê não é meu, Thiago.*

**Clara, para com isso. Ele tem nosso sangue. Ele é o nosso bebê, que voltou para nós, como um milagre.**

Milagre catástrofe. Milagre do inferno. Maldita biotinidase.

*Eu não quero.*

Teu pai, ah, os pais, como têm memória mais curta que as mães, teu pai foi chegando com ele, forçando. Otávio também não me queria. Quando teu pai colocou a boca dele no bico do meu seio, ele cuspiu, os bracinhos se debatiam. Nós chorávamos. Teu pai continuou insistindo que esses dois estranhos que não se queriam fossem uma mãe e um filho se reencontrando.

Eu não queria empurrar, eu juro que não queria machucar um bebê, mesmo que não fosse meu. Mas meu corpo repelia aquela cria, como um animal de outra espécie. Teu pai, Lucas, tu precisa entender, que teu pai não deixou de te querer, mas ele queria o Otávio também. Por ele, as duas crianças ficavam conosco. Ele sofreu muito. Mas eu sei o que ele via quando olhava para o Otávio, era como um espelho.

Eu via só a minha dor.

Dor dilacerante aquela de ver você indo, meu filho.

A polícia ali, garantindo.

Que a gente não se matasse. Sim, que duas famílias destroçadas, que tiveram seus filhos misturados, confundidos sei lá como, não se matassem.

Que a gente trocasse as crianças. Sim, era ordem sem escapatória que as crianças fossem trocadas, que o meu Lucas, tu, fosse entregue para outra mãe, que o Otávio fosse largado nos braços do teu pai. Eu te segurei forte, com garras bem fincadas na tua cobertinha, mostrando os dentes, as lágrimas-ácido descendo como defesa, tudo dizia “não encoste em mim”. A

outra mãe já tinha alcançado o Otávio para o Oficial e me olhava. Já tinha feito a parte dela, não iria embora sem nada, sem filho nenhum.

**Também não é fácil para mim, Clara.**

Eu sabia que tinha que fazer, mas os meus braços estavam rígidos. Teu lugar era comigo, tu colocava as mãos no meu rosto, sentindo a minha tensão. Ou eu te entregaria, ou te arrancariam. Lucas, eu queria ter sumido contigo. Não me culpe por não ter lutado por ti, eu pensei tanto nisso. Mas não tinha solução.

Lucas, eu também não consigo me perdoar.

Pela deficiência da biotinidase que eu passei para o Otávio e foi aparecer no exame de sangue.

Por ter atendido ao telefone naquela tarde e ter ido ao Hospital.

Por não ter contatos criminosos que forjariam documentos pra nós.

Por não ter dinheiro para pagar um jato particular e voar para algum país qualquer sem extradição.

Por não ter sido o meu útero que te gerou.

...então eu entendo que tu talvez não consiga.

Lucas, eu pensei que o buraco negro que ficou no meu colo ia me engolir. Eu até queria isso.

Não quis tocar no Otávio. Teu pai chorava olhando pra ti, pra ele, pra mim.

Eu caí no chão, qualquer que fosse a energia que me manteve em pé enquanto eu te via partir, sumiu junto contigo.

Destino perverso esse que me fez ser tua mãe e te perder.

Tua avó saiu daqui agora pouco. Eu ainda não consegui regular a minha respiração. É horrível como ela me desestabiliza. Chorei de raiva com cada palavra hipócrita que saiu daquela boca. Como se ela pudesse me julgar.

**Tu tem que superar isso, Clara.**

*Isso o que?*

**Esquecer, minha filha.**

*Não estou entendendo.*

**Tu sabe.**

*Mãe,*

**O Lucas.**

*Eu nunca vou esquecer o Lucas.*

**Ele não é teu filho, não de verdade, eu sei que,**

*Não fala mais nada.*

**Eu sei que vai ser difícil, mas tu tem que focar no Otávio, ele é teu filho, ele é teu sangue. Tu viveu só nove meses com o Lucas e tem uma vida com o Otávio pela frente. Nove meses não é tanto tempo.**

*Tempo? Tempo é o que define o amor? Quer dizer então que se meu irmão tivesse morrido com nove meses finalmente tu poderia ter me amado? Tu teria focado em mim. Afinal de contas eu fui tua filha por mais tempo que ele.*

**Clara, não estamos falando sobre mim. Eu também me apeguei ao Lucas, mas se a gente não superar, isso vai nos consumir.**

*Já me consome todos os dias, todos os dias, durante esses três meses em que eu não posso ver o meu filho. E só de pensar que nunca mais vou ouvir a risada dele eu sinto vontade de*

*Eu desabei, Lucas.*

E ela foi ela. Imóvel, sem reação, assustada, porque nunca foi minha mãe e não sabe me consolar.

Ela virou as costas.

Talvez se a visse de frente andando pela rua eu nem a reconhecesse, só a vejo de costas.

E foi embora. Eu fiquei afogada no pranto que ela provocou.

Nós dormíamos juntos desde que te levaram para o meu quarto no hospital. Tu ficou trinta minutos no berço ao lado da minha cama e, de repente, como quem percebe que aquele lugar não é o seu, abriu a boquinha em formato de dor. Teu choro pedia socorro, eu tive que te salvar da solidão plástica e fria. Te aconcheguei entre o braço e o peito e isso virou nosso jeito de dormir. O sono chegava para nós sempre entrelaçado. Cheirinhos de ninar.

Durante a madrugada, mesmo depois de já estar entregue, totalmente inconsciente, tu procurava o seio, farejando de boquinha aberta, como um cachorrinho. Meu filhote. Meu leite era tão doce, o odor do açúcar guiava teu olfato, esfregando o rosto na minha pele até encontrar.

Eu fico me remoendo, Lucas, pensando como será que tu está dormindo agora. Eu não estou conseguindo. O Otávio dorme no berço, no outro quarto. Na hora de embala-lo, eu canto tão alto para tentar abafar os gritos que estão na minha cabeça.

Eu faço de conta que trabalho numa creche e estou cuidando do bebê de alguém. A realidade é mais ou menos assim.

Eu queria gritar. O tempo todo, na minha garganta, moravam gritos. Mas se eu soltasse, ah, tua avó, teu pai, estavam só esperando eu soltar os gritos para me internar em algum canto qualquer, sendo punida por não querer o Otávio.

Resolvi escrever, transformar os gritos em palavras.

Fazer um escrito da dor.

Um esgrito.

Não consigo chegar perto do Otávio. Ele estar aqui me lembra que você não está, meu amor. As tardes foram longas e agora são piores ainda. Teu pai percebeu que o Otávio passava horas chorando sem que eu conseguisse atendê-lo, por isso tirou uma licença.

Está cuidado ele mesmo do pequeno intruso.

Sinto a decepção diária com que ele me fita. Uma mãe criminosa. Ele nunca vai entender que não sou a mãe dessa criança e que sangue nenhum no mundo pode me forçar a ser.

Sentada na frente da porta do quarto do Otávio enquanto ele gritava dentro do chiqueirinho.

Imóvel. Eu deveria ir até ele, pegar no colo, embalar.

Negligência!

Thiago correu para socorrer o menino e aproveitou pra dizer tudo que estava entalado, que eu estava piorando tudo e ficando louca, que eu precisava de ajuda profissional e que já chega, ele não iria mais suportar isso, que ele tinha um filho para cuidar.

Achei engraçado, aquele homem que delegou praticamente todos os teus cuidados básicos a mim por nove meses, agora tão pai, tão superior.

Meu tempo estava acabando, Lucas. Eu tinha tantas outras coisas para te contar da nossa história, mas não há mais tempo. Ninguém pode absolver uma mãe que não quer ser mãe. É o pior pecado de todos, imperdoável.

Então, Lucas, essas são as últimas palavras que não sei se um dia tu chegará a ler. Talvez seja melhor que não.

Eu te amei e amarei para sempre. Mais que qualquer pessoa. Espero que ela, a outra, tenha te amado também.

Obrigada por ter sido um pouco meu.

*Mamãe.*

Otávio não encontrou dificuldades para localizar Lucas. Foi ele que organizou os pertences do pai depois da sua morte. Acabou achando o caderno de Clara, escondido sob roupas velhas. Quantas mentiras o pai tinha contado: sua mãe era uma santa e o amou até o último suspiro. Mas era perturbada, coitada.

Ainda sim, ele sentiu pena daquela mulher destroçada que leu nas páginas do caderno. E, afinal de contas, aquela herança não era sua. Ele já tinha coisas o suficiente com as quais lidar. Entregaria o caderno ao Lucas, seu quase irmão, e ele que decidisse se iria ler. Será que a mãe de Lucas estava viva, será que sentiu sua falta como Clara sentiu do outro filho?

Descobriu que sim.

— A mãe sempre falou de você, Otávio. Mas nunca me deu muitas informações sobre a minha... sobre a Clara.

— Ela se matou, depois de escrever algumas folhas desse caderno. Ela te amava muito.

Lucas recolheu sua herança das mãos de Otávio.

Ele leu.

**Tetas abandonadas**

Ao fim não restou nenhum. Todos foram levados, dia após dia, justo por aqueles a quem ela tanto amava.

A quem entregaram? Não sabia. Havia apenas a plena certeza de que nunca mais os veria, nem sentiria o cheiro deles, ou escutaria seus chorinhos mimosos e famintos.

As tetas pendiam próximas ao chão, já saudosas dos filhos arrancados.

*Carta número 6.*

*Ou “aquela carta que escrevi chorando”.*

*Arthur, uma das piores tragédias que poderia acontecer nos acometeu.*

*Perdemos a dinda Gil, a dindinha.*

*Quando ela morreu, eu não conseguia escrever sobre outra coisa, tinha um peso arrebatando meu coração. Depois de um tempo eu apenas não conseguia escrever nada, assunto nenhum.*

*As pessoas não parecem perceber tudo que nós perdemos.*

*Meu filho, em quantos surtos de choro eu pensei em tudo que tu nunca vai viver com ela, quantas vezes imaginei as reações que ela teria diante das tuas façanhas e as coisas todas que ela te ensinaria. A desgraçada certeza de que ninguém nunca vai nos amar como ela nos amou.*

*Sim, muitos nos amam, mas não como ela.*

*Quantas eu vezes eu pedi, já tarde demais, por um pouco de tempo, para que ela pudesse te ver falando e cantando, não mais um bebê de colo, tão alheio a sua própria existência. Claro que eu escrevo tudo isso com os dedos sangrando. Perdemos tanto. É incalculável.*

*Um único aniversário. Foi só isso que tivemos, apenas o teu primeiro ano de vida. As vezes me consolo pensando que pelo menos tivemos isso diante da possibilidade mais assoladora ainda de que ela sequer tivesse te conhecido.*

*Mas é tão pouco.*

*Eu prometi que te contaria todas as histórias, mas hoje, dois anos depois, nem consigo pensar nela sem que a vontade incontrolável de jorrar a minha dor apareça.*

*Nos primeiros meses tu ainda falava nela, perguntava, balbuciando a “didi Gil”. Hoje tu sabe que a dindinha Gil mora nas estrelas e que nos cuida de lá. Tu já sabe que a mamãe as vezes chora (“as vezes” é o que tu vê, a mamãe chora sempre) por saudade da dindinha.*

*Mas eu vou te contar, sim, Arthur, nem que seja em prantos, que eu perdi a minha maior fã, a pessoa que leu tudo que eu já escrevi na vida (até maio de 2020), a pessoa que vibrava com qualquer coisa que eu fizesse, por mais idiota que fosse.*

*Vai ser estranho, filho, defender essa Tese sem que ela esteja lá. Vai ser entranho casar sem que ela esteja lá. Estou conformada, sei que tudo que possa ocorrer nas nossas vidas vai ser permeado pela ausência dela. Sempre vou observar a vida que acontece pensando “se a dindinha estivesse aqui...”.*

*Quando eu te vejo dançando na casa dela, ao lado do som dela, eu a vejo junto. A dindinha adorava dançar e foi ela que me fez gostar de Legião Urbana, “vai ser difícil sem você, porque você está comigo o tempo todo”. Aliás, não posso ouvir essa música sem derramar lágrimas, esses dias foi em um restaurante. É, chorei comendo panqueca.*

*Sabia, Arthur, que quando fomos na praia a dinda dizia pra todo mundo que era tua vó? Como eu vou conseguir te explicar o tamanho do amor que ela sentia por ti? E por mim? Impossível, filho.*

*Quando fui ao Hospital a última vez, disseram que ela já estava perdendo a consciência e não se lembrava de ninguém. Foi no dia das mães, Arthur. Uma data que sempre dividi entre as dindas e a vó Lúcia. Achando que a dinda não veria a minha tristeza, chorei ao pé da maca, mas ela acordou. E me reconheceu. Ela perguntou “por que tu tá chorando, minha filha?”, eu não soube o que dizer, então falei que estava feliz por poder visitá-la no dia das mães. Ela pareceu surpresa com a data, já é dia das mães, eu disse que sim, eu te amo muito. Ela respondeu “tu é o amor da minha vida”.*

*Eu carrego essa frase, Arthur, mesmo que as pessoas não entendam o meu sentimento. Eu era o amor da vida dela. E provavelmente tu também. Mesmo internada e sofrendo com muitas dores, quando eu enviava teus vídeos ela beijava a tela do celular.*

*Eu carrego a certeza do que fomos uma para a outra. Pensávamos que nosso amor vinha de outras vidas. Era a única explicação. Nós gostávamos das mesmas músicas, das mesmas séries, dos mesmos livros e filmes. Ela ia comigo assistir as peças na PUCRS.*

*A saudade é devastadora, Arthur. É inconcebível que ela não esteja mais aqui.*

## REFERÊNCIAS

- ADORNO, T. W. *Teoria Estética*. São Paulo: Martins Fontes, 1973.
- ALENCAR, J. *Mãe*. In: \_\_\_\_\_. *Obra completa*, v. 4. Rio de Janeiro: Aguilar, 1958.
- \_\_\_\_\_. *Senhora*. São Paulo: Ática, 1975.
- \_\_\_\_\_. *Iracema*. São Paulo: Ática, 1991.
- ALMEIDA, Manuel Antônio de. *Memórias de um sargento de milícias*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1963.
- ASSMANN, Aleida. *Espaços da recordação: Formas e transformações da memória cultural*. Campinas: Editora da Unicamp, 2011.
- AZEVEDO, Aluísio. *O mulato*. São Paulo: Editora Moderna, 1994.
- BADINTER, Elisabeth. *Um Amor conquistado: o mito do amor materno*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- \_\_\_\_\_. *O conflito: a mulher e a mãe*. Rio de Janeiro: Record, 2011.
- BALOCCO, Anna Elizabeth. Discurso e identidade: o sujeito lacaniano na teoria política de Ernesto Laclau. In: JOBIM, José Luís. PELOSO, Silvano. (Orgs.) *Identidade e Literatura*. Rio de Janeiro: de Letras, 2006.
- BARRETO, Lima. *Clara dos Anjos*. Rio de Janeiro: Mérito, 1948.
- BATALHA, Martha. *A vida invisível de Eurídice Gusmão*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- BEI, Aline. *O peso do pássaro morto*. São Paulo: Editora Nós, Edith, 2017.
- BETTELHEIM, Bruno. *A psicanálise dos contos de fadas*. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2002.
- BENVENISTE, Émile. *Problemas de Linguística Geral*. São Paulo: Unicamp, 1988, v. I.
- BERND, Zilé. *Literatura e identidade nacional*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1992.
- BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.
- BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina: a condição feminina e a violência simbólica*. Rio de Janeiro: BestBolso, 2017.
- BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 2017
- BRANCO, Lucia Castello. BRANDÃO, Ruth Silviano. *A mulher escrita*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2004.
- BRUM, Eliane. *Uma duas*. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2018.

BUTLER, Judith. *Relatar a si mesmo: Crítica da violência ética*. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

\_\_\_\_\_. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

CANDAU, Joël. *Memória e identidade*. São Paulo: Contexto, 2014.

CASTELLO, José Aderaldo. *A Literatura Brasileira: Origens e Unidade (1500-1960)*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1999.

CONTARDI, Laura Aldana. *Cuerpos, voces y emergencias*. In: MUÑOZ, Marisa. VELA, Liliana. (Orgs.) *Afecciones, cuerpos y escrituras: políticas y poéticas de la subjetividad*. Mendoza: Universidad Nacional de Cuyo, 2013.

DOS SANTOS, Magda Guadalupe. *O feminismo na história: suas ondas e desafios epistemológicos*. In: BORGES, Maria de Lourdes; Tiburi, Márcia. (Orgs.) *Filosofia: machismos e feminismos*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2016.

FORNA, Aminatta. *Mãe de todos os mitos: Como a sociedade modela e reprime as mães*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1999.

GROSZ, Elisabeth. *Corpos reconfigurados*. In: *Cadernos Pagu* (14). Campinas: UNICAMP, 2000.

LEVY, Tatiana Salem. *A chave de casa*. Rio de Janeiro: Record, 2009.

MATOS, Maria Izilda S. (Org). *O corpo feminino em debate*. São Paulo: Editora Unesp, 2003.

MELLO, Ana Maria Lisboa de. *Introdução*. In: MELLO, Ana Maria Lisboa de. (Org.) *Escritas do eu: introspecção, memória, ficção*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2013.

MEYER, Dagmar E. Estermann. *A politização contemporânea da maternidade: construindo um argumento*. *Revista Gênero*, v.6 n.1, 2005. Disponível em: <<https://ieg.ufsc.br/storage/articles/October2020/02112009-120724meyer.pdf>>. Acesso em 12/03/2022.

MOISÉS, Massaud. *História da Literatura brasileira: romantismo (v.II)*. São Paulo: Cultrix, 1985.

MONTEIRO, Maria Conceição. *Identidades fragmentadas nos círculos de medo e desejos*. In: JOBIM, José Luís. PELOSO, Silvano. (Orgs.) *Identidade e Literatura*. Rio de Janeiro: de Letras, 2006.

NEJAR, Carlos. *História da Literatura Brasileira: Da carta de Caminha aos contemporâneos*. São Paulo: Leya, 2011.

NOGUEIRA, Nádia Cristina. *Escrita de si, escrita autobiográfica em Elizabeth Bishop*. In: ARRUDA, A.A. [et. al.] (Orgs.) *A escritura no feminino: aproximações*. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2011.

OLIVEIRA, Paloma do Nascimento; OLIVEIRA, Tássia Tavares de. *Reflexões feministas e maternas em narrativas contemporâneas escritas por mulheres*. Revista Letras Raras. Campina Grande, v. 10, n. 4, p. 79-97, dez. 2021.

PAIM, Brisa. *A morte de Paula D.* Maceió: EDUFAL, 2009.

PRADA, Monique. *Putafeminista*. São Paulo: Veneta, 2018.

RAMAGLIA, Julia Boggia-Juan. Políticas de la voz u la mirada o de los mapas de lo posible. In: MUÑOZ, Marisa. VELA, Liliana. (Orgs.) *Afecciones, cuerpos y escrituras: políticas y poéticas de la subjetividad*. Mendoza: Universidad Nacional de Cuyo, 2013.

REZENDE, Maria Valéria. *Quarenta dias*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2014.

SAAVEDRA, Carola. *O mundo desdobrável: ensaios para depois do fim*. Belo Horizonte: Relicário, 2021.

STEVENS, Cristina Maria Teixeira. Maternidade e feminismo: diálogos na literatura contemporânea. In: STEVENS, Cristina (Org.). *Maternidade e Feminismo: diálogos interdisciplinares*. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2007.

SÜSSEKIND, Flora. *Tal Brasil, qual romance? Uma ideologia estética e sua história: o naturalismo*. Rio de Janeiro: Achiamé, 1984.

XAVIER, Elodiá. *Que corpo é esse? O corpo no imaginário feminino*. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2007.

ZALCBERG, Malvine. *A relação mãe e filha*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003.

ANEXO A – pequeno diário visual da amamentação

